



PUC  
RIO

Marília Etienne Arreguy

Entre o excesso e a ausência -

O ciúme amoroso nas narrativas psicanalítica e literária

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, 20 de abril de 2001.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

N.Cham. 150 A774 TESE UC  
Autor Arreguy, Marlia Etienne  
Titulo Entre o excesso e ausência



Ex.2 FUC-Rio - PUCB

00195134

Marília Etienne Arreguy

**Entre o excesso e a ausência –  
o ciúme amoroso nas narrativas psicanalítica e literária**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Departamento de  
Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do  
Rio de Janeiro como requerimento parcial para  
obtenção do título de Mestre em Psicologia  
Clínica.

Orientadora: Claudia Amorim Garcia

Rio de Janeiro, abril de 2001.

112219



36  
2

150  
A774  
TESE UC  
BX. 2

*À memória de meu pai, inspirador de belos ideais;*

*A minha mãe, que sempre me incentivou;*

*Ao João, querido companheiro.*

## Agradecimentos

Agradeço a todos – amigos, familiares, colegas e professores – que colaboraram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho, em especial:

- a minha orientadora, Cláudia Amorim Garcia, que imprimiu qualidade e rigor a esta, através de suas infinitas indagações, correções e ensinamentos valiosos;
- a Ana Cecília Carvalho, por seu incentivo, ajuda e textos inspiradores de um trabalho no entremeio de psicanálise e literatura;
- a Maria Teresa de Mello Carvalho, pelos primeiros passos em psicanálise e por suas atenciosas leituras e críticas enriquecedoras;
- ao professor Octávio de Souza, pelas dicas precisas;
- ao professor Benilton Bezerra Jr. e colegas de grupo pela oportunidade de apresentar este tema nos seminários sobre *Narratividade e construção subjetiva* / IMS-UERJ;
- às grandes amigas, colegas e interlocutoras durante esses dois anos de trabalho árduo, Nicia Marcílio e Romina Gomes;
- a Natália Arreguy Kelly, Rodrigo Araújo Kelly e sobrinhos pelo carinho, apoio e indispensável infra-estrutura nesse período;
- a Maristela Duarte Garcia e a Eudis José Garcia de Lima, pela experiência clínica;
- aos meus primeiros alunos do grupo de leitura sobre Psicologia do Desenvolvimento – 99/2, pela confirmação do desejo de lecionar e, à titular dessa cadeira, Sara Kislanov, por seu estimulante reconhecimento;
- a conterrânea Ângela Lobo e a Ary Band, pela confiança;
- às leitoras Flávia Bali e Vera Malaguti Batista, pelo reconfortante apoio final;
- ao *Grupo de Estudos em Filosofia*, em nome de Nina Reis Saroldi;
- aos professores e colegas da formação em Língua Francesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal Fluminense;
- ao *Grupo de Estudos em Psicanálise e Subjetividade Contemporânea* – PUC-Rio;
- ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio, em nome de todo corpo docente e dos sempre gentis funcionários, Marise, Verinha e Dudu;
- ao Instituto de Medicina Social da UERJ e à Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ, pela chance de participar de seus corpos discentes como aluna especial;
- a CAPES pelo financiamento deste estudo.

## Palavras-chave

- ciúme amoroso
- psicanálise
- ferida narcísica
- rivalidade edipiana
- literatura
- romantismo
- pós-modernismo

### **Mots-clés:**

- jalousie amoureuse
- psychanalyse
- blessure narcissique
- rivalité oedipienne
- littérature
- romantisme
- pos-modernisme

## Resumo

O estudo que aqui apresentamos segue o percurso trilhado por diversos autores que, apoiando-se nas elaborações de Sigmund Freud, Melanie Klein e Jacques Lacan, se dedicaram, em alguns momentos, à investigação do ciúme amoroso. São múltiplas as formas em que esse afeto é descrito pelos psicanalistas, tendo o ciúme sido relacionado a alguns conceitos metapsicológicos como narcisismo e complexo de Édipo, bem como às estruturas psicopatológicas encontradas na clínica psicanalítica. Para além do ciúme normal, o ciúme patológico é classicamente associado ao delírio e ao homossexualismo recalçado. Além disso, enfatizamos aqui as relações do ciúme amoroso com a depressão e com a perversão.

Devido às variadas formas em que o amor é encarado pela sociedade e, também, à multiplicidade que o ciúme assume diante de diferentes descrições narrativas, são esboçadas configurações particulares desse afeto, quer pelo seu excesso, quer por sua intrigante ausência.

A partir, então, de uma cartografia psicanalítica do ciúme amoroso, avaliamos através da literatura brasileira representada pelo romance de Machado de Assis – *Dom Casmurro* – e pelo romance de Rubem Fonseca – *E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto* –, as inúmeras formas em que esse sentimento pode estar presente nas histórias ficcionais de diferentes épocas.

## Résumé

L'étude que nous présentons ici suit le parcours tracé par divers auteurs qui, en poursuivant les élaborations de Sigmund Freud, Melanie Klein et Jacques Lacan, se sont dévoués en quelques moments à l'investigation de la jalousie amoureuse. Parmi les psychanalistes, les façons que cette affection est décrite sont trop diverses, la jalousie ayant été rapportée aux concepts métapsychologiques comme le narcissisme et le complexe d'Œdipe, aussi bien qu'aux structures psychopathologiques trouvées à la clinique psychanalytique. Au delà de la jalousie normale, la jalousie pathologique est classiquement associée au délire et à l'homosexualité refoulée. En outre, nous mettons en relief ici, les relations entre jalousie et dépression ou perversion.

À cause des différentes manières d'envisager l'amour dans la société et, aussi, à cause de la multiplicité de sens que la jalousie prend devant de différents contextes sociaux, sont ébauchées des configurations particulières de cette affection, soit par son excess, soit par son absence. Alors, à partir d'une cartographie psychanalytique de la jalousie amoureuse, nous évaluons à travers la littérature brésilienne représentée par le roman de Machado de Assis – *Dom Casmurro* – et par le roman de Rubem Fonseca – *E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto* –, les nombreuses façons de présenter ce sentiment dans les histoires fictives de différentes époques.

Substituímos na nossa escrita corrente os termos psicanalíticos: ego, superego, id, repressão, instinto e catexia, encontrados na *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)*, por eu, supereu, isso, recalque, pulsão e investimento, devido a estes serem sabidamente mais fidedignos aos conceitos originais usados por Freud, reservando a menção àqueles apenas nas citações retiradas literalmente da *ESB*.

*Dorme a flor do Chico meio dia  
Tudo esbarra embriagado de seu lume  
Dorme ponte, Pernambuco, Rio, Bahia  
Só vigia um ponto negro, o meu ciúme*

*O ciúme lançou sua flecha preta  
E se viu ferido justo na garganta  
Que nem alegre, nem triste, nem poeta  
Entre Petrolina e Juazeiro canta*

*Velho Chico vens de Minas  
De onde o oculto mistério se escondeu  
Sei que o levas todo em ti  
Não me ensinas  
E eu sou só eu, só eu, só*

*Juazeiro nem te lembras desta tarde  
Petrolina nem chegaste a perceber  
Mais na voz que canta tudo ainda arde  
Tudo é perda, tudo quer buscar, caê*

*Tanta gente canta, tanta gente cala  
Tantas almas esticadas no curtume  
Sobre toda a estrada, sobre toda a sala  
Paira, monstruosa sombra do ciúme.*

*(...)*

*E eu sou só eu*

*Só eu, só,*

*Fu.*

*O ciúme de Caetano Veloso*

## Sumário

<i>Apresentação</i> .....	1
<i>1. Um tipo de amor exclusivamente ciumento</i> .....	13
1.1. A intensidade como o primeiro fundamento.....	16
1.2. Bissexualidade e homossexualidade recalçadas: os 'fermentos' do ciúme.....	21
1.3. Um afeto estruturante.....	28
<i>2. Narcisismo e Édipo entrelaçados</i> .....	35
2.1. O ciúme do outro como evidência da paixão de si.....	37
2.2. A imagem do rival: um retorno pulsional.....	41
2.3. A ferida narcísica como o primeiro tempo da dor ciumenta.....	46
2.4. A dinâmica do ciúme em relação às instâncias ideais.....	52
<i>3. Configurações contemporâneas de uma psicanálise do ciúme</i> .....	57
3.1. Um ciúme depressivo.....	58
3.2. A anulação do outro: algumas relações entre ciúme e perversão.....	66
<i>4. Por uma crítica psicanalítica literária</i> .....	73
4.1. Uma personagem romântica sob a multifacetada lente machadiana.....	79
4.1.1. A avidez de um olhar apaixonado.....	84
4.2. Entre velhos e novos, valores invertidos.....	102
4.2.1. Um 'mundo prostituto' em que a morte é o único limite.....	109
<i>Da ilusão romântica ao vazio pós-moderno</i> .....	123
<i>Bibliografia Geral</i> .....	129
Bibliografia Literária.....	138
Reportagens.....	140

## Apresentação

Discutimos, nesta dissertação, algumas reflexões sobre o ciúme amoroso a partir da interface entre psicanálise e literatura. Aproximarmo-nos do campo da literatura num encontro com a psicanálise em extensão significa tomar essas duas formas de conhecer o mundo como legítimas construções do inconsciente.

Os diversos temas com os quais a psicanálise se ocupa atualmente são trabalhados a partir do enfoque de diferentes escolas e/ou tradições psicanalíticas. Isso ocorre da mesma maneira com o tema do ciúme. Neste trabalho interessa-nos, prioritariamente, estudar os conceitos psicanalíticos que propiciam uma compreensão do ciúme, considerando autores clássicos e, também, contemporâneos. Para tanto, é necessário que o texto freudiano seja retomado em sua origem, no sentido de encontrar nele e demonstrar para o leitor não só as definições clássicas do ciúme, mas seus contrapontos e suas possíveis contradições.

Jean Laplanche (1987), em seu livro *Novos fundamentos para a Psicanálise*, defende como óbvia a necessidade de um retorno aos fundamentos da tradição psicanalítica, ancorada logicamente no texto freudiano. Um retorno a Freud, para Laplanche (1987) significa:

(...) questionar, (...) arguir, (...) problematizar a partir de um tema de aparência clássica na psicanálise freudiana. Problematizar é abalar, é pôr à prova, até os fundamentos, toda a experiência psicanalítica. (...) A partir desses questionamentos radicais, violentos, é necessariamente uma nova temática, novas ordenações, novos conceitos ou uma nova organização dos conceitos que se desenha. (p.1)

Assim, como nos mostra Laplanche (1987), nossa intenção não é a de um retorno ingênuo, que simplesmente venha a repetir a literalidade do texto, mas um reencontro com as origens que permita uma desconstrução e que vise justamente um re-arranjo do nosso tema. A intenção de retomar Freud, partir de Freud, visa, enfim, tornar clara e mais abrangente a chance de interlocução com outras abordagens psicanalíticas.

É o ciúme da criança em relação a sua mãe que vai originar o que Freud (1922) denominou como ciúme normal ou competitivo, um ciúme inerente às relações amorosas

adultas e, supostamente, subordinado a uma certa “convenção de tolerância social” (*ibid.*: 238). Freud (1922) diz que as condições essenciais do ciúme normal são “(...) achar-se enraizado no inconsciente (...)” (p.237) e “(...) originar-se do complexo de Édipo ou de irmão e irmã (...) do primeiro período sexual” (*ibid.*).

De acordo com Freud (1924), com a “dissolução do complexo de Édipo”, a criança vai transpor o amor dirigido aos pais para outras figuras, identificando-se com os antigos rivais e recalçando o investimento incestuoso de objeto. Esse processo torna inócuo, ou pelo menos não tão conflitivo, o ciúme sentido na relação materna primária. O sujeito silencia temporariamente o ciúme outrora experimentado porque substitui seu objeto de desejo primário por outros objetos, encontrando novas formas de investir sua libido. Há pois uma mudança na intensidade do ciúme, isto é, há uma atenuação do ciúme infantil através do recalçamento da sexualidade incestuosa. Supondo a eficácia do recalçamento e o papel das identificações no declínio do Édipo, é então após o período de latência, com o início da vida amorosa do sujeito, que o ciúme pode vir a ser revivido. Cabe esclarecer quais vicissitudes psíquicas estão ligadas à intensificação desse sentimento no adulto.

Além de Freud, Melanie Klein também representa uma contribuição de destaque na discussão sobre o ciúme, principalmente por defini-lo como um afeto contíguo e, ao mesmo tempo, ‘mais evoluído’ estruturalmente do que a inveja, tema ao qual a autora se dedica mais extensamente. Lacan é o outro autor que faz parte do caminho que traçamos para o conhecimento psicanalítico do ciúme; cujas reflexões, especialmente no que concerne ao conceito de *complexo de intrusão*, são bastante relevantes. Então, a partir da leitura desses autores clássicos, contrastamos as suas idéias com as de autores contemporâneos, em sua maioria representantes de uma tradição francesa, que problematizaram a fundo as vicissitudes do ciúme pela via da psicanálise, tendo alguns deles se utilizado também de uma abordagem psicanalítica literária (Athanassiou Popesco, 1997; Castellano-Maury, 1997).

A partir da produção desses autores podemos dizer que o ciúme amoroso é uma manifestação afetiva que se apresenta sob as mais variadas formas, que se colocam enquanto objeto de investigação para a psicanálise, principalmente, devido à recorrência dos casos clínicos onde o ciúme amoroso tem uma função determinante (cf. p.e.: Freud,

S., 1909, 1911, 1920, 1922; Lagache, 1947, 1949; Chatterji, 1948; Pao, 1969; Coen, 1987; Urtubey, 1984, 1997; Vasse, 1995; Lachaud, 1998) e, também, devido à necessidade de uma maior compreensão sobre essa temática do ponto de vista metapsicológico. Devido à incidência do ciúme amoroso nos relatos clínicos, uma produção mais específica sobre isso vem surgindo através de trabalhos mais recentes como, por exemplo, os de Denis Vasse (1995), de Denise Lachaud (1998) e de autores que publicaram no volume 61 da *Revue Française de Psychanalyse* (1997), dedicado ao tema.

Nosso trabalho consistiu, então, em trabalhar a produção psicanalítica clássica, para então dar voz a autores contemporâneos, buscando junto a eles os caminhos teóricos mais profícuos para a elucidação do ciúme. A seguir, voltamo-nos para a narrativa literária, na expectativa de nela encontrar outras descrições do ciúme, que então, visamos cotejar com aquelas desenvolvidas pela psicanálise.

De tacada, diríamos que o ciúme marca uma situação de exclusão, quando o sujeito se sente privado da troca amorosa. A possibilidade de perda ou a ameaça da perda da relação com a mãe com a entrada de um rival, isto é, com o nascimento de um irmão, foi o que norteou nossa pesquisa acerca do ciúme entre irmãos (Arreguy, 1998), através da qual percebemos que a origem do ciúme em decorrência da ameaça de perda da mãe se relacionava não só ao nascimento de um irmão, mas principalmente à qualidade do vínculo materno primário, o que nos levou ao estudo do narcisismo em Freud (1914) e seus correlatos: a identificação narcísica, a ferida narcísica e a formação das instâncias ideais. Por outro lado, as hipóteses acerca do complexo de Édipo também são fundamentais para nossas formulações na medida em que a triangulação edipiana se configura como o marco inaugural da manifestação do ciúme. Então, nossa pretensão neste trabalho é de demonstrar de que formas narcisismo e complexo de Édipo influenciam nas diferentes manifestações de ciúme, as quais supomos que tomam um ou outro acento de acordo com a concepção de sujeito que prevalece em um dado contexto, o que marca nosso interesse pelo enfoque sócio-histórico no estudo psicanalítico do ciúme. Ora, apesar de ainda sermos muito marcados pelos ditames patriarcais, sabemos que a construção da subjetividade na sociedade contemporânea sofre intensas

transformações (Jameson, 1983; Bauman, 1997; Calligaris, 1991; Freire-Costa, 1999; Birman, 1999), de modo que a idéia que se tinha das relações amorosas em outras épocas em muito difere da maneira em que os relacionamentos são pensados e vividos atualmente. Em outros momentos históricos – principalmente quando consideramos a influência maciça na sociedade ocidental do movimento romântico alemão do século XVIII – a relação amorosa era vista de maneira idealizada, sendo o ciúme, por conseguinte, um afeto naturalmente previsto, aceito e até mesmo cultivado entre os casais. Afinal, é também decorrente de uma tradição literária romântica (*vide* Lejarraga, 1999) a construção freudiana do conceito de complexo de Édipo como o complexo nuclear das neuroses (Freud, 1908:194), haja vista a importância da figura paterna e a análise prioritária da família nuclear, assim como o lugar central do amor em suas teorias (Freud, 1910, 1912, 1914, 1921, 1923, 1930).

De fato, a intenção de tratar do ciúme certamente nos conduz ao tema do amor. Quando falamos de amor instantaneamente nos ocorre a idéia de um conceito ‘indefinível’, de acordo com o senso comum: algo que jamais pode ser esgotado através de palavras. Entretanto, é possível categorizar diferentes noções filosóficas de amor, conforme Lalande (1926:53-6): amor paterno, amor à pátria, amor ao luxo, amor ao jogo, refletindo inclinações domésticas, corporativas ou individuais; inclinação sexual, sentido mais comum do termo; anti ou supra-egoísmo, isto é, amor ao próximo, amor a Deus, amor à Arte, etc. Bem, tomamos o amor em apenas um dos sentidos apontados por Lalande (1926:53): “inclinação sexual” em todas as suas formas e em todos os seus graus, o que nos afasta de qualquer noção escolástica ou moralista. O que nos interessa, então, são as relações amorosas que, segundo a psicanálise, derivam-se da sexualidade infantil e cuja manifestação depende das vicissitudes da pulsão e, também, dos ideais culturais presentes em determinados contextos e épocas.

É nesse sentido que nos apropriamos do estudo sobre o amor romântico de Jurandir Freire Costa (1999). Esse autor faz uma retomada histórica das diversas formas em que o amor se apresentou na sociedade, visando problematizar a maneira em que as pessoas concebem a relação amorosa atualmente. De fato, o amor é visto como um ideal supremo de felicidade. Freire Costa (1999) afirma que “o romantismo amoroso foi e continua sendo uma das marcas registradas da cultura ocidental” (p.18), onde a queda dos

ideais culturais, com o esvaziamento da esfera pública no contexto capitalista, e a exaltação da vida privada levaram a uma supervalorização do amor, um último sonho em que os sujeitos acreditam poder se apegar. Então, “cercado de violência, competição, frivolidade, superfluidade, egoísmo desenfreado e indiferença, o amor ergueu-se como uma fronteira ou uma trincheira entre o sujeito moral e a barbárie do mercado” (Freire Costa, 1999:20), o que acaba por levar a um paradoxo moderno para o amor, pois apesar de ser utopicamente desejado, o ideal amoroso não corresponde a tamanha expectativa do sujeito. Segundo Freire Costa (1999):

(...) vivemos numa moral dupla: de um lado, a sedução das sensações; de outro, a saudade dos sentimentos. Queremos um amor imortal e com data de validade marcada: eis sua incontornável antinomia e sua moderna vicissitude. (p.21)

Vivemos então o que chamariamos paradoxalmente de um ‘ideal descartável’, ou seja, por um lado, um amor fortemente idealizado – assim como foi erigido no período do romantismo rousseauiano (Soares, 1997) – por outro lado, um amor constantemente sujeito às trocas e/ou substituições inerentes à sociedade de consumo em que vivemos. Diante desse estado de coisas, o comumente chamado ‘ciúme na medida certa’ (*vide* Granato, 1999/R<sup>1</sup> - *Revista Veja*; Parcias, 2000/R - *Jornal do Brasil*) acaba por ser um modelo de difícil alcance e as variações nessa ‘medida’ de ciúme tanto podem ser avaliadas como uma prova de amor, quanto como um excesso de possessividade.

Jurandir Freire Costa (1999) se apóia na premissa de que existem duas principais correntes filosóficas no que concerne à descrição do amor: uma idealista e outra realista (p.132). Em linhas gerais, a versão idealista ancora no sujeito e/ou na cultura a responsabilidade pelo fracasso na busca por realização pessoal através da satisfação amorosa. Assim, mesmo sabendo que o amor implica sofrimento, conflitos individuais e sociais e uma distorção entre as noções de amor e sexualidade, o sujeito contemporâneo continua a idealizá-lo, algo que mal se sustenta em nossa sociedade, haja vista vivermos numa “cultura narcísica, inibidora da experiência amorosa” (Freire Costa, 1999:133).

<sup>1</sup> Para toda referência ‘R’, procurar na parte da **Bibliografia Geral** separada para as **Reportagens**. Fizemos essa subdivisão por meio de evidenciar as reportagens que envolveram nosso tema no decorrer deste mestrado.

Nessa vertente, é particularmente interessante para nosso trabalho a contribuição de Octavio Paz, sintetizada por Freire Costa (1999:145), na medida em que esse autor coloca o ciúme como um dos elementos primordiais do amor-paixão vivido na atualidade. Para Paz, segundo Freire Costa (1999):

O amor (...) é feito de três elementos: a escolha que concerne à liberdade dos amantes; o desafio, que mostra o amor em sua dimensão de transgressão; e, finalmente, o ciúme, que mostra a exigência de exclusividade, típica da escolha amorosa. *Escolha, desafio e ciúme são as linhas mestras do jogo amoroso. A dificuldade, entretanto, emerge porque um dos principais pleitos amorosos, a liberdade de escolha, é internamente contraditório. Queremos que a pessoa amada seja livre para nos desejar, mas, sendo livre, pode escolher outro parceiro. A liberdade do outro se torna fonte de desafio, ciúme e vontade de domínio. Se o outro, no entanto, abre mão de sua autonomia, perde o atributo, por excelência, da desejabilidade, a livre decisão de nos amar. O ciclo é infundável.* (p.145, grifos nossos)

De certo modo, essas formulações de Paz condensadas na liberdade de escolha, no desafio que reflete o aspecto transgressivo do amor e o ciúme como uma exigência de exclusividade, acabam atualizando o pensamento freudiano acerca do amor, na medida em que Freud (1910, 1912) já anunciara uma contradição interna à vivência desse sentimento e, ainda, uma certa associação entre amor e ciúme.

A respeito da descrição da versão realista do amor na atualidade, Freire Costa (1999) mostra que as escolhas amorosas, na verdade, são muito mais casuais do que parecem ser, e dependem primordialmente do meio cultural, dos costumes, do pertencimento a uma mesma classe social para que o encontro amoroso aconteça. Ao evidenciar essa visada realista sobre o amor, Freire Costa (1999) afirma que:

Sexo e amor foram apropriados pela lógica econômica e se tornaram tão racionais e funcionais quanto qualquer outra atividade instrumental e produtiva (...) O desejo de adquirir objetos no mercado de consumo e o 'desejo de ter ou possuir completamente outro ser humano' são, por assim dizer, isomorfos e isonômicos. A sedução exercida pelo objeto de amor é diretamente proporcional à sede de posse de quem deseja amar. (p.153)

Assim, muitas vezes a relação amorosa passa a se pautar no modelo de uma relação de consumo. Simplesmente nos apropriamos, tomamos posse dos nossos parceiros amorosos, porém a consciência da liberdade e, principalmente, da individualidade do outro, coloca-nos diante da terrível ameaça de perda, o que gera uma avalanche de ciúme. Essa é a realidade de um amor que foge a qualquer idealização. Nesse sentido, o amor é um sentimento construído historicamente, um sentimento que depende da iniciativa humana para o seu melhor ou pior encaminhamento (*ibid.*:205). Ali, o ciúme surge como entrave do amor, onde “a identidade amorosa se torna uma variação rotineira dos sentimentos cada vez mais modelados pelo gozo das sensações” (*ibid.*:218), onde relações amorosas extremamente idealizadas não suportam qualquer manifestação de possessividade, de ciúme. Cada um deve ser livre para agir como quiser e demonstrar ciúme fica, portanto, ‘fora de moda’. No entanto, esse sentimento é inevitável de acordo com os moldes tradicionais de amor que, em parte, ainda exercem influência nas escolhas amorosas individuais, ainda idealizadas. Assim, o ideal de amor romântico é mesclado com a realidade do imperativo das sensações, onde a sexualidade não é mais reprimida pela sociedade, muito pelo contrário, é altamente estimulada, decorrendo atualmente o sofrimento subjetivo muito mais de uma questão de *excesso*, conforme podemos ler em alguns autores contemporâneos (Birman, 1999; Garcia, 1998) do que de uma questão de repressão cultural da sexualidade.

Fala-se muito nos meios psicanalíticos, hoje em dia, de um declínio da função paterna (Lacan, 1938; Calligaris, 1991; Santiago, 1998; Garcia, 1999; Kehl, 2000; Mendlowicz, 2000) e, conseqüentemente, de uma fragilização das construções simbólicas na subjetividade pós-moderna. Quando se considera um declínio da função paterna, é primordialmente a noção de castração enquanto instauradora da ‘lei’ que está em jogo, algo que pode ser associado à desvalorização dos ideais coletivos (família, instituições, Estado) e, simultaneamente, à desregulamentação da sexualidade, com a queda dos interditos e da repressão sexual. Logo, nesse contexto, os reflexos psíquicos apontam para uma intensificação do Édipo enquanto sexualidade incestuosa (cf.: Garcia, 1999:98) e, ainda, da perversão enquanto configuração primordial nas formas de subjetivação na atualidade (cf.: Calligaris, 1991; Birman, 1999).

Enfim, as figuras a partir das quais se estruturam a interdição da sexualidade incestuosa e a proibição do assassinato vêm perdendo, no mundo atual, sua função estruturante do psiquismo. O que antes surgia como 'desviante' hoje parece ser a nova 'norma' cultural<sup>2</sup>, ou seja, há um grande incentivo à transgressão pautada no desejo individual e não mais à adoção de regras coletivas como o princípio valorativo mais relevante para a vida. O mais importante na sociedade contemporânea parece ser, simplesmente, o acesso ao poder, ao dinheiro, ao consumo e, de um modo geral "se dar bem" (sic) (uma nova versão da 'lei de Jerson'), não importando através de quais meios. Desse modo, notamos um enfraquecimento dos ideais coletivos, pois as instituições tradicionais como a Igreja, o Estado e a Família, já não se constituem como suportes simbólicos, enquanto a mídia fornece cada vez mais ofertas de modelos identificatórios imaginários.

Supomos que, na prática, isto é, na efetividade dos relacionamentos, a divisão do sujeito entre as correntes afetiva e sensual da sexualidade tenha deixado de ser uma constante, tal como era descrita por Freud (1910, 1912) na dissociação entre a escolha de um objeto sensual e um objeto afetivo, pois passaram a vigorar novas configurações subjetivas, em que os interditos sexuais surgem diluídos, cedendo espaço para outras formas de realização sexual e amorosa. Ora, considerando uma perspectiva utilitária das relações como resultado de uma busca sensual desenfreada, supomos que a corrente afetiva, marcada por interdições, fique em segundo plano, passando a veicular formas defensivas de relacionamento amoroso, em que os sujeitos evitam vínculos que sejam enquadrados por um 'contrato social' pré-determinado. Na medida em que o *ethos* cultural preconiza uma troca fluida de parceiros, numa ditadura pela busca das sensações e pelo encontro narcísico perfeito, a confiança em uma parceria amorosa duradoura é cada vez menor e a insegurança em relação ao outro, por sua vez, cada vez maior. O ciúme então reconfigura seu espaço, novamente tomando conta da cena amorosa. Numa sociedade onde tudo é possível, talvez o impossível seja unicamente a manutenção de uma crença de fidelidade.

---

<sup>2</sup> Para uma compreensão específica desse tema veja o texto de Joel Birman, *Mal-estar na atualidade*, 1999. Outros autores, mesmo antes de Birman, já vêm apontando essa questão (p.e.: Calligaris, 1991; Kehl, 1999), no entanto, nossa reflexão parte principalmente dos argumentos de Birman (1999).

Joel Birman (1999) circunscreve de forma contundente essa ausência de limites que define o cenário subjetivo atual. Ao afirmar que a base identitária dos sujeitos atualmente se apóia na “cultura do narcisismo” (Lasch, 1979 *apud* Birman, 1999) e na “sociedade do espetáculo” (Debord, 1992 *apud* Birman, 1999), ele aponta, respectivamente, para uma desmedida valorização do eu e para uma superficialidade e um exibicionismo desenfreado nas relações intersubjetivas. As características de “autocentrimento” (*idem*:24), enquanto excesso narcísico, e “exterioridade” (*ibid.*), enquanto exibicionismo e espetáculo, regulam a subjetividade contemporânea, não havendo mais espaço para a diferença e para a alteridade, uma vez que “(...) o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto” (*ibid.*:25). Segundo Birman (1999):

A eliminação do outro, se este resiste e faz obstáculo ao gozo do sujeito, nos dias atuais se impõe como uma banalidade. A morte e o assassinato, assim, se impuseram na cena cotidiana como trivialidades. (pp.:25-6)

Então, o outro é visto apenas como objeto de gozo e a apresentação de qualquer diferença, através da singularidade do desejo de cada um, desencadeia a violência e a revolta daqueles que impõem seu próprio gozo ao outro. Assim, há uma crescente ampliação das formas de subjetivação perversas na atualidade (cf.: Calligaris, 1991; Birman, 1999), algo que, paralelamente, decorre de uma exacerbação do individualismo nas sociedades ocidentais (*vide* Simmel, s/d; *vide* Bezerra Jr., 1989), uma vez estruturado sobre a inflação da individualidade, em detrimento dos ideais de igualdade e fraternidade. Isso intensificou a possibilidade do desencontro amoroso, a partir do momento em que, na busca pelo amor, o parceiro é desconsiderado em sua subjetividade, sendo tomado como um mero instrumento apropriado para fins pessoais, enfim, o amor do outro se torna essencialmente vinculado à exacerbação do amor de si, no exercício da liberdade individual.

Birman (1999) supõe, então, que haja dois grandes grupos em que a maior parte das experiências subjetivas se encaixa atualmente: o grupo dos perversos (supostos

*winner*s) e o dos depressivos (supostos *losers* da cena social)<sup>3</sup>. No que concerne ao amor, os perversos são aqueles que 'sabem lidar' com a dissociação afetiva sexo / ternura e bem vivem com a possibilidade de conceber o próximo como um objeto destinado ao seu bel-prazer. Supomos que neles desapareça o sentimento de ciúme, já que a posição perversa implica na recusa da falta, algo que a experiência do ciúme tende a revelar. Já os depressivos, considerando também sua forma de viver o amor, seriam os nossos ciumentos por excelência, ou seja, aqueles que não conseguem se desligar de uma intensa afetividade e que se deparam continuamente com a frustração das relações amorosas contemporâneas, ficando paralisados diante de um amor idealizado que jamais se concretiza. Vale dizer que ambos, perversos e depressivos, são narcisistas em medida extrema e, muito provavelmente, nas suas relações amorosas, tanto o parceiro quanto o rival podem ser alvos de uma destrutividade ciumenta, pois cada um deles a sua maneira priva esses sujeitos de uma relação idealizada.

Então, em virtude do interesse deste estudo no entrelaçamento de psicanálise e literatura, voltamo-nos agora para Barthes, um legítimo representante do discurso literário sobre o amor na contemporaneidade. Barthes (1977/BL<sup>4</sup>) afirma que "(...) perante e contra tudo, o sujeito afirma o amor como valor" (Barthes, 1977:29/BL). Desse modo, o sujeito coloca o amor em primeiro lugar, condição considerada pela sociedade capitalista como um desperdício, pois o sujeito, ou "figura" conforme Barthes, deixa de lado todas as outras obrigações cotidianas para pensar e viver unicamente o amor.

Associando amor e ciúme, ele reproduz a idéia presente no senso comum que o ciúme, além de ser um afeto aceito socialmente, corresponde a uma exigência social, ou seja, é um pressuposto inextrincável da relação amorosa. Para que o amor seja considerado verdadeiro, o ciúme deve ser manifesto, o que por vezes acaba justificando atitudes excessivas. Então Barthes (1977/BL) reconhece que o amor é regido por certas regras sociais, onde o ciúme tem presença marcante e inequívoca. Referindo-se às

<sup>3</sup> Para uma discussão mais pormenorizada do sintoma social em relação a essa dicotomia entre *winner*s and *losers*, ver o texto de Gaulejac (1997): *L'envie, un sentiment social*.

<sup>4</sup> Para todos BL, leia-se **Bibliografia Literária**, onde a referência será encontrada. Adotamos a subdivisão para que ficasse mais claro o percurso literário que traçamos e os textos que influenciaram na escolha dos romances analisados.

exigências sociais acerca do amor, Barthes (1977/BL) considera que são os estereótipos que causam o sofrimento amoroso, na medida em que afirma: "(...) sinto-me obrigado a me apaixonar, como toda gente; de ser ciumento, de ficar abandonado, frustrado, como toda gente" (p.51), lamentando-se desse enquadre social do amor. Bem, esse autor traz uma visão idealizada da vivência amorosa, na medida em que acredita na existência de uma 'originalidade' da relação, pois para ele "(...) quando a relação é original o estereótipo fica enfraquecido, deslocado, evacuado, e o ciúme, por exemplo, deixa de ter lugar nesta relação sem lugar, sem topos, sem 'topo' - sem discurso" (p.51), contraditoriamente levando à crença em um ideal de perfeição para o amor; um amor sem ciúme.

Assim, para Barthes (1977/BL), a relação entre ciúme e amor é ambígua, uma vez que aponta tanto uma presença normativa, ditada pelo estereótipo da "pitada" de ciúme como prova de amor, quanto por sua ausência transgressora que, por sua vez, é decorrente do ideal de amor perfeito, onde nada é posto em questão, onde não há dúvida sobre a fidelidade e o apaixonamento recíprocos e invioláveis. O ciúme, então, a partir de Barthes (1977/BL), configura-se como uma condição e um entrave para o amor, muitas vezes sendo visto como um mal inevitável. Não há escapatória para a fatalidade do ciúme já que "(...) ser ciumento é conveniente. Recusar o ciúme ('ser perfeito') é, pois, transgredir uma Lei" (Barthes, 1977:78/BL). Logo, no amor 'original' que Barthes preconiza, isento de influências externas, enfatiza-se uma idéia de amor como algo próximo da perfeição, onde o ciúme não tem lugar. Bem, em face à antinomia entre um amor 'original' sem ciúme e a própria impossibilidade de exclusão do ciúme da relação de amor, perguntaríamos: que sintomas ou estratégias psíquicas o sujeito desenvolve em relação a esse sentimento? Além disso, como o ciúme amoroso se expressa perante diferentes exigências sociais? Bem, é a partir das narrativas psicanalítica e literária que temos a intenção de abordar essas questões.

Nosso objetivo último, desse modo, é aproximarmo-nos de visões do ciúme através da análise de textos literários à luz dos conceitos psicanalíticos. Concebendo a literatura como uma forma legítima de representação da subjetividade e dos seus conflitos subjacentes, faremos o estudo de dois romances da literatura brasileira: um do final do século XIX - *Dom Casmurro* de Machado de Assis (1899/BL)- e outro do final do

século XX – *E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto* de Rubem Fonseca (1997/BL) –, na tentativa de circunscrever algumas manifestações de ciúme decorrentes das concepções de amor presentes nesses períodos. Esses romances, ou melhor, suas personagens principais serão, por assim dizer, nossos ‘sujeitos’ de investigação e análise, na medida em que interpretam os papéis e fazem parte de cenários em que as manifestações de ciúme são constitutivas de suas narrativas.

Partimos, pois, da premissa de que a sociedade influencia na forma em que o amor é concebido, o que implica em dizer que diferentes concepções de amor são historicamente construídas (cf.: Ainbinder, 1997; Freire Costa, 1999), para, então, questionar quanto às possíveis variações na manifestação do ciúme determinadas por transformações no decorrer do tempo. Com esse objetivo, utilizaremos as literaturas psicanalítica e literária buscando responder à pergunta: teria o ciúme mudado juntamente com a ‘modernização’ do amor?

## 1. Um tipo de amor exclusivamente ciumento

*Ah, cuidado com o ciúme;  
É o monstro dos olhos verdes que debocha  
Da carne que o alimenta. Vive o corno  
Ciente feliz, se não amar quem peca:  
Mas como pesa cada hora àquele  
Que ama, duvida, suspeita, e mais ama!*

*Otelo* de William Shakespeare

Em suas *Contribuições à Psicologia do Amor I e II*, Freud (1910) considera o ciúme como um elemento essencial na caracterização da relação amorosa. Ao discorrer sobre a especificidade da escolha de objeto nos homens, ele coloca como primeira 'precondição' para a existência do amor de um homem a presença de uma "terceira pessoa prejudicada" (*ibid.*:172), ou seja, a mulher deve ser compromissada para que seja amada apaixonadamente. A segunda precondição é de que a fidelidade e a integridade da amante sejam duvidosas, isto é, a escolha amorosa costuma recair sobre mulheres "de má reputação sexual" (*ibid.*). Já em relação ao comportamento que o homem dirige ao objeto, Freud revela duas características. Em primeiro lugar, o sujeito desvia-se daquilo que seria nomeado como "amor normal" (p.173), em que se escolhe a esposa devido a sua integridade, para assumir um amor excessivamente apaixonado, de "natureza compulsiva" (*ibid.*), por uma mulher que se enquadre nas precondições anteriormente citadas. Em segundo lugar, há uma "ânsia de salvar a mulher amada" (p.174) de uma condição socialmente considerada como indigna. Para Freud (1910):

Enquanto a primeira precondição fornece a oportunidade para gratificar impulsos de rivalidade e hostilidade em direção ao homem de quem a mulher é arrebatada, a segunda, a da mulher se assemelhar a uma prostituta, se relaciona à experiência do ciúme, que parece ser uma necessidade para os amantes desse tipo. Sua paixão só atinge o apogeu e a mulher só adquire pleno valor quando, apenas, conseguem sentir ciúmes e eles nunca deixam de aproveitar a ocasião que lhes permita experimentar essas emoções tão poderosas. O incomum é que se torna alvo desse ciúme não o possuidor legítimo da pessoa amada, mas estranhos que fazem seu aparecimento pela primeira vez, em relação aos

quais a amada pode ser induzida sob suspeita. Em casos evidentes, o amante não demonstra qualquer desejo de posse exclusiva da mulher e parece sentir-se perfeitamente à vontade na situação triangular. (p.172, grifos nossos)

Ao descrever esse tipo de amor, Freud aponta para uma reedição edípica, assinalando o desejo do homem de repetir uma situação vivida na infância que se manteve fortemente investida, como se o amor edípiano não tivesse sido elaborado. O sujeito se compraz ao repetir, sem elaborar, a vivência edípiana, já que algo da ordem do insubstituível o mantém numa busca infundável pelo amor materno perdido (Freud, 1910:175). Além disso, o ciúme que se dirige aos outros rivais, e não ao 'possuidor legítimo da pessoa amada', pode estar ligado ao fato desse possuidor legítimo representar o pai, enquanto os outros possíveis amantes suscitam o ciúme por representarem os irmãos, rivais por excelência no amor da mãe, na medida em que esses sinalizam uma identificação 'horizontal' e não 'vertical' como é acontece com o pai/marido. A rivalidade com outros homens, desse modo, é mais acirrada porque se trata de uma competição entre amantes, que repete uma disputa entre irmãos. Em outro trabalho (Arreguy, 1998), defendemos a idéia de que os irmãos, por chegarem depois do pai, podem ocupar mais intensamente o lugar de rivais, já que o pai já estava lá e teria assegurado, portanto, algum direito de posse em relação à mãe. A partir do nascimento de outros filhos o amor da mãe passa então, a ser compartilhado, o que é sentido pelas crianças como uma espécie de divisão, uma perda de parte do afeto, dos cuidados e da atenção que eram recebidos pela mãe.

Na seqüência da análise feita por Freud (1910:175), encontramos algumas justificativas para a fixação nesse tipo de amor ciumento. A partir da clínica, Freud observou que a libido permanecia fixada na mãe e os objetos que o sujeito amava no decorrer da vida nada mais eram do que substitutos do objeto materno. Assim, a paixão por uma mulher infiel e/ou compromissada está ligada ao desejo edípiano transgressivo, ou seja, um desejo primitivo pela mãe. Uma fixação no objeto ocorre principalmente quando a interdição edípiana não é suficientemente instaurada e/ou elaborada. Assim, os objetos amorosos representam um objeto proibido que é buscado repetidamente na vida amorosa adulta. De certa forma, essa caracterização da escolha típica nos homens, em que é proeminente uma fixação incestuosa do desejo, pode ser aplicada, em maior ou menor grau, a toda sexualidade humana. Porém, para Freud (1910:174), a escolha de amor segundo aquelas condições e características especiais depende da manutenção,

após a puberdade, de uma sexualidade estritamente ligada à mãe, em que os objetos amorosos “se transformam em substitutos facilmente reconhecíveis da mãe” (*ibid.*).

No tipo de escolha sexual descrita por Freud (1910), por mais que o sujeito busque ‘salvar’ a mulher que ama da falta de integridade, ele permanece sempre sujeito à infidelidade por parte dela, ou seja, a mulher que uma vez foi infiel sempre representará uma ameaça, o que acaba realimentando seu desejo. A infidelidade e o ciúme dela decorrentes, portanto, colocam o sujeito no lugar de um terceiro desconsiderado, traído, sinalizando a castração, a impotência do sujeito diante de um objeto idealizado e diante de um rival que pode destituí-lo a qualquer momento, assim como ocorreu na situação edípica inaugural. Então, apesar do sofrimento causado pelo ciúme, esse sentimento também reafirma o desejo pela mulher/mãe, objeto de desejo proibido. Por outro lado, mesmo que o desejo do ciumento esteja ligado à figura da mãe infiel (Freud, 1910:177), o que faz o sujeito amar e/ou constituir relações amorosas ciumentas, ele também pode levar a um movimento de desligamento do objeto primário na medida em que impulsiona a busca por um objeto de amor exclusivamente seu. Então, a rivalidade, elemento indispensável à dissolução do Édipo, é tida como exigência para o amor e não apenas como uma fase preliminar para a identificação com o rival através da constituição superegógica. Na escolha típica descrita por Freud (1910), o sujeito não supera a rivalidade e o ciúme, mas reedita-os de forma compulsiva. E é nessa reedição edípica que, em Freud, o ciúme se caracteriza como uma condição intrínseca do amor.

Freud (1912), no texto *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor*, esclarece que o ‘desvio’ na escolha de objeto está ligado à dissociação entre as correntes afetiva e sensual, componentes da sexualidade humana. Quando essas correntes não estão unidas “pode acontecer que a totalidade da sensualidade de um jovem se ligue a objetos incestuosos no inconsciente” (Freud, 1912:188). A corrente sensual se liga a um objeto depreciado e a corrente afetiva ao objeto super valorizado, não podendo o amor ser sentido plenamente em relação a uma única pessoa. A infidelidade então se torna uma das características do sujeito segmentado entre as duas correntes. Quando isso ocorre, é possível que ele projete o mesmo tipo de atitude que a sua no ser amado, desencadeando um processo crescente de insegurança e ciúme.

A condição de ocorrência da divisão entre as correntes afetiva e sensual na vida adulta depende de dois fatores: a fixação no primeiro objeto de amor e a repetição compulsiva da experiência edípica em que o sujeito é ‘traído’ pela mãe, que ‘prefere’

ficar com o pai (Freud, 1910:177). Assim, a manutenção de uma escolha de objeto segmentada entre um 'amor normal'/idealizado, e um 'amor apaixonado'/sensual (Freud, 1912), isto é, a separação entre as correntes afetiva e sensual na escolha amorosa adulta está ligada à reedição edípica. A idéia aqui é de que as representações edípicas recalçadas, mantendo-se hiper investidas, levam à repetição da situação incestuosa original com cada objeto de amor que o sujeito venha a se relacionar.

Em que medida uma divisão entre as correntes afetiva e sensual – com a respectiva escolha 'típica' de objeto nos homens – se faz presente nas relações amorosas da atualidade? Talvez fosse melhor formular nossa intenção de investigar como isso se reflete na experiência do sujeito contemporâneo. Bem sabemos que Freud escreveu no início do século e partiu de um contexto específico. Qual a pertinência de suas proposições acerca da vida amorosa e do ciúme nos dias de hoje?

Então, uma vez demarcado o intrincamento do ciúme com o amor segundo a psicologia do amor freudiana, vejamos, antes de qualquer coisa, como o ciúme pode ser entendido a partir de definições metapsicológicas.

### 1.1. A intensidade como primeiro fundamento

Freud (1922:237-247), em *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo*, descreveu o ciúme em três diferentes graus ou "camadas", que reproduziremos em linhas gerais: o primeiro seria *normal* ou *competitivo*, decorrente do complexo de Édipo ou de irmãos e irmãs do primeiro período sexual; o segundo seria o *ciúme projetivo*, manifesto na projeção dos próprios desejos inconscientes de infidelidade sobre o(a) companheiro(a); e, enfim, o *ciúme delirante*, onde estariam envolvidos os desejos homossexuais latentes, num grau crescente de projeção, culminando com o delírio de ciúme. Passemos à definição elementar do ciúme em Freud (1922):

O ciúme é um daqueles estados emocionais, como o luto, que podem ser descritos como normais. Se alguém parece não possuí-lo, justifica-se a inferência de que ele experimentou severa repressão e, conseqüentemente, desempenha um papel ainda maior em sua vida mental inconsciente. (p.237)

Segundo essa citação, o ciúme é um estado emocional tão corriqueiro que pode ser qualificado de normal, devendo, portanto, a sua ausência causar estranheza. Assim,

se o ciúme simplesmente não aparece, se não é manifesto, ele pode estar causando seus efeitos no inconsciente. A ausência de ciúme é um indicativo do seu recalçamento e o retorno do ciúme recalçado pode se dar de maneira exacerbada. O ciúme, portanto, pode permanecer restrito a um grau de manifestação que não ultrapassa uma certa intensidade, o que define o *ciúme normal*, e, por outro lado, ele pode se manifestar de um modo intensificado, ou seja, pode se constituir como algo patológico, expresso nos ciúmes *projetivo* e *delirante*, onde representações recalçadas causam seus efeitos, deixando o sujeito totalmente dominado por esse afeto. Desse modo, ao postular diferenças entre os graus de ciúme, Freud privilegia o ponto de vista econômico:

(...) o fator qualitativo, a presença de certas formações neuróticas, possui menos significação prática que o fator quantitativo, o grau de atenção ou, mais corretamente, a catexia que essas estruturas podem atrair para si próprias. (Freud, 1922:242)

Portanto, a manifestação do ciúme vai depender da intensidade com que certas representações são reinvestidas, já que estas manifestações apresentam um caráter acumulativo, ou seja, a pessoa que constrói um delírio de ciúme, necessariamente, também passou pelo ciúme descrito nas outras etapas, ou seja, projetivo e normal/competitivo.

Tendo mencionado brevemente em nossa apresentação (p.2) a conceituação freudiana acerca do ciúme normal, passaremos de imediato à descrição do segundo grau desse afeto, o ciúme projetivo. Ele representa um mecanismo de defesa (Freud, 1922) em que os desejos de infidelidade inconscientes são projetados no parceiro do sexo oposto. Esses desejos de infidelidade tanto da mulher quanto do homem são uma constante no psiquismo – na mulher a “ânsia por atrair” (p.238) e no homem a “sede de conquistas” (p.238) – e são tolerados devido às “convenções sociais” que têm função de tornar inofensivo esse impulso no sentido da traição (*ibid.*: 238). No entanto, Freud (1922) afirma que “uma pessoa ciumenta, contudo, não reconhece essa convenção de tolerância (...) [não] crê que um flerte possa ser uma salvaguarda contra uma infidelidade real” (p. 238). Assim, a pessoa que não apresenta uma “certa tolerância” aos impulsos de infidelidade do outro e, ainda, tem o seu próprio desejo de infidelidade recalçado, está constantemente sujeita a apresentar o ciúme do tipo projetivo, que pode ser intensificado até o delírio. O sujeito também demonstra na projeção de ciúme um especial talento em perceber os desejos inconscientes do(a) amante, pois não projeta

seus sentimentos no vazio e sim numa suposição, possivelmente correta, que faz do inconsciente do outro.

Finalmente, ao descrever o ciúme do terceiro tipo, isto é, o ciúme delirante, Freud associa sua manifestação aos impulsos homossexuais recalcados, sendo que o ciúme surge em relação ao objeto heterossexual como uma espécie de defesa, um 'contrainvestimento', que busca evitar a ligação da pulsão sexual ao objeto de desejo homossexual. Então, o delírio de ciúme aparece para que o investimento desse objeto permaneça recalcado. Nesse sentido, Freud (1922), baseado em formulações já presentes no caso Schreber (Freud, 1911), propõe uma espécie de fórmula que definiria um mecanismo psíquico para o ciúme delirante:

Como tentativa de defesa contra um forte impulso homossexual indevido, ele pode, no homem, ser descrito pela fórmula: 'Eu não o amo; é ela quem o ama'.  
(Freud, 1922:239)

Esta seria uma proposição de caráter inconsciente articulada no sentido de suprimir todo o desejo homossexual através de um investimento exacerbado do amor heterossexual, culminando com a expressão de um ciúme violento, doentio, enfim, delirante.

Após havermos apresentado os conceitos elementares do pensamento freudiano acerca do ciúme, façamos uma ilustração mostrando a tênue fronteira entre os ciúmes projetivo e delirante. A figura do 'machão' representa um exemplo interessante da intensificação do ciúme a ponto de culminar com um delírio. Ora, o homem machista não admite que sua mulher tenha qualquer atitude que possa indicar uma relação com outro homem, reafirma constantemente sua própria masculinidade, possui um ciúme exacerbado, agride muitas vezes a esposa, como se a agressividade justificasse seu amor ciumento. Mas, na verdade, ele parece se regozijar apenas da companhia de seus amigos de bar com quem passa a maior parte de seu tempo. A atitude do machão estaria, desse modo, ligada a um mecanismo no qual o desejo latente por um objeto do mesmo sexo é totalmente recalcado e a mulher é, então, a acusada de possuir esse sentimento.

Uma descrição bastante semelhante a esta já foi fornecida por Freud (1911) sob a nomenclatura de *delírios alcoólicos de ciúme* – termo também utilizado pela psiquiatria clássica (cf.: CID-10, F-10.5, p.79) –, onde um homem decepcionado com a sua esposa recorre à bebida, e os companheiros de bar passam a suprir "a satisfação

emocional que deixou de conseguir de sua mulher” (Freud, 1911:72). Então, o investimento libidinal nesses homens é suprimido pelo engodo: “Não sou *eu* quem ama o homem – *ela* o ama” (*ibid.*), construindo assim o delírio de ciúme. É interessante notar que, ao contrário do texto de 1922, nesse momento Freud (1911) afirma que a projeção está ausente nos delírios de ciúme na medida em que “com a mudança do sujeito que ama, todo o processo é (...) lançado para fora do ego” (*ibid.*), não sendo justificado, portanto, dizer que esse homem “projetou” seu desejo homossexual inconsciente sobre a mulher, e sim, que produziu uma construção inconsciente delirante.

E o inverso, isto é, o caso da mulher que não deixa seu companheiro nem mesmo olhar para o lado, não poderia ser considerado analogamente? De acordo com Freud (1911:72), sim, nas mulheres o processo é exatamente análogo. Ao proibir o companheiro de olhar para o lado, isto é, ao implicar e brigar pelo fato dele dirigir seu olhar para outras mulheres, talvez o que a mulher ciumenta queira evitar seja, exatamente, o seu próprio olhar que, inconscientemente, também se dirige para uma mulher, ou seja, um objeto de desejo do mesmo sexo.

Pois bem, Freud (1922) diferencia os graus projetivo e delirante do ciúme especificamente quanto à presença do desejo homossexual, exclusiva do último, diferentemente de Urtubey (1984) para quem, no ciúme projetivo, os desejos homossexuais também podem estar presentes e ser projetados, “mesmo que não haja aí delírio paranóico (cuja aparição requer perturbações auto-eróticas e narcísicas graves subjacentes à projeção dos desejos homossexuais)” (*ibid.*:26)<sup>1</sup>. Urtubey (1984:27-8), baseada na análise do ciúme na transferência em pacientes do sexo feminino, propôs uma nova subdivisão dos graus de ciúme, opondo-se assim à proposta freudiana.

Na opinião de Urtubey (1984), o primeiro tipo de ciúme inicia com a reedição do Édipo positivo na análise, com o ciúme dos “irmãos” de divã, isto é, dos outros pacientes e do marido da analista, como se a monopolizassem narcísicamente e dela fossem os preferidos. A manifestação edípica positiva é seguida pelo Édipo negativo – o que justifica a denominação desse nível como *ciúme edípico negativo* – como um retorno do recalcado na cena primitiva, em que houve o desejo de possuir um pênis para penetrar a mãe (referenciada à analista) e eliminar o pai. Nesse primeiro tipo,

<sup>1</sup> T. L. do O. (leia-se para todos, “Tradução livre do original”): “(...) bien qu’il n’y ait pas de délire paranoïaque (qui, pour son apparition, nécessite des troubles auto-érotiques et narcissiques graves sous-jacents à la projection des désirs homosexuels)”.

equiparado ao ciúme normal ou competitivo (Freud, 1922), os aspectos homossexuais raramente aparecem, mas podem estar presentes.

Já no segundo tipo de ciúme transferencial, denominado *ciúme homossexual regressivo*, o homossexualismo está presente através da projeção de ciúme em situações amorosas exteriores à análise. As rivais são descritas como fortemente desejáveis. Trata-se de um deslocamento do desejo pela analista, a qual, por sua vez, é assemelhada a uma mãe primitiva, não castrada e todo-poderosa. Surge também o desejo de abandonar o homem para se ligar exclusivamente à “mãe-analista” (Urtubey, 1997:28), havendo pois um forte aspecto regressivo a partir do qual uma violência destruidora é dirigida ao sexo oposto. O ciúme então se sustenta em duas projeções: “projeção sobre o homem do desejo sexual em relação às mulheres (...) e projeção igualmente sobre o homem da rejeição do homem-pai o qual, a fim de monopolizar a mãe-analista, a paciente deseja destruir” (Urtubey, 1984:28)<sup>2</sup>. Apesar da ausência de delírio, esse nível é equiparado ao ciúme projetivo e ao ciúme delirante descritos em Freud (1922), haja vista o intenso modo em que é vivido.

Finalmente, o terceiro tipo – chamado *ciúme psicótico* – é associado à fulguração consciente da homossexualidade que é elaborada durante o tratamento, onde um núcleo psicótico irrompe pouco antes do fim da análise, quando as sessões começam a ficar mais esparsas e a paciente teme perder o contato com a analista. Esse nível deve ser diferenciado tanto do delírio de ciúme descrito por Freud (1911, 1922), quanto do “delírio de ciúme psiquiátrico” (CID – 10, p.79).

As contribuições de Urtubey (1984) baseiam-se em casos de mulheres, deixando ela a conceituação e, conseqüentemente, o tratamento do ciúme nos homens como tarefa para os analistas do sexo masculino, uma vez considerando que a homossexualidade inconsciente se manifesta mais facilmente na transferência com analistas do mesmo sexo do paciente. Seu estudo relaciona os diversos graus de ciúme às estruturas psicopatológicas, aspecto que, como vimos, não foi privilegiado por Freud. Assim, Urtubey (1984) estabelece uma diferença fundamental entre o segundo e o terceiro nível de ciúme, diferença esta “que reside na qualidade das defesas do eu e na existência de uma sólida relação entre o eu e a realidade” (Urtubey, 1984:29)<sup>3</sup>, o que mostra que, em

<sup>2</sup> T. L. do O.: “(...) projection sur l’homme du désir sexuel à l’égard des femmes (...) puis projection sur l’homme également du rejet de l’homme père que, afin d’accaparer la mère analyste, la patiente souhaite faire disparaître.”

<sup>3</sup> T. L. do O.: “(...) réside dans la qualité des défenses du moi et dans l’existence d’une solide relation entre celui-ci et la réalité (...)”

Urtubey (*ibid.*), o primeiro e o segundo tipo de ciúme referem-se essencialmente à estrutura neurótica e o terceiro à psicótica.

Concluimos então que a noção de intensidade na determinação do ciúme em Freud (1922), isto é, o seu aspecto econômico, apesar de delimitar diferentes graus de patologia, também pode se articular a uma noção estrutural mais formalizada, conforme Urtubey (1984), baseada na divisão entre neurose e psicose. Enquanto o postulado freudiano da intensidade como determinante essencial do ciúme é, por um lado, bastante aceito e fundamentado, as definições do ciúme de acordo com quadros psicopatológicos específicos ainda está sujeita a muitas controvérsias.

Após a descrição teórica do ciúme em Freud (1922) e a sua contraposição com algumas idéias de Urtubey (1984), uma autora contemporânea que vem se dedicando ao estudo do ciúme (*vide* Urtubey, 1997), é importante referendar as relações, já presentes no texto freudiano, entre esse sentimento e o homossexualismo. Portanto, retornaremos ao denso texto de Freud (1922) onde outros elementos teóricos acerca do ciúme ainda precisam ser explorados. Ora, é a constante evocação da literatura sobre a relação entre o ciúme e o homossexualismo (cf.: Freud, 1905, 1911, 1922; Lagache, 1938a, 1947, 1949; Coen, 1987; Chauvel, 1997), o ponto que precisamos agora passar a discutir para facilitar a compreensão do ciúme amoroso propriamente dito.

### 1.2. Bissexualidade e homossexualidade recalçadas: os 'fermentos' do ciúme

Vimos que o ciúme não está restrito a uma manifestação psicopatológica específica, podendo ser associado a diversos tipos de manifestações. Bem, além de não apresentar contornos psicopatológicos exatos, a definição quanto ao objeto de investimento do ciúme tampouco se restringe com exclusividade ao objeto de amor do sexo oposto. Diz Freud (1922), ao analisar o objeto do ciúme:

(...) é digno de nota que, em certas pessoas, ele é experimentado **bissexualmente**, isto é, um homem não apenas sofrerá pela mulher que ama e odiará o homem seu rival, mas também sentirá pesar pelo homem, a quem ama inconscientemente, e ódio pela mulher, como sua rival; esse último conjunto de sentimentos adicionar-se-á à intensidade de seu ciúme. (p.237, grifos nossos)

Estamos então diante de um ponto complexo quanto à definição psicanalítica do ciúme. Em algumas pessoas o ciúme é inconscientemente bissexual, o que leva a uma

ampliação do sofrimento vivido na medida em que é direcionado tanto para o objeto de amor quanto para o rival. No entanto, será realmente que a origem bissexual do ciúme só ocorre em determinados casos ou todo ciúme comportaria um aspecto bissexual recalçado?

Tendemos a considerar mais profícua para a nossa análise a hipótese da bissexualidade como um elemento constitucional<sup>4</sup> do psiquismo (Freud, 1896:286), já que alguns indícios nos levam a esse posicionamento. Roudinesco (1997), em seu *Dicionário de Psicanálise*, esclarece que a bissexualidade é um termo:

(...) progressivamente utilizado para designar uma disposição psíquica inconsciente que é própria de toda a subjetividade humana, na medida em que esta se fundamenta na existência da diferença sexual, isto é, baseia-se na necessidade de o sujeito fazer uma escolha sexual, quer através do recalque de um dos dois componentes da sexualidade, quer através da aceitação desses dois componentes, quer, ainda, através de uma renegação da realidade da diferença sexual. (p.71)

Roudinesco (1997:71-74) apresenta ainda no verbete sobre *bissexualidade*, uma discussão pormenorizada que abrange desde controvérsias no uso dessa palavra por diferentes áreas do saber, como a filosofia, a embriologia, a biologia e a sexologia, até problemas intrínsecos ao uso psicanalítico do conceito, principalmente no que concerne à divergência entre a hipótese da bissexualidade psíquica e o fortalecimento das descrições falocêntricas da sexualidade. De certo modo, o falocentrismo, ao considerar o falo como representante primordial da sexualidade, seria incompatível com a idéia da sexualidade teorizada a partir de dois diferentes sexos numa escala equivalente de importância. Uma solução definitiva para tal embate teórico ainda não foi totalmente alcançada, entretanto, a noção de bissexualidade continua a ser amplamente aceita e adotada pelos teóricos da psicanálise:

(...) sobretudo [pela] terceira geração psicanalítica mundial, de D. W. Winnicott a Jacques Lacan e Robert Stoller, que trouxeram uma nova solução para o enigma da bissexualidade, quer aprofundando, a partir do falocentrismo, o estudo da sexualidade feminina sob todas as suas formas (Lacan), quer estudando os distúrbios da identidade sexual a partir de uma separação muito mais radical do

<sup>4</sup> Dizemos "constitucional" no sentido de que a bissexualidade fará parte inequívoca do campo da experiência edípica, portanto, deixando de lado qualquer aproximação de um sentido biológico.

que a efetuada por Freud, entre a sexualidade num sentido biológico e anatômico, por um lado, e o gênero (*gender*) como representação social e psíquica da diferença sexual, por outro. (*ibid.*:74)

Lacan (1938) diz que a “ambigüidade original” (p.33), isto é, o amor e o ódio pelo rival aparecem no adulto através do ciúme amoroso, ou seja, através do intenso interesse que o ciumento tem por seu rival, que mesmo sendo marcado pelo ódio, está mesclado por um interesse semelhante ao da paixão. Ora, essa ambigüidade (que pode também ser entendida como uma ambivalência) é reconhecida “no poderoso interesse que o sujeito tem pela imagem do rival: interesse que (...) freqüentemente domina a tal ponto o próprio sentimento amoroso, que deve ser interpretado como o interesse essencial e positivo da paixão” (Lacan, 1938:33).

Para ilustrar esse movimento de amor em direção ao rival através da literatura, vejamos com Barthes (1977/BL) que “o ciúme é uma relação a três termos permutáveis (irresolúveis): tem-se sempre ciúme de duas pessoas ao mesmo tempo: tenho ciúme de quem amo e de quem o ama” (p.89), o que denota uma duplicidade do desejo na relação amorosa. Então, se concordamos que o ciúme é sentido em relação aos dois outros elementos do triângulo amoroso, supomos que a hipótese da experiência bissexual inerente à constituição do psiquismo humano seja a mais profícua para a compreensão desse afeto.

Ao adotar a premissa da bissexualidade constitucional também somos impelidos a uma reavaliação das definições edipianas. Quando consideramos a estruturação inicial da sexualidade infantil, observamos que a condição da mãe como primeiro objeto de amor e identificação em ambos os sexos (*vide* Stoller, 1973; Ribeiro, 1987; 2000) aponta para diferentes movimentos em meninos e meninas. Garcia (1993) em seu texto *Sexualidade feminina e a questão do ideal em Freud*, cuja argumentação parte de uma leitura bastante minuciosa do texto freudiano, mostra-nos que em Freud (1923), no pré-Édipo:

(...) o menino se identifica com seu pai e investe libidinosamente sua mãe, mantendo, portanto, nitidamente diferenciados o lugar do objeto amoroso e o lugar do ideal (...). A menina, por outro lado, inicia sua história identificatória e amorosa de forma mais indiferenciada na medida em que toma sua mãe como objeto de amor e *locus* de identificação (...). (Garcia, 1993:52)

No entanto, estando cientes da proposição freudiana original retomada por Garcia (1993), adotamos aqui a posição defendida por Ribeiro (1987), numa análise do caso Hans, segundo a qual, também no menino, o primeiro objeto de identificação e amor é a mãe, na medida em que essa proposta é mais coerente com a idéia da bissexualidade psíquica. De acordo com essa hipótese, somos levados a considerar que o caminho para a estruturação heterossexual implica, nos meninos, um movimento de "desidentificação" (cf.: Octave Mannoni, 1987; Stoller, 1973) da mãe e identificação com o pai e, na menina, num movimento de transposição do objeto de amor da mãe para o pai, argumentação já presente em Freud (1925:283-5). O Édipo completo em meninos e meninas é marcado, portanto, pela bissexualidade. Todo o ciúme surge, por conseguinte, na relação ambivalente tanto com a mãe, o objeto primário, quanto com o pai, o rival, em relações que podem ser revividas de modo sintomático ou não. É mister deixar claro que não pretendemos afirmar que toda pessoa que sente ciúme é bissexual no que diz respeito ao seu comportamento sexual manifesto, porém que todo ciúme se apóia num retorno da bissexualidade recalcada<sup>5</sup>. Enfim, queremos enfatizar que tanto o complexo de Édipo positivo quanto invertido estão em jogo na manifestação do ciúme.

Retomemos brevemente o caso Dora (Freud, 1905[1901]), por este ser emblemático da presença da bissexualidade psíquica nos sentimentos de ciúme. Dora se encontra num estado de superposição de objetos amorosos, onde o amor e o ciúme edipianos determinam uma rede intrincada de sentimentos sucessivamente encobertos. Freud (*ibid.*) supõe que "(...) a seqüência hipervalente de pensamentos de Dora, que a fazia ocupar-se das relações entre seu pai e a Sra. K., destinava-se não apenas a suprimir seu amor pelo Sr. K., que antes fora consciente, mas também a ocultar o amor pela Sra. K., que era inconsciente num sentido mais profundo" (p.66). Desse modo, o ciúme que Dora tinha do Sr. K. – interpretado por Freud (*ibid.*) como uma identificação dela com a posição de amante que a governanta dele outrora ocupara – nada mais era que uma forma de encobrir seu ciúme mais profundamente inconsciente, "de fato, um impulso de ciúme cujo objeto era essa mulher" (p.64), ou seja, a Sra. K..

Além de reafirmar a presença da bissexualidade psíquica determinando a vivência do Édipo completo em meninos e meninas, uma série de diferenciações

<sup>5</sup> Do ponto de vista da linguagem, a análise das relações semânticas da palavra ciúme nos coloca diante do seguinte problema: têm-se ciúme de quem? Do(a) amante ou do(a) rival? Problema ao qual é possível responder através da seguinte asserção: o ciúme é dirigido à própria relação da qual o sujeito é supostamente excluído. Portanto, sente-se ciúme tanto do amante quanto do rival, o que reforça, de certa forma, nossa argumentação em favor da bissexualidade psíquica.

precisam ser feitas no que concerne à vivência do ciúme nos dois sexos, o que, possivelmente, se deve às divergências na constituição edipiana de homens e mulheres. Freud (1925) chegou mesmo a afirmar que as mulheres são mais propensas ao sentimento de ciúme do que os homens, devido às vicissitudes particulares do Édipo feminino. Isso resultou posteriormente numa tendência em se considerar as mulheres mais ciumentas do que os homens; posição que se fundamenta na noção freudiana de inveja do pênis<sup>6</sup>. Não obstante, deixaremos aqui essa discussão sobre a diferença do ciúme entre os sexos e voltaremos à questão da dinâmica psíquica envolvida na intensificação desse sentimento.

Pois bem, o fato de nos focalizarmos na hipótese do bissexualismo psíquico, logo, do ciúme ligado à bissexualidade recalcada, é importante para entendermos melhor a clássica relação estabelecida entre ciúme e homossexualismo.

Conforme descrevemos anteriormente, o ciúme delirante associa-se ao homossexualismo recalcado. Freud (1922:245-6) afirma que a ligação à mãe, o narcisismo, o medo da castração, os efeitos da sedução e os fatores orgânicos, constituem a base do surgimento do desejo homossexual, alertando ainda que há outros fatores desconhecidos em sua etiologia, realçando sua intenção de não tomar essas suposições de forma reducionista. Ele também chama atenção para o medo do pai ou a rivalidade como poderosos fatores na origem do homossexualismo, elementos esses que também estão presentes na resolução do ciúme. Nesse sentido, Freud (1922:245) assevera que o homossexualismo masculino se expressa através de uma identificação narcísica com a mãe, o que ele interpreta como uma forma de defesa contra os impulsos agressivos em relação ao pai e aos irmãos, antigos rivais que passam então a ser amados (p.246). Isto ocorre de maneira a evitar uma rivalidade típica do conflito edipiano, ficando também de lado o esforço no sentido de investir um novo objeto de amor que seja distinto sexualmente do eu. Trata-se de uma espécie de economia do investimento libidinal, uma forma de evitar um certo dispêndio de energia com a triangulação típica do complexo de Édipo, uma vez que se procura manter um investimento dual exclusivo já estabelecido desde o início da vida psíquica. O abandono de uma relação dual, isto é, do amor e da identificação narcísica com a mãe implica certamente em um trabalho psíquico que exige um forte investimento. Acontece que, no mecanismo de escolha

<sup>6</sup> Klein (1957) postula a inveja como o sentimento a partir e dependentemente do qual o ciúme se apresenta e se desenvolve. No contexto acima, tratar-se-ia de considerar que *quanto mais inveja, mais ciúme* e, uma vez considerada a mulher como a invejosa por excelência, ela também o seria em relação ao ciúme.

homossexual proposto por Freud (1922), “a tendência à escolha narcísica de objeto foi assim estimulada e, após uma breve fase de agudos ciúmes, o rival se torna um objeto amoroso” (*ibid.*:246), ocorrendo justamente o inverso na paranóia persecutória, onde o objeto de amor se torna persecutório e odiado. Com efeito, tanto no homossexualismo quanto na paranóia persecutória:

(...) há primeiro a presença de impulsos ciumentos e hostis que não podem conseguir satisfação, e tanto os sentimentos afetuosos quanto os sentimentos sociais de identificação surgem como formações reativas contra os impulsos agressivos reprimidos. (Freud, 1922:246)

Os impulsos agressivos recalcados de que fala Freud (1922) são aqueles que antes se dirigiam aos primeiros rivais odiados, justamente por provocarem ciúme na criança.

Então, desde Freud (1911, 1922) a relação entre ciúme e homossexualismo vem sendo amplamente corroborada na literatura psicanalítica (cf.: Jones, 1929; Chatterji, 1948; Lagache, 1938a, 1947, 1949; Pao, 1969; Urtubey, 1984, 1997; Coen, 1987; Chauvel, 1997). Stanley Coen (1987) foi um dos que apresentou um interessante caso clínico de um homem que sofria de ciúmes delirantes, cuja análise permitiu a elaboração da homossexualidade inconsciente em situação transferencial, corroborando aquilo que Luiza de Urtubey (1984) já havia constatado no tratamento de pacientes do sexo feminino. A figura de um analista do mesmo sexo do paciente, portanto, parece exercer função essencial na elaboração da homossexualidade recalcada nos casos clínicos em que o ciúme toma um caráter excessivo, muitas vezes, delirante.

Chauvel (1997) explicita a hipótese freudiana relativa à relação entre o homossexualismo e o ciúme para explorar uma suposta antinomia entre eles: quando o ciúme se encontrasse em estado latente, o homossexualismo seria patente<sup>7</sup> (evidente/manifesto) e vice-versa: ciúme patente associado a homossexualismo latente. De fato, a associação entre “ciúme manifesto” e “homossexualismo latente”, vai ao encontro da maioria dos trabalhos psicanalíticos sobre o ciúme. Porém, a proposição de Chauvel (1997) que conjuga “homossexualismo patente” e “ciúme latente”, baseada na hipótese freudiana (1922) da escolha de amor homossexual como defesa contra a rivalidade inerente ao ciúme, não se sustenta, conforme constatação do próprio Chauvel

<sup>7</sup> Vale ressaltar que Stoller (1973) utiliza o termo homossexualismo patente como um desdobramento da idéia de bissexualidade constitucional. Contudo, Chauvel (1997) não cita Stoller.

(1997), ao afirmar que “a homossexualidade não pode evitar nem o ciúme nem os delírios paranóicos” (p.32). Assim, a escolha homossexual visa evitar o sofrimento inerente à vivência do ciúme infantil, todavia, isso não evita que o homossexual adulto sinta ciúmes, já que ciúme e homossexualidade não são de modo algum mutuamente excludentes.

Numa reportagem da revista *Sui Generis* (Mazzaro, 2000/R) destinada ao público gay, há uma discussão sobre o ciúme entre homossexuais. Nessa reportagem constam diversos depoimentos de casais de homossexuais que tiveram a experiência do ciúme como um conflito central ao seu relacionamento. Por essa relação amorosa ser baseada numa dualidade especular muito forte, a possibilidade de traição é percebida como uma ameaça sempre iminente nesses casais, gerando a constante incidência das atitudes vulgarmente chamadas de “barracos” (sic). O psicanalista Alberto Goldin, que comenta a reportagem, sugere que os homossexuais são mais ciumentos que os heterossexuais e que “os gays sentem mais na pele a fragilidade das relações humanas e quando assumem seus desejos vão muito fundo, daí serem ciumentos” (*idem*:48). Nesse sentido que Goldin (*idem*) aponta, quando os sujeitos homossexuais assumidamente ciumentos sentissem-se em risco de serem traídos, eles partiriam para uma atitude violenta e regressiva no sentido de recuperar um estado de coisas anteriormente assegurado por uma relação imaginariamente narcísica e idealizada. Uma forma de agir que, ao nosso ver, parece comum a relacionamentos apaixonados, independentemente da sua forma homo ou heterossexual. Consideramos que os desfechos de uma relação narcísica e idealizada podem ser mais ou menos intensos de acordo com uma série de fatores, independentemente da escolha sexual.

Com efeito, seguindo a análise de Leonardo (Freud, 1910a) feita por Chauvel (1997), vemos que é uma relação incestuosa com a mãe que ameaça Leonardo e impele-o à escolha homossexual. Remarcamos ainda que o recalçamento da rivalidade ciumenta devido a essa escolha não suprime que o ciúme surja, violentamente, *a posteriori*. Não seria justamente o fato do ciúme ter sido recalçado o que levaria a uma forte sensibilidade e uma fragilidade excessiva às situações concretas de triangulação amorosa presente nos homossexuais? De qualquer maneira, consideramos que essa discussão recaia na problemática do narcisismo, hipótese fundamental tanto para a compreensão da homossexualidade, em cuja análise não nos aprofundaremos, quanto do ciúme amoroso, nosso ponto central de investigação.

Contudo, antes de centrarmos nossas reflexões nos elementos narcísicos do ciúme, falaremos de uma vertente que valoriza a presença desse sentimento como parte fundamental da constituição psíquica, revelando a experiência e o declínio do complexo de Édipo.

### 1.3. Um afeto estruturante

Começemos pela elementar diferença entre ciúme e inveja estabelecida por Melanie Klein (1957). Enquanto a inveja está mais presente na *posição esquizoparanóide* e apresenta um aspecto destrutivo, o ciúme só surge após a entrada da criança na *posição depressiva*, sendo sua manifestação correlata de um período 'reparador' da vida infantil. A inveja então é mais primitiva, surgindo na relação dual e a manifestação do ciúme é concebida como uma espécie de elaboração da inveja, a partir da triangulação do desejo. Conforme Klein (1957):

Se a inveja não é excessiva, o ciúme na situação edipiana torna-se um meio de elaborá-la. Quando o ciúme é vivenciado, os sentimentos hostis são dirigidos não tanto contra o objeto originário, mas principalmente contra os rivais - pai ou irmãos - , o que introduz um elemento de distribuição. Ao mesmo tempo, quando estas relações se desenvolvem, dão origem a sentimentos de amor e tornam-se uma nova fonte de gratificação. (...) Assim, em certa medida, o ciúme suplanta a inveja; (...) a elaboração da inveja por meio do ciúme é, ao mesmo tempo, uma defesa importante contra a inveja. O ciúme é sentido como muito mais aceitável e origina menos culpa do que a inveja primária que destrói o primeiro objeto bom. (p.230)

Nesse sentido, na perspectiva kleiniana, há num estado subjetivo primitivo, uma "tendência criminal" (Klein, 1927) descrita a partir dos conceitos de inveja, avidez e voracidade, os quais representam uma pulsão destrutiva dirigida aos objetos parciais que a criança investe na posição esquizoparanóide. Por outro lado, o ciúme está ligado a um aspecto estruturante do psiquismo, sendo concomitante com a posição depressiva e com a vivência do complexo de Édipo. Para Klein (1957):

(...) o ciúme é inerente à situação edipiana e é acompanhado de ódio e desejos de morte. Normalmente, no entanto, a aquisição de novos objetos que podem ser amados - o pai e os irmãos - e outras compensações que o ego em

desenvolvimento tira do mundo externo mitigam, até certo ponto, o ciúme e o ressentimento. Se os mecanismos paranóides e esquizóides são fortes, o ciúme – em última análise a inveja – permanece não mitigado. O desenvolvimento do complexo de Édipo é essencialmente influenciado por todos estes fatores. (p.229)

Melanie Klein (1936) aponta para o fato de que, a partir do momento em que a criança concebe seus objetos enquanto “objetos totais”, efetua-se um efeito de “reparação” das fantasias de devoração e destruição da mãe através da instauração da culpa. Esse processo é simultâneo à passagem dos sentimentos de inveja para os de ciúme. A fixação em um registro mais primitivo, aqui representado pela inveja e pelos mecanismos esquizoparanóides, por sua vez, altera a experiência edípica, logo, o ciúme, que pode ser intensificado.

Desse modo, a inveja é mais precoce e está mais ligada a uma relação diádica onde predomina a pulsão destrutiva, haja vista essa relação ser pouco estruturada, prevalecendo as pulsões parciais na relação mãe-bebê. Já o ciúme corresponde a uma fase posterior, na qual o objeto é visto como total, onde opera a triangulação do desejo infantil. Assim, a transformação de um mundo baseado em relações diádicas para outro onde imperam as relações triádicas é correlata da elaboração da inveja pelos sentimentos de ciúme (cf.: Klein, 1957).

Outra forma de entender essa passagem da inveja ao ciúme, da dualidade à triangulação – numa leitura freudiana – depende da demanda dos pais em relação à criança, ou seja, na medida em que os pais exigem que o ciumento assimile o interdito do incesto, destitua-se da violência relativa a seus desejos inconscientes acerca da morte dos rivais (Freud, 1900:276-297) e passe a amá-los de forma terna (cf.: Freud, 1912; 1921:129). Além da exigência dos pais de que os irmãos ‘amem-se uns aos outros’, os irmãos amam a mãe e podem se identificar nesse amor. Freud (1921:130) diz que é quando as crianças estão sozinhas, longe da presença dos pais, que se inicia o processo identificatório entre os irmãos e outras crianças que se interpõem na relação com os pais.

Nas crianças, a demanda de amor dirigida ao adulto e o medo da perda desse amor são fatores comuns. Então, através da identificação e da fantasia proporcionada pelo brincar, o medo de perder o amor dos pais pode ser elaborado e os rivais podem ser transformados nos primeiros amigos da criança. Passa-se de um momento em que prevalece a identificação narcísica com a mãe, para um outro em que a identificação

simbólica com o pai vem a se consolidar, culminando com a formação do ideal do eu, processo em que o ciúme tem importante função e que está na origem do sentimento de grupo. De acordo com Freud (1921):

Essa transformação, ou seja, a substituição do ciúme por um sentimento grupal no quarto das crianças e na sala de aula, poderia ser considerada improvável, se mais tarde o mesmo processo não pudesse ser observado em outras circunstâncias. Basta-nos pensar no grupo de mulheres e moças (...) que se aglomeram em torno de um cantor (...). Certamente seria fácil para cada uma delas ter ciúmes das outras; porém, diante de seu número e da conseqüente impossibilidade de alcançarem o objetivo de seu amor, renunciam a ele e, em vez de puxar os cabelos da outra, atuam como um grupo unido (...) (p.130)

Analogamente, a renúncia ao objeto de amor acontece com as crianças pequenas que, ao perceberem a impossibilidade de uma relação unívoca com a mãe, acabam identificando-se entre si, assumindo o interdito do amor incestuoso, deixando de agir de um modo destrutivo e passando a uma forma mais lúdica de relacionamento, onde está presente a identificação com os pares e também a competitividade. Além do mais, deixar de odiar o rival e passar a amá-lo pode representar uma forma de barganha com relação ao amor dos pais, principalmente quando esse rival é um irmão que os pais também amam. Os pais exigem que a criança ame seu irmãozinho, exercendo uma pressão no sentido da socialização. A criança, então, apresenta um sentimento de culpa por seu ódio e desejo de morte em relação aos primeiros rivais, o que vai impulsionar novas identificações, que tanto podem comportar a presença do companheirismo quanto da competição, nas novas formas de se relacionar. O ciúme transformado em vínculo social está, portanto, na base do sentimento grupal, na medida em que é somado a um novo movimento em relação ao rival, pois este passa a ser, também, o modelo e/ou o amigo. No entanto, o ciúme continua ativo no psiquismo ainda que de forma atenuada.

De qualquer maneira, a possibilidade de identificação com o rival faz com que a criança suavize a idéia onipotente que tem da relação materna (cf.: Numberg *in* Lagache, 1961:223-4), pois essa relação deixa de ser a única possibilidade na vida do sujeito. O ciumento passa a simbolizar seu sentimento na brincadeira e na identificação com o outro, pois percebe que o rival também sofre com a falta da mãe. Enfim, com a elaboração da rivalidade a partir dos processos de identificação simbólica, a criança desvia da mãe o seu olhar. Isto tudo sinaliza a instauração daquilo que Freud (1922)

chamou de ciúme normal e que aqui entendemos como um aspecto estruturante do ciúme, na medida em que proporciona a formação das primeiras relações 'sociais' da criança.

Lacan (1938) afirma que o "eu se constitui ao mesmo tempo que o outro no drama do ciúme" (p.39), baseando-se na consideração de que "a introdução de um terceiro que substitui a confusão afetiva (...) pela concorrência de uma situação triangular" (*idem*) vai conduzir ao reconhecimento do rival, ao qual de um modo ou de outro o sujeito deve se relacionar. Assim, além dos aspectos patológicos do ciúme, ancorados numa agressividade exacerbada e/ou na prevalência da pulsão de morte que podem tanto se dirigir para o próprio sujeito ciumento quanto para o rival e/ou o objeto de amor – como veremos mais detidamente no próximo capítulo –, focalizamos esse postulado psicanalítico de que o ciúme está na origem do sentimento social. De acordo com Lacan (1938), "(...) o ciúme em sua essência, representa não uma rivalidade mas uma identificação mental (...) desde esse estágio [6 meses a 2 anos] se esboça o reconhecimento de um rival, ou seja, de um 'outro' como objeto" (p.31). Então, a partir das idéias de identificação com o rival e de reconhecimento da diferença, Lacan (1938) define o ciúme como o "arquetipo dos sentimentos sociais" (p.39).

Outros autores contemporâneos também têm ressaltado a existência de um aspecto estruturante do ciúme, ou seja, o ciúme que desencadeia a triangulação do desejo, resultado do complexo de Édipo, como um fator imprescindível para a saída do mundo de relações diádicas e para a entrada nas relações triádicas (Gibeault. & Schaeffer, 1997; Debourge-Donnars, 1997; Labrouse-Hilaire, 1997). Essa passagem também corresponde à elaboração da inveja primitiva pelo ciúme (cf.: Klein, 1957). Assim, o aspecto estruturante do ciúme, que entendemos como equivalente da instauração de um ciúme *normal* ou *competitivo* (Freud, 1922:237), é parte fundamental do psiquismo.

Debourge-Donnars (1997) discute no artigo chamado *Enfin, jalouse?*, um caso clínico em que afirma que o ciúme apresenta um efeito transformador no decorrer do tratamento analítico e resulta em dois principais rumos na análise. Quando se institui como um impasse, o ciúme se liga à compulsão à repetição de uma situação de rivalidade destrutiva. Porém, o ciúme associado ao trabalho psíquico em análise pode levar a uma 'solução ciumenta' (Debourge-Donnars, 1997:69), através da qual uma possível fixação em um registro dual, especular, seria elaborada. Sentir ciúme e assumir esse sentimento sinaliza a passagem para um registro ternário, onde se opera uma

diferenciação da relação primitiva com a mãe e se torna viável a construção de um mundo próprio, na proporção em que o outro é reconhecido em sua singularidade. Na leitura que Debourge-Donnars (1997) faz de Lefrève (*apud* Debourge-Donnars, 1997) o ciúme “se trataria de uma evasão do ser situado na disputa entre o imaginário e o simbólico. O ciúme se constituiria então como um impasse do estágio do espelho” (*ibid.*: 70)<sup>8</sup>, em que o sujeito tanto pode se fixar, quanto pode ultrapassar, elaborando-o. A autora parte então para a investigação, através de um caso clínico, das distinções entre uma experiência estruturante e uma fixação no ciúme.

Em linhas gerais, Jeannick, sua cliente durante dois anos, mantinha-se presa ao ex-namorado, de quem nunca realmente gostou. O fato de ele ter arrumado uma nova namorada, enfim, tê-la trocado por outra, foi o que marcou o início do seu interesse pelo rapaz. Ela começou a persegui-lo e as sessões terapêuticas redundavam sempre nesse tema. Sucedia-se que a paciente repetia a história dos pais; sua mãe foi traída por seu pai quando ela ainda era adolescente, e Jeannick participou do sofrimento materno, sendo então a confidente da mãe. Quando enfim os pais se reconciliaram, Jeannick passou a se sentir posta de lado. Na análise da paciente, a princípio, Debourge-Donnars (1997) acreditou que:

(...) o ciúme de Jeannick fora de natureza edípiana. Ela realizara seus desejos de infidelidade, identificando-se assim à imagem que ela construía de seu pai. Em seguida, ela repetiu o drama familiar projetando a imago parental sobre seu namorado e se identificando à sua mãe enganada e humilhada.<sup>9</sup> (p.73)

Na verdade, ela repetia a cena primitiva na qual ela mesma era a excluída. Contudo, Debourge-Donnars (1997) percebe outros elementos ligados ao aspecto edípiano do ciúme de Jeannick: tratava-se do interesse homossexual pela rival, do papel de duplo que representava a analista e, enfim, de uma problemática pulsional e narcísica subjacente ao caso. Então, como uma reação transferencial, Jeannick reclama do silêncio (da ausência) da analista e assume que tem ciúme dela, ao que a analista responde prontamente: “--Enfim, ciumenta?” (*idem*:74). A partir do momento em que Jeannick é capaz de por em palavras seus sentimentos, ela passa a diferenciar a analista,

<sup>8</sup> T. L. do O.: “(...) il s’agirait d’une dérobade de l’être située à l’accrochage même de l’imaginaire et du symbolique. La jalousie se constituerait alors comme une impasse du stade du miroir.”

<sup>9</sup> T. L. do O.: “(...) la jalousie de Jeannick était de nature oedipienne. Elle avait réalisé ses désirs d’infidélité, en s’identifiant ainsi à l’image qu’elle avait construite de son père. Par la suite, elle avait

que deixa de ser chamada de “sua companheira” para ser chamada de “sua psy”. Essa autora afirma que “reconhecendo-a como sua ‘psy’ no lugar de sua ‘companheira” (*ibid.*:78) ela “deixa de ser tomada dentro da relação especular para se tornar o suporte de uma função ‘terceira’ e paternal”<sup>10</sup> (*ibid.*).

Pretendemos assinalar com esse exemplo um momento essencial de passagem de uma estruturação predominantemente dual para uma estruturação triangulada, onde a aceitação do ciúme aponta para a falta, ou melhor, para a impossibilidade de uma realização completa dos desejos mais primitivos da fase pré-ediânica. Essa passagem do dois para o três acontece, de um modo geral, em qualquer um. No entanto, algumas pessoas se mantêm presas no impasse desse momento de passagem, negando o ciúme que sinaliza a falta, a castração e, repetindo compulsivamente um tipo de ligação que descarta totalmente a existência do outro, em última análise, do interdito e da diferença.

Assim, o reconhecimento do ciúme, para Debourge-Donnars (1997), revela na clínica a possibilidade de diferenciação entre o eu e o objeto, a saída de um universo narcísico violento que deseja destruir a diferença e o terceiro na tentativa de manter um gozo exclusivo com a mãe, para dar chance à assunção de uma identidade ciumenta, que reconhece o interdito à relação dual incestuosa. Em uma aproximação teórica, Debourge-Donnars (1997) faz um paralelo entre o ciúme e a alienação com o intuito de demonstrar a oposição entre ciúme normal e patológico, onde acentua que assumir uma posição (um sentimento) de ciúme corresponde à possibilidade de diferenciar, enquanto permanecer alheio a este sentimento significa manter-se alienado num universo dual. Conforme Debourge-Donnars (1997):

Se um ciúme normal permite sair de uma relação fusional com a mãe ao introduzir um terceiro, e nesse sentido, tira da alienação, o ciúme passional, ao contrário, fracassa e reforça o movimento fusional. Ele remonta a uma impossibilidade de se pensar a cena primitiva e a homossexualidade então se restabelece.<sup>11</sup> (p.77)

---

répété le drame familial en projetant l’image paternelle sur son ami et en s’identifiant à sa mère trompée et humiliée.”

<sup>10</sup> T. L. do O.: “(...) cesse d’être prise dans la relation en miroir pour devenir le support d’une fonction ‘tierce’ et paternelle.”

<sup>11</sup> T. L. do O.: “Si une jalousie normale permet de sortir de la relation fusionnelle à la mère en introduisant un tiers et donc en ce sens désaliène, par contre la jalousie passionnelle échoue et renforce le mouvement fusionnel. Elle renvoie à une impossibilité de penser la scène primitive et l’homosexualité prend alors dessus.”

Assim, dois aspectos fundamentais se depreendem do texto dessa autora: por um lado o ciúme “que permite sair da indistinção, separar o eu do outro, descolar da confusão de identidade e de papéis, anuncia a individuação”<sup>12</sup> (*ibid.*:78); por outro lado, “a exclusão do terceiro deixa então o indivíduo prisioneiro de sua relação especular”<sup>13</sup> (*ibid.*:80). Então, o fato de podermos demarcar alguns aspectos estruturantes do ciúme não exclui a possibilidade de que a regressão da libido a um registro mais arcaico desencadeie o surgimento de aspectos mais primitivos, ou seja, formas extremamente intensificadas do ciúme. Ora, retomando a idéia kleiniana de que a predominância da inveja é que determina o caráter violento do ciúme, dele, claramente, ela se diferencia, posto que a inveja depende da fixação numa relação exclusivamente dual, enquanto o ciúme *a priori* já sinaliza a relação triangular. Então, para além da inveja, apontaremos para a importância da dinâmica narcísica e especular no desencadeamento de manifestações excessivas de ciúme.

<sup>12</sup> T. L. do O.: “(...) qui permet de sortir de l’indistinction, de séparer le moi d’autrui, de se dégager de la confusion d’identité et de rôle, annonce l’individuation.”

<sup>13</sup> T. L. do O.: “(...) l’exclusion du tiers laisse donc l’individu prisonnier de sa relation spéculaire.”

## 2. Narcisismo e Édipo entrelaçados

*(...) É um armário com espelho. A. concentra toda a sua atenção em olhar seu rosto muito de perto. Ela refugiou-se agora, ainda mais para a direita (...) Seria fácil observá-la por uma das duas portas, a do corredor central ou a do banheiro; mas as portas são de madeira maciça, sem sistema de gelosias que deixe ver obliquamente. Quanto às gelosias das três janelas, nenhuma delas permite mais agora ver alguma coisa.*

*O ciúme* de Alain Robbe-Grillet

Discutindo o histórico psicanalítico do conceito de ciúme patológico, Stanley Coen (1987) põe em discussão a participação do narcisismo e do complexo de Édipo na problemática do ciúme. Nesse sentido, ele afirma que alguns autores responsabilizaram o período pré-edipiano pelo resultado patológico do ciúme, enquanto outros enfatizaram o triângulo edipiano e a culpa (p.100). Então, Coen (1987) sugere que “embora a psicopatologia do pré-Édipo possa parecer predominante, isto não precisa excluir as manobras defensivas contra a culpa resultante do conflito fálico edipiano” (p.101)<sup>1</sup>, posicionamento que se baseia não só nas ‘teorias do ciúme’, mas também em um caso clínico que apresenta.

Coen (1987) elegeu o artigo de Pao (1969) como a referência mais adequada ao estudo do ciúme patológico, uma vez que enfatiza a centralidade dos aspectos narcísicos sem desprezar a importância de sua associação ao conflito edipiano, apesar de, na opinião de Coen, Pao manter uma certa dicotomia entre eles. Então, Coen (1987) afirma que “a cena triádica ciumenta no ciúme patológico serve simultaneamente para defender e para expressar ambos os conflitos diádico e triádico” (Coen, 1987:100), acentuando que não há dicotomia, mas interdependência entre esses conceitos. Ora, de fato, não se trata de tomar narcisismo ou complexo de Édipo numa polarização em que um ou outro seria mais importante, pois ambos podem estar envolvidos no surgimento de um ciúme,

<sup>1</sup> T. L. do O.: “Although the pre-oedipal psychopathology may appear predominant, this need not exclude defensive requirements against guilt from phallic oedipal conflict.”

sintomático ou não. Quanto a isso, é interessante notar a ênfase dada por Lachaud (1998:149) à pluralidade do ciúme, isto é, à diversidade de manifestações que envolvem esse sentimento, intitulado propositalmente seu livro de *Jalousies*. A autora visa, assim, enfatizar a existência de ciúmes diversos, efeitos da organização psíquica que os sustenta (Lachaud, 1998:25), confirmando, também, a importância tanto do narcisismo quanto do complexo de Édipo na vivência do ciúme.

Urtubey (1997), discutindo a conjugação entre as formações narcísica e edípica na base do ciúme, encara esse afeto como “um barco entre dois pólos”<sup>2</sup> (p. 169): o pólo *edipiano* que se manifesta na cena primitiva, no embate com o rival, e o pólo *narcísico*, das paixões vividas de uma forma especular e regressiva. Denzler (1997), por sua vez, reforça essa idéia ao concluir que “o ciúme edipiano ligado à inveja do pênis sinaliza uma intrincação dos investimentos objetais e narcísicos, característica da estrutura fálica exigindo, então, uma interpretação nos dois registros (p.43)”<sup>3</sup>. Além disso, Denzler (1997) conclui que é ineficaz qualquer abordagem que se balize exclusivamente pela análise do narcisismo ou apenas pela consideração das relações objetais.

Se nos primórdios da constituição subjetiva o que prepondera é uma relação dual, e o ciúme sempre implica na existência de um terceiro<sup>4</sup>, então é necessariamente num contexto triangular que o ciúme será instituído. Essa situação pode estar presente desde muito cedo, antes mesmo de uma estruturação edípica efetiva. É assim que, conforme Kristeva (1993), o desejo da mãe sobre a criança é desde sempre ‘triangulado’, portanto, o bebê se constitui como objeto de amor, dado que a mãe:

(...) amará sua criança sob o olhar desse Outro, e é pelo seu discurso em direção a esse Terceiro que a criança se constituirá para sua mãe como ‘amada’. ‘Como ele é bonito’ ou ‘Eu me orgulho de você’, etc, são os enunciados do amor maternal porque eles implicam um Terceiro: é sob o olhar de um Terceiro que o bebê ao qual a mãe fala se torna um ‘ele’, é diante dos outros que ‘eu me orgulho de você’, etc.<sup>5</sup> (p.48)

<sup>2</sup> T. L. do O.: “(...) un navigue entre deux poles (...)”.

<sup>3</sup> T. L. do O.: “(...) la jalousie oedipienne liée à l’envie du pénis signe une intrication des investissements objetaux et narcissiques caractéristique de la structure phallique et qu’elle exige donc une interprétation dans les deux registres”.

<sup>4</sup> Servimo-nos aqui da emblemática afirmação literária de Barthes (1977/BL): “O ciúme é uma equação a três termos permutáveis (irresolúveis) (...)”, p. 89.

<sup>5</sup> T. L. do O.: “(...) amaira son enfant au regard de cet Autre, et c’est par son discours à ce Tiers que l’enfant se constituera pour sa mère comme ‘aimé’. ‘Comme il est beau’ ou ‘Je suis fière de toi’, etc, sont des énoncés de l’amour maternal parce qu’ils impliquent un Tiers: c’est au regard d’un Tiers que le bébé auquel la mère parle devient un ‘il’, c’est devant les autres que ‘je suis fière de toi’, etc.”

Nesse sentido, há desde o início uma situação triangular constituída pelo bebê, sua mãe e o olhar que ela dirige a um Terceiro, mesmo na vigência de uma relação diádica. Assim, o ciúme, na sua origem, é o ciúme da mãe, num Édipo precoce modulado pela relação narcísica subjacente. Logo, reafirmamos que o ciúme se define pela conjugação das problemáticas narcísica e edípiana.

Tomando o complexo de Édipo positivo do menino como exemplo mais direto do ciúme, vemos que a figura paterna representa o rival no amor da mãe, posteriormente adotado como modelo identificatório, após o confronto com a castração e com a transformação do desejo incestuoso. O 'surgimento' do rival desencadeia um desejo de destruição desse outro que se interpõe no relacionamento com a mãe, percebido fantasiosamente como exclusivo e dual, portanto, fortemente marcado pelo investimento narcísico.

### 2.1. O ciúme do outro como evidência da paixão de si

O conceito de narcisismo em psicanálise apresenta oscilações decorrentes de diferentes períodos de teorização e também de diferentes interpretações feitas do texto freudiano (*vide* Laplanche & Pontalis, 1982; Kauffman, 1993; Nasio, 1995; Rocha, s/d). Assim, dentro dessa 'torre de Babel' constituída pelas várias leituras sobre o narcisismo, traçamos um caminho que nos parece mais profícuo para o entendimento do ciúme, a partir, basicamente, das contribuições de Laplanche & Pontalis (1982) e Zeferino Rocha (s/d) sobre o tema.

Conforme Laplanche & Pontalis (1982), na primeira tópica é enfatizada a concepção do narcisismo enquanto fase intermediária entre o auto-erotismo e a escolha de objeto e, na segunda tópica, Freud põe à margem essa distinção para assumir a definição do narcisismo enquanto estado anobjetal e de indiferenciação das instâncias eu / isso, numa perspectiva que, para Rocha (s/d) tende a uma explicação biologizante. Dando continuidade a essa discussão, Rocha (s/d), por sua vez, postula três diferentes concepções de narcisismo em Freud. A primeira, baseada no texto de Leonardo (Freud, 1910a), define o narcisismo a partir de uma relação narcísica e especular da criança com sua mãe, prototípica do homossexualismo. A segunda, julgada por Rocha (s/d) como complementar à anterior, situa-se entre o período de 1911 e 1914 nos chamados artigos técnicos, onde surge a definição do narcisismo como etapa intermediária entre o auto-erotismo e o amor de objeto. Enfim, a terceira, aparece na segunda tópica freudiana com

a idéia do narcisismo primário enquanto estado inicial da vida humana, numa perspectiva articulada ao conceito de pulsão de morte.

Por considerá-lo mais coerente com o estudo do ciúme, escolhemos o caminho freudiano da primeira noção de narcisismo, articulada em 1910, versão que não exclui as contribuições de 1914, onde foi postulado o papel estruturante do narcisismo – “uma nova ação psíquica” – que vem formar o primeiro esboço do eu infantil.

Pois bem, uma das primeiras aparições do termo narcisismo em Freud surge em 1910, com o estudo sobre Leonardo. O narcisismo ali é visto como o amor pela imagem própria, numa articulação estritamente dependente do conceito de recalçamento:

O menino reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor. Desse modo ele transformou-se num homossexual (...) Encontram [os meninos] seus objetos de amor segundo o modelo do *narcisismo*, pois Narciso, segundo a lenda grega, era um jovem que preferia sua própria imagem a qualquer outra (...) (Freud, 1910a:106)

Esse trecho enfatiza a constituição de um amor vinculado à imagem de si através do recalque da relação incestuosa primitiva, algo que não necessariamente desemboca no homossexualismo manifesto. Com efeito, o amor primário pela mãe é substituído pelo amor-próprio, com a formação de uma imagem narcísica como fruto dos investimentos maternos.

Tendemos a associar o amor à própria imagem, sucedâneo do recalçamento do amor incestuoso (Freud, 1910a;1922), ao conceito de identificação narcísica, elaborado por Freud (1917[1915]) em *Luto e melancolia*. Se nos primórdios da identificação narcísica, o objeto de amor é recalçado e incorporado ao eu, então o amor-próprio e a imagem de si dependem necessariamente da relação primária com o objeto. Nesse sentido, a paixão amorosa, por ser fundada numa identificação narcísica, será vivenciada como algo inquebrantável. Freud (1917[1915]), ao discutir a melancolia, diz:

(...) a escolha objetiva é efetuada numa base narcísica, de modo que a catexia objetiva, ao se defrontar com obstáculos, pode retroceder para o narcisismo. A identificação narcísica com o objeto se torna, então, um substituto da catexia erótica, e, em consequência, apesar do conflito com a pessoa amada, não é preciso renunciar à relação amorosa. Essa substituição da identificação pelo

amor objetal constitui importante mecanismo nas afecções narcisistas.<sup>6</sup> (Freud, 1917 [1915]:255)

O sujeito fica, então, voltado para si mesmo, reinvestindo um sofrimento devido aos obstáculos defrontados durante a relação objetal, de modo a garantir, pela via da identificação narcísica com o objeto, um investimento erótico que se instaura narcisicamente, isto é, volta-se para o eu enquanto substituto da relação objetal. Apesar de nesse texto Freud teorizar especificamente sobre a melancolia, aventamos a possibilidade de que o mesmo processo ocorre na paixão amorosa, pois o objeto amoroso atual passa a ser identificado com o primeiro objeto, que contemporaneamente encararíamos como uma imagem de si que deriva da relação especular primitiva. Assim, a relação apaixonada é uma relação baseada no narcisismo. Nela nenhum transtorno da imagem projetada no objeto de amor é suportada, isto é, não é admissível qualquer expressão da diferença subjetiva, da singularidade do outro, ficando a relação fixada numa imagem especular, rígida e idealizada do(a) companheiro(a) (*vide* Lejarraga, 1998, 1999). A partir disso, pensamos no ciúme como uma manifestação regressiva marcada por um momento em que o sujeito:

(...) não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal. (Freud, 1914:100-1)

No ciúme, o sujeito não pode abrir mão da ilusão de perfeição advinda do ideal narcísico que atribui ao objeto amoroso na paixão, desejando recuperar uma realização ilusória sempre que uma frustração se faz presente no amor. O amor apaixonado a ser alcançado segue, portanto, o modelo do eu ideal. Contudo, a procura amorosa de um objeto especular é sempre frustrada, dado que o encontro com o outro do espelho é inatingível, donde surge o esboço de um ciúme como insuficiência do amor do duplo.

Lachaud (1998:51;136-7) é partidária desse efeito regressivo que ‘certos ciúmes’ podem apresentar. Pois bem, na paixão amorosa do adulto, o parceiro entra como

<sup>6</sup> Notamos que a ESB apresenta a frase “Essa substituição da identificação pelo amor objetal (...)”, com o sentido inverso daquele argumentado por Freud nesse trecho, sendo, possivelmente, um erro de tradução.

componente idealizado (*vide* Freud, 1921:115-126), justamente nessa tentativa de recuperação de um estado infantil em que a construção da imagem de si culminou com uma satisfação narcísica. Bem, o importante numa leitura do ciúme é pensar em situações em que o investimento narcísico da própria imagem toma uma dimensão central na busca de satisfação pulsional. Conseqüentemente, nesse modelo, o investimento libidinal passa a ser vinculado exclusivamente a escolhas narcísicas de objeto (Freud, 1914).

Então, tomamos o conceito de *estádio do espelho* de Lacan (1949), uma vez que esse revela o instante de júbilo em que, pela integração do corpo (antes percebido como ‘despedaçado’) na imagem de um eu unificado, a criança usufrui um gozo especular; um gozo narcísico por excelência, do qual o ciumento não consegue se desprender. É nesse sentido que Lacan (1966) discute a implicação imaginária do ciúme, ao postular que:

O ciúme implica uma captura imaginária, uma captura pela imagem do outro em que está em jogo a estrutura do eu, o sujeito identificando em seu sentimento de si à imagem de um outro que o constitui. É no outro que o sujeito se identifica e mesmo se experimenta antes de tudo.<sup>7</sup> (Lacan, 1966 *apud* Debourge-Donnars, 1997:78, grifos nossos)

O sujeito ciumento é *capturado* pelo outro e o ciúme é a expressão dessa captura imaginária. O ciumento depende do outro como um complemento de si mesmo. Daí, a necessidade de uma troca amorosa ininterrupta, enfim, do investimento amoroso do outro como condição do amor de si. Ora, uma relação amorosa identificada especularmente prima pela confirmação do amor narcísico, sendo que a ameaça de separação do par indica, no parceiro ciumento, uma ruptura na própria estrutura do eu.

A partir de Lacan (1949, 1954, 1966), então, alguns teóricos vêm remarcando a função do aspecto imaginário no entendimento do ciúme, ao retomarem o postulado da reprodução na paixão de uma relação de identificação especular constitutiva do sujeito. De fato, Debourge-Donnars (1997) afirma que o ciúme se caracteriza por um impasse no estágio do espelho, cujas vicissitudes forjam as expressões desse afeto. O ciumento, para ela, estaria preso numa relação dual incapaz de ‘triangular-se’ efetivamente, não podendo desse modo ultrapassar o primado imaginário em direção ao simbólico, onde a

<sup>7</sup> T. L. do O.: “La jalousie implique une capture imaginaire, une capture par l’image de l’autre où se joue la structure de moi, le sujet s’identifiant dans son sentiment de soi à l’image d’un autre qui le constitue. C’est dans l’autre que le sujet s’identifie et même s’éprouve tout d’abord.”

linguagem se institui. Essa posição é também fortemente remarcada por Vasse (1995) e por Lachaud (1998:119) que vêem o ciúme regressivo como uma forma de recusa da castração. Assim, desde cedo, com o júbilo especular, um ideal primitivo firma presença no psiquismo, dando o tom das manifestações de ciúme. Quanto ao ideal narcísico, Lachaud (1998), por sua vez, esclarece que:

A primeira imagem que nós amamos, depois daquela do Outro, a mãe primordial, é aquela do espelho, a nossa, primeira imagem narcísica. No ciúme, nós não devemos esquecer essa dimensão narcísica; ela diz respeito à nossa própria relação ao ideal.<sup>8</sup> (p.129)

A ênfase dessa autora recai, portanto, no narcisismo enquanto primeira fonte do ideal; um ideal concebido por identificação com o outro enquanto um modelo de excelência que não pode sofrer qualquer ordem de alteração, posto que o amor é enrijecido numa imagem idêntica de si. A fixação num ciúme primitivo faz pressão no sentido da repetição do prazer especular em que o outro se anula na imagem de um eu ideal onipotente e alienante. Desse modo, já a partir da estruturação narcísica infantil (Freud, 1914), delineiam-se os diversos percalços das relações narcísicas futuras que podem, *a posteriori*, desencadear os mais variados sintomas, aos quais o ciúme se associa e, mesmo, pode vir a protagonizar.

## 2.2. A imagem do rival: um retorno pulsional

A presença de um rival na infância gera o ciúme e a agressividade que levam ao desejo de destruição do outro. Interpretamos isso conforme leitura de pelo menos dois textos: *Sonhos Típicos* (Freud, 1900), quando o “desejo de morte de pessoas queridas”, pai, mãe e/ou de irmãos, surge no sonho e, também, a *Análise de uma fobia de um menino de cinco anos*, com o caso do pequeno Hans (Freud, 1909), quando ele deseja que sua irmã recém-nascida morra afogada na banheira. Contudo, o ciúme surgido no confronto com o rival também pode desencadear diferentes caminhos para a agressividade, além do desejo de destruição do terceiro.

<sup>8</sup> T. L. do O.: “La première image dont nous sommes amoureux, après celle de l’Autre, la mère primordiale, est celle du miroir, la nôtre, première image narcissique. Dans la jalousie, nous ne devons pas oublier cette dimension narcissique; elle concerne notre propre rapport à l’idéel”.

As alternativas do sujeito em decorrência do ciúme por identificação, conforme apresentado no complexo de intrusão (Lacan, 1938), podem ser pelo menos duas: “ou ele reencontra o objeto materno e vai se agarrar à recusa do real e à destruição do outro; ou (...) ele o recebe (...) como objeto comunicável” (Lacan, 1938:38), reconhecendo-o como outro, diferente de si e castrado. Vamos nos deter agora no exame da primeira alternativa, ou seja, na discussão de uma via regressiva do ciúme que reinveste o narcisismo.

Em suas investigações sobre as primeiras manifestações afetivas da criança, Lacan (1938) deu ênfase à importância da figura fraterna no desencadeamento do ciúme infantil. Ele recorre à interpretação da cena descrita por Santo Agostinho em que uma criança observa “cheia de inveja”, “pálida”, o irmão sendo amamentado pela mãe. Apesar de tratarmos nesta dissertação especificamente do ciúme amoroso, a pertinência da rivalidade fraterna, interpretada por Lacan (1938), não pode ser colocada de lado, pois de algum modo o ciúme entre irmãos na infância pode ser visto como o protótipo do ciúme nas futuras histórias de amor do adulto<sup>9</sup>. De fato, o relacionamento entre os pares, isto é, irmãos e irmãs com os quais se trava contato na infância (Bonnet, 1997; Lechartier-Atlan, 1997), reveste um trauma que pode ser revivido nos relacionamentos amorosos posteriores.

Lacan (1938) foi um dos autores que focalizou o aspecto avassalador da visão da amamentação de um irmão por uma criança maior, no que podemos inferir uma espécie de origem do ciúme. Ao nomear o episódio da visão da amamentação de um irmão menor sob a nomenclatura de *complexo de intrusão*, demonstrou como a separação, ou ainda, o afastamento do objeto de amor na infância culmina com a imposição da entrada de um terceiro na relação primária entre a criança e sua mãe. A cena da intrusão, por sua vez, remete a criança ao *complexo do desmame*, à perda de um estado de satisfação que o sujeito experimentou em idade bastante tenra, principalmente, um prazer oral do bebê quando era amamentado pela mãe. Aqui não podemos esquecer a questão da oralidade como fonte de prazer e, desse modo, uma ‘meta’ regressiva do ciúme, cujo apontamento já encontramos em Chatterji (1948) e Pao (1969). Com efeito, o surgimento do ciúme na criança parece representar uma busca de “reencontro com o objeto perdido” no desmame.

<sup>9</sup> Num primeiro momento de nossas investigações (Arreguy, 1997), quanto mais procurávamos nos aprofundar no estudo do ciúme entre irmãos mais nos deparávamos com o ciúme amoroso. Agora, no entanto, o caminho exatamente inverso se configura. A todo momento nos defrontamos com a questão fraterna, o que se deve à estreita relação dessas proposições entre si.

No complexo de intrusão, ao mesmo tempo em que a criança entra num processo de rivalidade com o irmão, ela identifica-se com ele, objeto ao qual destina sua violência, pois “a imagem do irmão não desmamado só atrai uma agressão especial porque repete no sujeito a imago da situação materna e, com ela o desejo de morte” (Lacan, 1938:35). Entendemos aqui o desejo de morte como um desejo de destruição daquela situação conflitiva da intrusão, ou seja, na fantasia da criança algo (ou alguém) precisa morrer (ser destruído) para que seu mal-estar tenha vazão. Assim, a criança deseja ocupar o lugar do rival, cuja visão a remete ao seu desejo incestuoso pela mãe, ou ainda, ao desejo de retorno para uma posição em que a criança era tratada como “sua majestade o bebê” (Freud, 1914). Então, um movimento regressivo passa a imperar no sujeito enquanto exigência de repetição da satisfação primitiva com a mãe. A fantasia de que o irmão amamentado obtém uma gratificação plena do objeto materno, repete no sujeito, via lembrança e identificação, o investimento de um desejo incestuoso, gerando também a necessidade de disputa desse lugar idealizado.

De acordo com Lacan (1938), a partir da cena de intrusão, em primeiro lugar, estabelece-se uma “identificação mental” (p.31) com o irmão sendo amamentado, simultaneamente a uma atitude de agressividade<sup>10</sup>. Ao falar em identificação mental nessa discussão, Lacan (1938) está se referindo ainda ao período narcísico das relações especulares, que pode ou não vir a ser mediado pela identificação simbólica, função do ideal do eu. Lardon (1997:110), Labrousse-Hilaire (1997:94-5) e Lechartier-Atlan (1997:62-3) assinalaram a questão do duplo especular na determinação de um ciúme primitivo, via identificação, donde surge a rivalidade, a partir da qual a agressividade toma força e se expressa em direção ao duplo. Pois bem, a agressividade emergente nesse momento precoce do ciúme – que podemos chamar de *ciúme originário* (cf. Chauvel, 1997:33) – pode seguir, ao nosso ver, diferentes trajetos: o desejo de destruição do rival, ou o desejo de destruição do objeto traidor, ou ainda, a destruição de si mesmo, para se livrar do próprio sofrimento e/ou se autopunir. Ora, concordamos com a afirmação de Lechartier-Atlan (1997) de que a raiva dirigida ao rival é inseparável da raiva vivida em relação ao objeto de amor (p.63-5), o que, por sua vez, também se dirige ao eu, já que o eu é formado narcisicamente a partir da imagem do objeto de amor primário. De fato, a agressividade surge numa dialética em que todas as

<sup>10</sup> Note-se que essa ordem dos fatos, ou seja, identificação seguida de agressividade, inverte as proposições freudianas de 1922 (*Certos mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo*), onde a identificação é posterior à agressividade e surge como resultado do recalçamento dela.

figuras – eu, objeto de amor, rival – estão envolvidas e são mutuamente substituíveis no que concerne ao investimento pulsional.

Em geral, a agressividade dirigida ao irmão/rival que é o alvo principal, mas não único do ciúme, é suprimida, uma vez que os pais impõem aos filhos essa exigência (Freud, 1921; Arreguy, 1997). Lechartier-Atlan (1997: 60) considera que o resultado do recalçamento da agressividade dirigida ao irmão pode culminar com uma sobrecarga auto-agressiva e, ainda, com um “perigo masoquista” (*idem*), na medida em que a agressividade gerada na cena de intrusão é recalçada e se volta contra o eu enquanto culpa, claramente, um resultado da pressão superegógica. Debourge-Donnars (1997), por sua vez, afirma que em certas situações de ciúme há um domínio do masoquismo na medida em que o desejo edípiano intensifica os sentimentos de punição (p.71). Trata-se de uma espécie de intensificação da culpa sobrevinda com o declínio do Édipo via supereu, fazendo com que a agressividade exteriorizada com a rivalidade retorne inteiramente para o sujeito, apontando, assim, para um movimento masoquista.

Lacan (1954:199-201) considera o masoquismo primordial uma expressão da pulsão de morte, algo “constituente da posição fundamental do sujeito humano” (p.200), ou seja, aponta a pulsão de morte e o masoquismo enquanto as primeiras e mais características manifestações da subjetividade humana, tese que depende da noção de narcisismo presente na segunda tópica freudiana (*vide* Laplanche & Pontalis, 1982; Rocha, s/d). A partir dessa interpretação lacaniana sobre o masoquismo, vemos que o destino da agressividade gerada na imagem da intrusão depende da ultrapassagem, ou não, dessa posição sadomasoquista, um conflito que se situa na junção entre os registros imaginário e simbólico (cf.: Debourge-Donnars, 1997:70).

Retomando a tese dos *Complexos Familiares* de Lacan (1938), vemos que um dos fatores pulsionais que está em jogo no ápice do complexo de intrusão é a predominância das funções visuais (p.37), isto é, a importância da imagem visual do outro na consecução, manutenção e/ou recuperação da unidade narcísica. A visão do terceiro numa posição de gozo com o objeto de amor estimula, pois, uma regressão baseada na identificação narcísica com ambos, objeto e rival. Lacan (1938) caracteriza esse momento como *intrusão narcísica* (p.38). A visão do duplo especular delineia um estranhamento em relação ao irmão pequeno, a partir do que especulamos sobre a voz inconsciente do ciumento: “quem é esse outro que não eu”, “por que está no meu lugar”, “não deve estar aí, portanto, deve ser destruído”. Assim, a imagem de outro bebê sendo amamentado vista pela criança mais velha evoca uma lembrança que, ao mesmo tempo

em que quebra a onipotência da relação dual com a mãe apontando para uma possível identificação com o rival, desencadeia uma busca regressiva de reaver um contato materno exclusivo. A cena de um irmão sendo amamentado traz a lembrança de um momento primitivo que, no *a posteriori*, ativa o retorno de um gozo incestuoso recalçado, a partir do qual toda a diferença deve ser aniquilada. Para Lacan (1938), no primado da intrusão impera um “mundo narcísico” (p.38) que, em seu sentido pleno:

(...) indica a morte: a insuficiência vital de que provém esse mundo; ou o reflexo especular: a imago do duplo que lhe é central; ou a ilusão da imagem: esse mundo (...) não contém o outro. (*idem*)

Completamos, um mundo que não contém o outro enquanto sujeito singular, castrado, portanto, diferente do eu. O outro nesse momento é precisamente um outro idêntico. Primária essa busca de satisfação do ciumento por um mundo pré-narcísico que jamais foi significado, em que a lógica *a posteriori* corresponderia à ordem da ilusão por um gozo TODO, conforme postula Lachaud (1998:103;120;131;142)? Questão que deixamos em aberto.

Bem, a relação com o primeiro objeto de desejo nesse “mundo narcísico” pode se repetir compulsivamente em relacionamentos amorosos caracterizados essencialmente pela possessividade e pelo ciúme (*vide* Riviere, 1937; Ferreira-Santos, 1996). Quando o sujeito apaixonado encontra alguém com quem possa simular uma relação amorosa perfeita, ele tenta prioritariamente manter essa relação calcada num reforço narcísico mútuo. A sustentação narcísica da relação normalmente é garantida através de uma necessidade constante de auto-afirmação e de confirmação amorosa do parceiro. É o olhar do outro que confirma o amor e, simultaneamente, assegura a imagem de si como objeto de desejo, assim como foi postulado na estruturação especular do eu a partir do investimento materno. Qualquer deslize do parceiro amoroso que venha a anunciar uma quebra no núcleo narcísico da paixão traz à tona o sentimento de ciúme. Essa falha do amor não depende de um rompimento efetivo da relação, mas de uma desestruturação na imagem de perfeição que dela é esperada. A possibilidade de que o objeto se envolva com um terceiro, seja pela palavra, seja pelo olhar, é sempre encarada como ameaça de separação, enfim, como uma ameaça à onipotência narcísica. Com a emergência do ciúme, então, supomos que o sujeito oscila entre um movimento de rompimento do amor, que em certa medida representa a morte do eu, e um

movimento de manutenção compulsiva do objeto, na tentativa de assegurar a imagem própria baseada na relação especular com o outro.

Então, além do desejo de vingança e da necessidade de destruição do outro que surgiu na hipótese de desenlace do relacionamento amoroso, pode prevalecer uma passividade, que mantém o sujeito numa nostalgia por momentos mais ou menos escassos de “posse” exclusiva do objeto, em última análise, posse fundada nas fantasias estruturadas através da díade especular com a mãe primitiva. Nesse sentido, repetimos a citação de Lacan (1938) de que esse mundo narcísico “não contém o outro” (p.38), portanto, a paixão pelo outro é apenas um meio pelo qual se exerce a paixão de si.

Resumindo a idéia deste sub-ítem: o ciúme surge com a ameaça de quebra da imagem narcísica presente na relação apaixonada, uma ameaça da perda do objeto, sendo acompanhado de agressividade, cujo protótipo seria a cena de intrusão do rival (Lacan, 1938) na qual o sujeito identifica-se com a condição do irmão amamentado. Os destinos da agressividade, por sua vez, vão depender das vicissitudes das defesas, ou ainda das organizações psíquicas envolvidas, fazendo com que o ciúme se apresente de diferentes maneiras.

Seguindo essa linha de raciocínio, supomos que o próprio sujeito também pode ser submetido à violência do ciúme, na medida em que a identificação narcísica se sobrepõe a uma fragilidade narcísica devido a um investimento falho da imagem de si, conforme abordaremos no terceiro capítulo. Lachaud (1997) fala da perda, isto é, da quebra da dualidade narcísica, como um traço constitutivo do psiquismo, fundado nos momentos especular e de intrusão fraterna (p.46). Essa marca forjada numa perda estruturante – em primeira instância, perda da onipotência narcísica – impulsiona a repetição do ciúme.

### 2.3. A ferida narcísica<sup>11</sup> como o primeiro tempo da dor ciumenta

Freud (1922) associou tanto a ferida narcísica quanto a autocrítica – elemento central da melancolia – à aparição do ciúme normal. Na definição de 1922, ele diz:

<sup>11</sup> Notamos que a noção de ferida narcísica utilizada por Freud (1922) não foi desenvolvida como um conceito específico, sendo por ele utilizada de forma descritiva. O termo não se encontra no índice remissivo da ESB (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud), nem consta dos tradicionais dicionários de psicanálise (Laplanche & Pontalis, 1982; Kauffman, 1993; Roudinesco, 1999).

Não há muito o que dizer, do ponto de vista analítico, sobre o ciúme normal. É fácil perceber que essencialmente se compõe de pesar, do sofrimento causado pelo pensamento de perder o objeto amado, e da ferida narcísica (...); ademais, também de sentimentos de inimizade contra o rival bem sucedido, e de maior ou menor quantidade de autocritica, que procura responsabilizar por sua perda o próprio ego do sujeito. (p.237)

A ferida narcísica é, portanto, um dos elementos que se situa na origem do ciúme, ou melhor, que intensifica o ciúme. Supomos ainda, que a “maior ou menor quantidade de autocritica”, função superegógica por excelência, seja determinada justamente pela amplitude dos efeitos dessa ferida, uma vez mais sendo articulados ao ciúme os elementos edípicos e narcísicos.

No narcisismo, a relação dual entre mãe e filho está em primeiro plano e o ciúme surge como um efeito da quebra desse vínculo, concomitantemente com o surgimento da *ferida narcísica* (Freud, 1922) que, ao nosso ver, representa a perda do objeto como parte integrante do eu primitivo do *infante*. De fato, entendemos por ferida narcísica o efeito invariável do processo de separação do objeto primário, definição que confere com a posição de Grunberger, salientada por Bezerra (1994), de que “a perda objetal corresponde sempre a uma ferida narcísica” (p. 53). A ferida narcísica, então, compõe um núcleo depressivo fundamental, onde o sujeito se depara com o sofrimento da perda do objeto materno, perda esta que, fazendo uma analogia com a melancolia – conforme as proposições de Freud em *Luto e Melancolia* (1917[1915]) –, corresponde a uma perda do próprio eu. Na medida em que a dor da perda do objeto primário se fixa no ciúme, ou seja, quando há um forte investimento de representações ligadas à ferida narcísica, suas novas relações serão marcadas por um temor iminente, que revela a possibilidade de desestruturação da própria imagem narcísica, baseada na perda do objeto amoroso.

Segundo Freud (1917[1915]:254-5), na melancolia, diferentemente do luto, a perda da relação com o objeto e o retraimento do investimento libidinal para o eu implicam em um “envilecimento” do próprio eu do sujeito que, então, identifica-se narcisicamente com o objeto perdido, atacando a si mesmo no lugar do objeto. O ódio ao objeto, portanto, volta-se para o eu, o que culmina com uma desvalorização severa e com uma baixa evidente na auto-estima. Supomos que o sofrimento do ciúme, ligado à desvalorização pela crença de que será abandonado pelo objeto de amor, pode ser comparado ao sofrimento por uma perda vivida na melancolia. Ora, a melancolia funda-

se sobre uma escolha narcísica de objeto (Freud, 1914), que se transforma em uma identificação narcísica (Freud, 1917[1915]), típicas da paixão amorosa, cujo rompimento acarreta uma desvalorização do próprio eu. Ao aventar sobre o rompimento da relação amorosa no melancólico, Freud (1917[1915]) afirma que:

(...) uma perda objetal se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação. (p. 255)

No modelo melancólico que associamos ao ciúme dá-se uma identificação narcísica com um objeto perdido (um objeto que passou a ser odiado na medida em que 'abandona' o eu) e, ainda, uma atividade crítica alterada que responsabiliza o eu pela perda e o agride, como substituto do objeto perdido. Com efeito, a "identificação que altera o eu" da qual Freud fala acima, refere-se a uma identificação narcísica nos moldes daquela que se produz no primeiro momento especular onde a imagem do eu se articula a partir do olhar da mãe (Lacan, 1949; 1954). O sujeito ciumento depende pois de uma imagem de eu fornecida pelo outro, ou melhor, ele adere a essa imagem como parte integrante do que reconhece como um si mesmo. Assim acontece na melancolia, assim acontece no ciúme. Para compreender melhor esse conceito de identificação narcísica, vejamos as definições, baseadas no conjunto da obra freudiana, apresentadas por Jean Florence (1987) acerca da identificação do tipo narcisista:

A identificação narcísica é a mais primitiva e a mais importante em seus efeitos: ela constitui o próprio eu e suas clivagens. (p. 131)

A identificação com a mãe permite esquecer a mãe histórica como objeto incestuoso, conservando-a eternamente em cada ligação amorosa, em cada impulso homossexual. Essa identificação é narcísica, ela converte a libido de objeto em libido narcísica, cujo objeto é o "eu". (p. 128)

A identificação narcísica é formada então a partir da imagem da mãe, um tipo essencial de identificação que se reflete na forma que serão vividas as relações objetais, enfim, as futuras relações amorosas. Bem, a influência da ferida narcísica no ciúme vai depender diretamente da intensidade da identificação narcísica com a mãe. Então, ao considerar a função estruturante do narcisismo (Freud, 1914), vemos que o processo de narcisação-identificação (vide H. Bleichmar, 1987) e a intensidade com que foi calcada

a ferida narcísica pelas sucessivas separações do objeto incestuoso via recalçamento estão estreitamente ligados às manifestações que desencadeiam o ciúme.

Na *Introdução ao narcisismo* de Freud (1914:97) está a clássica descrição dos dois tipos de escolha de amor objetal: a escolha por apoio e a escolha narcísica. Sinteticamente, na escolha por apoio, o objeto amoroso é escolhido de acordo com um modelo que cuida e protege; enquanto na escolha narcísica, o objeto é escolhido de acordo com o modelo do próprio eu. Bem, a exclusividade de uma escolha narcísica de objeto é mais um elemento que se associa à intensificação do ciúme, quando o rompimento da relação amorosa reinveste a ferida narcísica.

A leitura que Melo Carvalho (1996) faz da teoria do eu em Paul Federn, ao nosso ver, contribui para o argumento de que a ferida narcísica possui função central no ciúme. Melo Carvalho (1996:66-78) apresenta a controversa tese de Federn acerca de uma “redução do investimento narcísico” nos processos de estranhamento e perda da realidade, respectivamente, encontrados nas neuroses e nas psicoses; essa redução implica numa perda ou na transposição das fronteiras do eu devido a um fracasso do recalçamento (*vide* Melo Carvalho, 1996:71-3). Essa autora ressalta que, embora pareça existir uma contradição entre a “redução do investimento narcísico” defendida por Federn e o altíssimo investimento do eu nas manifestações clínicas, como, por exemplo, na melancolia, esse retorno maciço da libido sobre o eu observado nos pacientes melancólicos ocorre como uma compensação de um ‘desinvestimento’ da representação do eu. Assim, o eu volta-se sobre si mesmo para reparar a própria fragilidade de um narcisismo marcado pela insuficiência do investimento libidinal. Em outras palavras, a redução do investimento narcísico faz com que o eu perca a capacidade de investimento sobre os objetos, devendo a libido retornar ao eu como garantia de manutenção da estrutura egóica. Enfim, o que nos interessa especialmente nessa articulação é o fato de que uma “redução do investimento narcísico” (Melo Carvalho, *op. cit.*) resultado pela hipótese da perda do objeto é matéria também das manifestações sintomáticas do ciúme, mesmo que isso não necessariamente determine episódios de estranhamento ou de perda da realidade. Trata-se pois de uma insuficiência narcísica revestida *a posteriori* da onipotência de um eu centrado no amor do outro como substituto do amor de si.

Beth Denzler (1997) dá continuidade a essa discussão, argumentando que a determinação do ciúme depende da fixação numa ferida narcísica, ou ainda, de um “fracasso do narcisismo” (“*défaillance du narcissisme*”, p.39) em manter a função egóica do amor a si mesmo. Ela faz uma menção à fragilidade narcísica do ciumento ao

levantar a suspeita de que “um sujeito neurótico que sofre de ciúme intenso e doloroso pode, através desse sentimento, revelar um investimento narcísico parcialmente deficiente da imagem de si”<sup>12</sup> (p.40). Analisando a fala de mulheres ciumentas<sup>13</sup> que afirmam sentirem-se indignas de serem amadas e também aniquiladas pelo ciúme, Denzler (1997) considera que elas apresentam uma dependência muito forte da confirmação amorosa do companheiro. É como se a devoção e a admiração do parceiro garantissem o seu valor pessoal:

(...) um suporte indispensável de seu sentimento de si, enquanto a infidelidade, o olhar do outro voltado e captado por uma rival as priva, brutalmente algumas vezes, desse suporte (...) <sup>14</sup> (*ibid.*:40-1)

A autora defende, então, que essa dependência massiva aponta para uma insuficiência do investimento narcísico fálico, onde a “perda do objeto é então reforçada pela ferida narcísica”<sup>15</sup> (p.41), uma perda atual intensificada pelo retorno de uma perda primitiva outrora recalcada. Isso assinala um fracasso do narcisismo que, por sua vez, está ligado à falta de integração da estrutura fálica (*ibid.*)<sup>16</sup>, algo dependente da qualidade do investimento narcísico dos pais. Segundo essa autora, na quebra de uma relação amorosa em que o sujeito se apresenta narcisicamente frágil e dependente, duas respostas são possíveis: enquanto o próprio corpo feminino cai enfermo pelo ciúme, uma vez que ele todo é investido inconscientemente como substituto do falo, nos homens, o sintoma equivalente surge como uma angústia de impotência. Nos dois casos, feminino e masculino, a fragilidade do investimento narcísico desencadeia uma desestruturação do sujeito diante da perda do amor e, em última instância, diante da vida e dos novos investimentos objetais. Um narcisismo mais estável, pelo contrário, revela uma possibilidade de se fazer o luto do objeto de amor e de desinvestir a figura anteriormente amada (cf. Denzler, 1997:41), na medida em que o eu se mostra suficientemente fortalecido e independente.

<sup>12</sup> T. L. do O.: “(...) un sujet névrotique qui souffre de jalousie intense et douloureuse peut, à travers ce sentiment, révéler un investissement narcissique de sa représentation de soi partiellement déficient.”

<sup>13</sup> A partir do livro de entrevistas – *Jalousie* – de Madaleine Chapsal.

<sup>14</sup> T. L. do O.: “(...) un soutien indispensable de leur sentiment de soi, tandis que l’infidélité, le regard de l’autre détourné et capté par une rivale les prive, brutalement parfois, de ce soutien (...)”

<sup>15</sup> T. L. do O.: “(...) perte de l’objet est donc renforcée par la blessure narcissique (...)”

<sup>16</sup> Esta leitura depende de uma concepção do falo como estruturante do psiquismo. O significante fálico é aquele que garante a estruturação narcísica primária tanto de meninos quanto de meninas, pois o bebê é investido como o substituto do falo para a mãe.

Athanassiou-Popesco (1997) também afirma que é um núcleo narcísico mal integrado que traz conseqüências para o ciúme, e não apenas o recalçamento do ciúme edipiano, que esta autora julga, a princípio, parte indispensável do processo de constituição psíquica. Apoiando-se em Rosenfeld (1971), ela fala da ação de um eu-narcísico mortífero para defender o argumento de que para além da origem edipiana triangular do ciúme, é no narcisismo que se ancoram as suas patologias. Ora, Athanassiou-Popesco (1997) atribui um valor estruturante à posição depressiva estudada pelos kleinianos e ao complexo de Édipo, mas, na sua visão, é num nível narcísico que subjaz “o real valor patogênico capaz de alterar nesse sentido a fragilidade da constelação edipiana” (p.144). A autora sugere que o ciumento demonstra uma preferência em amar “um objeto que fere a auto-suficiência narcísica” (p.146), numa alusão, talvez, ao re-investimento da ferida narcísica e ao conceito de masoquismo no qual, no entanto, a autora não se detém. Para Athanassiou-Popesco (1997):

Quanto mais o ciúme atíça o fogo de um conflito, mais o narcisismo ferido trabalhará para transformá-lo em veneno, destruindo com o conflito que lhe deu surgimento, o Eu que o engendra, os laços que o sustentam e o julgamento que, no lugar de ultrapassá-lo, se afundará num delírio.<sup>17</sup> (p.147)

Ela supõe uma luta entre um eu-narcísico destruidor e um eu-realidade reparador que tenta salvaguardar os laços objetais (*idem*:144). Na trama literária implicada em *Othello*<sup>18</sup>, exemplo paradigmático de um ciúme exacerbado, que Athanassiou-Popesco (1997) analisa, o resultado do narcisismo ferido associado ao ciúme é o delírio, onde a perda da realidade é o preço pago pelo eu. Mas, sabemos desde Freud (1922) que o narcisismo ferido está presente em todo ciúme, mesmo em suas manifestações mais brandas, a começar pelo ciúme normal.

Assim, considerando as contribuições dos autores contemporâneos (*vide* Athanassiou-Popesco, 1997:143-4; Lardon, 1997:106-7; Denzler, 1997:41-3; Lachaud, 1998:105) enfatizamos, a partir de Freud (1922), que todo ciúme comporta a dor de uma ferida narcísica.

<sup>17</sup> T. L. do O.: “Plus la jalousie attise le feu d’un conflit, plus le narcissisme blessé travaillera à le transformer en poison, détruisant avec le conflit qui lui a donné naissance, le Moi qui l’engendre, les liens qui le soutiennent et le jugement qui, au lieu de le dépasser, s’abîmera dans un délire.”

<sup>18</sup> Usaremos *Othello*, no original, quando nos referirmos ao artigo de Athanassiou-Popesco (1997), por ser essa a versão a qual a autora se refere.

Concluindo: a falha no processo de construção da imagem narcísica é, ao nosso ver, a causa mais forte de uma repetição incessante do ciúme. Um fracasso do narcisismo faz, portanto, com que a ferida narcísica estrutural seja reinvestida, isto é, um investimento narcísico falho, insuficiente, torna o amor-próprio também insuficiente e, portanto, abre caminho para a constante dependência do outro expressa nos ciúmes exacerbados pelo re-investimento compulsivo da ferida narcísica. A expressão disso culmina com relações amorosas de dependência e dominação em que o sujeito ciumento pode se colocar em qualquer um dos pólos: dominador ou dominado, senhor ou escravo.

#### 2.4. A dinâmica do ciúme em relação às instâncias ideais

As instâncias ideais são as estruturas psíquicas que permitem o entendimento da transição entre uma ordem eminentemente narcísica, da especularidade do eu ideal, e outra que comporta uma inscrição simbólica, implicando no confronto com a castração, domínio do ideal do eu. Com isso em vista, supomos que a qualidade do ciúme também vai depender dos aspectos dinâmicos constitutivos das instâncias ideais e do supereu. Nossa investigação persegue a hipótese de que o predomínio de uma ou de outra instância ideal (eu ideal e ideal do eu) corresponde a diferentes intensidades do ciúme. Além disso, consideramos que uma influência cultural pode estar associada às vicissitudes predominantes dos ideais, e, portanto, das manifestações de ciúme. Isso, em última análise, levar-nos-á a outras hipóteses – que desenvolveremos no quarto capítulo – acerca da influência dos ideais românticos em contraposição aos ideais pós-modernos na narrativa literária do ciúme.

Dentre as demarcações feitas pela psicanálise acerca dos conceitos de eu ideal, ideal do eu e supereu, parece-nos muito instigante aquela proposta por Numborg (*in* Laplanche & Pontalis, 1982) que concebe o eu ideal como uma instância ainda indiferenciada, isto é, composta pela conjunção eu /id na identificação primitiva com a mãe onipotente; por consequência, o eu ideal se estrutura como uma instância que prima por uma perfeição narcísica do eu. O ideal do eu, por sua vez, é tido como uma instância à qual o eu se submete por amor e, enfim, o supereu enquanto uma instância à qual o eu se submete por medo. Ruth Silviano Brandão (1996) em seu texto *Psicanálise e Literatura* assume a mesma postura acerca da aceitação por amor e por medo, que diferencia o ideal do eu do supereu, quando concorda com a necessidade de “aceitar a dominação do pai (superego) e o imitar (ideal do ego); caso contrário ele se volta contra

o sujeito” (Brandão, 1996:15). Enfim, aceitar a dominação e imitar são manobras utilizadas pelo sujeito para lidar com a castração, o que, em diferentes níveis, também viabiliza a elaboração da frustração imposta pelo interdito e pelo sofrimento implicado no ciúme. Nesse sentido reproduzido por Brandão (1996) está a esclarecedora contribuição de Lacan (1938) acerca da distinção entre ideal do eu e supereu, que consiste na concepção do ideal do eu como veículo de sublimação e do supereu como propulsor do recalque (p.43).

Nasio (1988:131-2), por sua vez, parece tomar os dois termos, ideal do eu e supereu, de forma indistinta. Aliás, ele inclui as duas funções, ou seja, de submissão ao rival por amor e identificação *versus* submissão ao rival por medo e coação, sob a nomenclatura de supereu. Na verdade ele subdivide essas funções de aceitação por amor e medo, respectivamente, entre um “supereu consciência”, assemelhado à consciência crítica, moral e produtora dos ideais, e um “supereu inconsciente tirânico”, oposto ao anterior, associado à crueldade e à ferocidade na exigência do gozo. O conceito de supereu, nesse último sentido, aproxima-se da vertente explorada por Lacan (1975 *apud* Nasio, 1988), em que sua particularidade mais marcante é a função de imperativo do gozo. Vale dizer que Nasio (1988) sintetiza de maneira bastante clara os três gestos essenciais do supereu: “*renunciar* ao gozo proibido, *preservar* o desejo em relação a esse mesmo gozo considerado inacessível, e *salvar o pênis* da ameaça de castração” (p.130). Além de serem “funções indissociáveis e mutuamente antagônicas” (*idem*:131), esses gestos podem assumir proporções descabidas, haja vista uma exigência severa de um supereu sádico e tirânico.

Uma diferença mais específica entre o ideal do eu e o supereu encontra-se nas *Novas Conferências* de Freud (1933[1932]), onde o ideal do eu é concebido como uma espécie de função ou subestrutura do supereu. A partir desse pressuposto, Lagache (1961) especifica então que “(...) o supereu corresponde à autoridade, e o ideal do eu à maneira com que o sujeito deve se comportar para responder à expectativa da autoridade”<sup>19</sup> (p.223), ficando, portanto, respectivamente demarcada a função de autoridade do supereu, uma vez que ele veicula psiquicamente a submissão à castração, e a função idealizadora modelar do ideal do eu, que corresponde ao futuro responsável pela internalização das identificações subjetivas.

<sup>19</sup> T. L. do O.: “(...) le surmoi correspond à l'autorité, et l'idéal du moi à la façon dont le sujet doit se comporter pour répondre à l'attente de l'autorité.”

Por outro lado, o conceito de eu ideal também apresenta, ao nosso ver, importantes características que devemos abordar. Sigamos a definição de Lagache (1961), baseada na proposta de Numberg, acerca do eu ideal:

(...) o eu ideal permanece uma formação na qual a autonomia relativa é estabelecida por suas origens (narcisismo primário, união do eu com o id), pela sua persistência latente, por seus retornos patológicos. Ele é a expressão estrutural do narcisismo da onipotência.<sup>20</sup> (p.224)

Essa definição nos parece emblemática para a compreensão das vicissitudes das instâncias que discutimos, o que nos leva a adotá-la como base para a formulação de algumas hipóteses acerca do ciúme. O eu ideal pode ser considerado como o núcleo narcísico por excelência. Ora, em nosso entender, o ciúme patológico será marcado principalmente pelo predomínio do eu ideal, uma vez que a fixação narcísica é a característica *sine qua non* de sua função. A transformação progressiva da função psíquica do eu ideal somente ocorre com a transposição do ideal especular para um ideal triangular, ou seja, com a formação do ideal do eu, concomitante com a entrada do sujeito na cultura, isto é, com a assimilação dos ideais culturais. Pois então, o equivalente psíquico da norma cultural, sem dúvida, é o complexo de Édipo em sua instauração integral. Roza (1997) afirma que:

(...) o Complexo de Édipo configura-se como um momento lógico organizador, do qual resulta a contrapartida do Eu Ideal, o Ideal do Eu, uma vertente do supereu que se organiza através das identificações da criança com os pais: 'Não posso ter ou ser tudo, não posso possuí-los, mas posso ser como eles, buscar realizar meus desejos como eles' (Freud, 1923). Permanece, portanto, um ideal imaginário de completude, sinalizando para os pais como um ideal possível, no entanto já mediado por uma organização simbólica, o Ideal do Eu. No processo de estruturação psíquica articulam-se então duas instâncias, numa dialética que tem como mediador o universo simbólico e cujo alvo é a satisfação do desejo: Eu ideal, narcísico, completude imaginária falha, e Ideal do Eu, um mais além do sujeito. (p.136)

Assim, há uma passagem do eu ideal – tido como ilusão de completude e

<sup>20</sup> T. L. do O.: "(...) le moi idéal reste une formation dont l'autonomie relative est établie par ses origines (narcissisme primaire, union du moi avec le ça), par sa persistance latente, par ses retours pathologiques. Il est l'expression structurale du narcissisme de la toute-puissance."

perfeição – para o ideal do eu, fonte das identificações simbólicas e motor da sublimação. A alternância entre estas instâncias ideais implica numa mudança qualitativa, que também afeta a intensidade do ciúme. Enquanto no eu ideal não existe a inclusão de um terceiro, sendo a experiência subjetiva particularmente marcada pela dualidade especular, com a instauração do ideal do eu, esboça-se uma triangulação da subjetividade, com a inclusão do rival como modelo identificatório. Ora, a identificação com o rival resulta na aceitação da castração e na constituição do ideal do eu a partir do competidor ambivalentemente investido, pois constitui um objeto de ódio na medida que se interpõe na relação com o objeto de amor e passa a ser um objeto de amor na medida em que é visto também como um ideal de identificação. Athanassiou-Popesco (1997), ao fazer a análise do ciúme em *Othello* de Shakespeare, afirma que a rivalidade:

(...) serve de estimulante – enquanto a constelação edípiana se apóia sobre bases narcísicas solidamente elaboradas – à constituição de um Ideal do Eu, fundamento de um modelo identificatório que impõe o tempo do futuro, da esperança e da crença, e não mais o tempo do passado, que é aquele do luto. Então, o ciúme desemboca sobre o desejo de se tornar um dia semelhante e ultrapassar o rival, ao invés de suprimir instantaneamente sua presença.<sup>21</sup> (p.143)

Desse modo, a formação do ideal do eu a partir da rivalidade viabiliza a elaboração do ciúme primitivo na presença de dois fatores: “bases narcísicas solidamente elaboradas” (*idem*) e a preponderância de um “modelo identificatório” (*ibid.*). É, portanto, a vigência de um ideal do eu que possibilita o “ciúme normal” (Freud, 1922), na medida em que passa a prevalecer a identificação simbólica ao rival em detrimento de um modelo narcísico de identificar-se, no qual domina o eu ideal, enquanto estrutura narcísica onipotente. Por outro lado, o eu ideal pressupõe uma identificação maciça com o objeto de amor, uma identificação narcísica que visa a perpetuar a relação especular na medida em que não permite o luto do objeto incestuoso onipotentemente idealizado. Com a intensificação do eu ideal, que relacionamos ao germe das patologias narcísicas, o ciúme é continuamente revivido, não existindo, contudo, condições para sua elaboração. O eu ideal pressupõe a eliminação das

<sup>21</sup> T. L. do O.: “(...) sert de stimulant – lorsque la constellation oedipienne s’appuie sur des bases narcissiques solidement élaborées – à la constitution d’un Idéal du Moi, fondement d’un modèle identificatoire qui impose le temps du futur, de l’espoir et de la croissance, et non plus le temps du passé, qui est celui du deuil. La jalousie débouche alors sur le désir de parvenir un jour à ressembler et surpasser son rival, au lieu d’en supprimer instantanément la présence.” (Athanassiou-Popesco, 1997: 143).

situações de rivalidade, até mesmo o extermínio da presença do rival, enquanto o ideal do eu, por sua vez, promove a aceitação do outro pelo ciumento, firmando o desejo de 'ser tão bom quanto o rival' (*vide* Freud, 1936). Então, o antigo ciumento terá condições de conquistar e manter seu objeto de amor, sem que isso implique numa competição mortífera que prime pela destruição e/ou anulação do outro, desfecho típico com o domínio do eu ideal.

Enfim, o ciúme amoroso da vida adulta e as suas patologias vão depender, além dos complexos narcísico e edípiano, de como as instâncias ideais se estruturaram e da intensidade com que as representações ligadas a elas são reinvestidas. Ora, como já assinalamos no início desta seção, os ideais psíquicos dependem dos ideais culturais presentes em um dado contexto. Garcia (1999), então, traz à tona a questão da alteração dos ideais culturais que se reflete na estruturação psíquica:

A constituição do superego classicamente definido supõe uma estrutura familiar burguesa nuclear, em que os lugares parentais são solidamente estabelecidos e diferenciados, e a hegemonia paterna é inquestionável, condições cada vez menos presentes na sociedade contemporânea. A ausência desses componentes também parece propiciar um contexto de formação subjetiva intensamente incestuosa, sem a presença do terceiro discriminador e lugar da lei e portanto, na permanência de um cenário edípico indomado, ou pouco dominado (...) (p.98)

Diante da alteração da estrutura patriarcal levantada pela autora, recolocamos nossa pergunta central: o ciúme seria o mesmo, ou suas manifestações teriam mudado em função de novos modelos ideais?

### 3. Configurações contemporâneas de uma psicanálise do ciúme

*Por que as chamas do fogo celeste*

*não vem cair sobre minha cabeça?*

*Qual o proveito de viver ainda?*

*Ai! Ai! Que venha a morte! Que eu me livre,*

*abandonando-a, desta vida odiosa!*

(...)

*Mas mudo aqui meu modo de falar, pois temo*

*só de pensar em algo que farei depois:*

*devo matar minhas crianças e ninguém pode livrá-las desse fim.*

(...)

*Matando-os, firo mais o coração do pai.*

*Medéia* de Eurípides

O ciúme tanto pode ser estudado do ponto de vista quantitativo, como fez Freud (1922), quanto em relação às diferentes estruturas psíquicas, conforme prioridade dada por Urtubey (1984). Tradicionalmente, o excesso de ciúme foi associado ao delírio e à paranóia, ponto de vista levantado por Freud (1922) e seguido por outros psicanalistas como Clérambault (1921), Jones (1929), Lagache (1947<sup>1</sup>, 1949), Chatterji (1948), Pao (1969) e Coen (1987). Num trabalho inovador, Racamier (1968) levantou um aspecto até então ignorado por outros teóricos: a importância do ciúme, e também da agressividade, nas manifestações depressivas, algo que consideramos pregnante na contemporaneidade. Vasse (1995) e Lachaud (1998), por sua vez, fizeram importantes associações do ciúme com a perversão, outra forma que vemos se intensificar nos nossos dias. Os trabalhos desses diferentes autores confirmam, portanto, que o ciúme pode se manifestar em diferentes estruturas psíquicas tendo sempre como fator subjacente, a vida amorosa vivida exclusivamente como paixão, com toda a sua intensidade e força.

<sup>1</sup> Lagache (1947) produziu uma extensa obra – *La jalousie amoureuse* – sobre o ciúme, que consta de dois volumes compilados em um único livro. No prefácio desse livro, Lagache anunciou um terceiro volume sobre *La psychanalyse de la jalousie*, contudo, jamais publicado. Nos dois primeiros volumes sua abordagem é psiquiátrica fenomenológica, o que ele intitula como “Psicologia Descritiva”. Portanto, não nos detivemos nesse livro, uma vez que a abordagem se distancia da nossa.

Há, desse modo, diferentes possibilidades de concepção do ciúme patológico na sua articulação com diferentes posições psíquicas: o ciúme delirante mais primitivo (defesa contra o homossexualismo inconsciente), o ciúme depressivo (passivo e masoquista) e o ciúme perverso (recusa do confronto com a castração). Um dos pontos que discutimos no primeiro capítulo foi o ciúme delirante em Freud (1922). Agora, procuraremos abordar o aspecto depressivo do ciúme em Racamier (1968) para, em seguida, passarmos à ligação entre ciúme e perversão, através da investigação da ausência de limites simbólicos que assinala um fracasso dos interditos, com a exacerbação de um ciúme violento e anti-social (Vasse, 1995). Também discutindo a relação entre ciúme e perversão, tocaremos na questão da ausência de ciúme (Labrousse-Hilaire, 1997), uma espécie de 'receita' para as relações amorosas na atualidade.

### 3.1. Um ciúme depressivo

Numa teorização baseada no modelo melancólico freudiano, Paul-Claude Racamier (1968:307) descreveu "dois aspectos singulares da depressão: num predomina o afeto ciumento, e noutro as manifestações agressivas em direção ao outro"<sup>2</sup>. Nesse mesmo texto, ele discutiu a existência de uma "marca depressiva do ciúme" (p.297), relacionando essa marca à tendência passiva do sujeito perante o outro e à queda brutal ou progressiva da estima de si.

A ênfase que demos à discussão sobre a ferida narcísica na literatura psicanalítica especializada está baseada na importância desse conceito para a elucidação, em geral, de todo ciúme patológico e, em especial, do ciúme depressivo (cf.: Racamier, 1968). Pois bem, supomos que o ciúme depressivo pode advir como consequência de uma falha na estruturação narcísica, resultado de uma fixação na dor da perda fundada na ferida narcísica, o que se manifesta naquilo que Racamier (1968) designa de *desapropriação*<sup>3</sup> e *desvalorização*<sup>4</sup>, sentimentos esses baseados no re-

<sup>2</sup> T. L. do O.: "(...) deux aspects singuliers de la dépression: dans l'un prédomine l'affect jaloux, et dans l'autre les manifestations agressives envers autrui."

<sup>3</sup> O termo em francês é *dépossession*, para o qual não encontramos um similar exato em português. O termo "desposseção" – uma tradução, por assim dizer, mais exata – não existe nos dicionários correntes da língua portuguesa. Além do mais, o seu oposto "posseção" tem o significado ligado a questões religiosas. "Desapropriação", por sua vez, parece uma palavra mais adequada, na medida em que a utilizamos no sentido dos efeitos causados pela separação de objeto.

<sup>4</sup> Apesar de Racamier (1968) dar um destaque especial para esses dois termos – *dépossession* e *dévalorisation* –, ele não os desenvolve como conceitos, apenas retirando-os da linguagem ordinária para

investimento de perdas primitivas. Pois bem, trata-se de situações que representam a ferida narcísica no *a posteriori* da vivência de um ciúme primitivo, num segundo tempo traumático (cf. Freud, 1895: parte II; Laplanche, 1987) quando o ciúme se evidencia enquanto sintoma. O primeiro tempo desse ciúme seria, supostamente, situações de separação da mãe não significadas como o próprio nascimento e o desmame, acontecimentos psíquicos que carregariam em si um potencial traumático a ser vivenciado em forma de ciúme, *a posteriori*, nas relações de rivalidade. Segundo Racamier (1968), é:

(...) o duplo sentimento de *desapropriação* e de *desvalorização* que caracteriza a vivência depressiva em geral, e em particular o ciúme, que deles carrega uma marca de origem.<sup>5</sup> (p.296)

A submissão a esses sentimentos de desapropriação e desvalorização (de si) é central à vivência da depressão e do ciúme, o que conduz à consideração de sua influência recíproca.

É válido frisar que a emergência de um estado de depressão ciumenta, ou ciúme depressivo como preferimos, não depende estritamente de um fato real, de que uma traição seja consumada para que a manifestação emerja, pois:

(...) pouco importa de fato que seja imaginária ou real, parcial ou total – a perda do objeto amado acarreta e engloba uma perda bem mais extensa; o que o doente deprimido perdeu foi sua capacidade de obter prazer, sua razão de viver, seu valor pessoal.<sup>6</sup> (Racamier, 1968:297)

Ora, são as vicissitudes imaginárias, registro de fundo dos fenômenos narcísicos, que vão desencadear o processo de construção fantasística de qualquer ciumento. Entretanto, quanto mais ativamente o sujeito constrói suas fantasias acerca da traição do seu objeto de amor, mais ele se aproxima de uma patologia delirante (ou paranóica) que se caracteriza por uma perseguição explícita ao rival e ao objeto de amor. Já o ciumento depressivo parece se conformar com a traição do objeto amado, considerando inevitável

---

representar, em nosso entender, o sofrimento pela perda do objeto e a baixa na auto-estima, respectivamente.

<sup>5</sup> T. L. do O.: “(...) le double sentiment de la *dépossession* et de la *dévalorisation* qui caractérise le vécu dépressif en général, et en particulier la jalousie qui en porte la marque d’origine.”

<sup>6</sup> T. L. do O.: “(...) peu importe en fait qu’elle soit imaginaire ou réelle, partielle ou totale – la perte de l’objet aimé entraîne et englobe une perte bien plus étendue; ce que le malade déprimé a perdu, c’est sa capacité de plaie, sa raison de vivre, sa valeur personnelle.”

que o parceiro amoroso possua, ou ame, um outro<sup>7</sup>. A crença na traição baseia-se numa desvalorização pessoal, fazendo com que o ciumento depressivo abra mão da competição ativa com o rival, pois o sujeito, de tacada, já se coloca na posição de perdedor. Quanto a isso, Racamier (1968) fornece uma demarcação da especificidade do deprimido ciumento em relação aos “ciumentos habituais”:

(...) o deprimido ciumento não desenvolve então uma verdadeira relação de objeto ciumento. Ele não desenvolve nem apresenta este conjunto de manobras persecutórias e de verificação que caracterizam os ciumentos habituais. Ele sofre e não manipula. (...) Seu ciúme é, de fato, a forma menor de um sentimento melancólico de indignidade amorosa.<sup>8</sup> (p.298)

Assim, ele se diferencia dos habituais, sendo sua característica mais forte o sentir-se indigno de receber um amor exclusivo, pois “se o verdadeiro ciumento é pleno de seu rival, o deprimido ciumento, ele é, sobretudo, vazio de seu objeto” (*idem*)<sup>9</sup>, objeto amoroso, em primeira instância, objeto narcísico, em última. No ciúme depressivo, embora exista também, como no delirante, a possibilidade de fantasiar imaginariamente a traição, não há uma busca ativa por solucionar esse problema. Fato ou imaginação, a infidelidade do companheiro amoroso é ‘aceita’ e vivida como um sofrimento passivo no ciumento depressivo, pois ao contrário de tentar recuperar aquilo que crê ter perdido, “(...) em forma de autodestruição indireta, ele chama e busca trazer à tona seu infortúnio”<sup>10</sup> (Racamier, 1968:298). O ciúme depressivo implica, então, numa passividade e no intenso desinvestimento do eu, com isso resultando numa degradação da sua capacidade de desempenhar uma conquista amorosa. O ciumento se dá por vencido pelo rival, colocando-se sempre numa posição inferiorizada perante a configuração triangular da relação amorosa, ou seja, ele não se julga tão bom quanto o rival, nem alcança o nível de idealização atribuído ao objeto, portanto, não se considera digno de receber amor, nem de disputar com o rival, também idealizado.

<sup>7</sup> Posição sustentada por Lachaud (1998:19-21) acerca da “infidelidade estrutural do ser falante” à qual o ciumento se aferra como uma crença pessoal.

<sup>8</sup> T. L. do O.: “(...) le déprimé jaloux ne développe donc pas une véritable relation d’objet jalouse. Il ne développe et ne présente pas cet ensemble de manoeuvres vérificatrices et persécutrices qui caractérisent les jaloux habituels. Il souffre et ne manoeuvre pas (...) Sa jalousie est, en fait, la forme mineure d’un sentiment mélancolique d’indignité amoureuse.”

<sup>9</sup> T. L. do O.: “Si le vrai jaloux est plein de son rival, le déprimé jaloux, lui, est surtout vide de son objet”.

<sup>10</sup> T. L. do O.: “(...) en manière d’autodestruction détournée, il appelle et cherche à précipiter son infortune.”

Concomitantemente a uma descrição clínica do ciúme depressivo, conforme postulado por Racamier (1968), propomos uma análise metapsicológica das vicissitudes dessas manifestações. Pois bem, ao nosso ver, é uma insuficiência narcísica no ciúme depressivo que não permite sequer uma disputa ativa com o rival, mas somente uma comparação passiva, onde prevalece a visão de si como impotente diante do outro. Em outras palavras, a baixa auto-estima do ciumento depressivo, relacionada possivelmente ao fracasso no investimento narcísico dos pais (Freud, 1914), faz com que o outro seja sempre considerado melhor que ele mesmo. O ciumento depressivo ama o seu objeto, depende afetivamente dele e sofre com seu afastamento ou com qualquer contato dele com o rival – esse sim percebido fantasiosamente como o único digno de valor, cuja presença é aceita passivamente pelo ciumento – a fim de não perder o objeto amoroso. Esse ciumento não se julga capaz de suplantar o rival, então cede espaço para ele, abandonando afetivamente o objeto, ou melhor, desistindo da conquista e da disputa inerente ao amor, que se torna cada vez mais mesclada de ódio. Ora, quando o parceiro amoroso estimula a suspeita de traição ou de fato trai, ele passa a ser odiado, ou melhor, ambivalentemente considerado, posto que o amor pelo objeto idealizado dificilmente deixa de existir no ciumento. Na verdade, a ambivalência está presente em qualquer tipo de ciúme, aliás, existe em qualquer relação amorosa, em maior ou menor grau. Assim, o ciumento ama e odeia seu objeto amoroso em relação ao qual sente-se culpado, pois se identifica narcisicamente a ele, isto é, deseja também traír assim como atribui isso ao objeto amado, porém não pode, por uma exigência superegógica, ou não consegue, devido a uma falha narcísica, investir libidinalmente outros objetos a não ser o eu fracassado e o objeto perdido. Então, deprime.

Racamier (1968) afirma que o ciumento depressivo sofre mais por não poder continuar a amar seu objeto, já que ele é visto como traidor, do que por não mais ser amado, levando em conta que “o ciúme depressivo constitui um tipo de compromisso entre a perda e a recuperação do objeto”<sup>11</sup> (p.298). Ora, na lógica da melancolia, “o que substitui o bem objetual, fundado (...) sobre a apropriação narcísica, é a identificação de tipo igualmente narcísico”<sup>12</sup> (*ibid.*:299), o que faz com que recaia sobre si o ódio ao objeto supostamente infiel, pois, subsequentemente à perda se dá a identificação narcísica em que o eu é visto à imagem do objeto, então, desvalorizado. Ele não pode

<sup>11</sup> T. L. do O.: “(...) la jalousie depressive constitue une sorte de compromis entre la perte et la récupération de l'objet (...)”

<sup>12</sup> T. L. do O.: “Ce qui a remplacé le bien objectal, fondé comme on l'a vu sur l'appropriation narcissique, c'est l'identification de type également narcissique”.

amar o objeto traidor com quem se identificou, portanto, não pode amar a si mesmo. Então, a agressividade volta-se contra o próprio sujeito porque ele passa a odiar aquilo que nele mesmo representa o objeto do ciúme, isto é, o amante infiel. Além disso, o eu se julga o culpado pela traição e pela perda do objeto amado, na medida em que uma intensa desvalorização de si imprime ao eu a responsabilidade pelo desinteresse do outro. Desse modo, o ódio e a desvalorização de si mesmo tornam o sujeito impotente para o amor. Ai se produz a retomada da ferida narcísica acrescida pelo investimento do *objeto interno* (cf.: Debourge-Donnars, 1997:79-80), ou seja, por um amor de si baseado no eu infantil como objeto de investimento narcísico da mãe, enfim, a criança amada que o ciumento já foi um dia e que o próprio sujeito reinveste nostalgicamente no lugar de poder investir outros objetos diferentes de si mesmo. Para que haja uma capacidade de investir objetos diferentes do eu é necessária uma suficiência narcísica essencial, caso contrário toda libido se volta para restauração do amor de si. Em decorrência do investimento regressivo do objeto interno primitivo e idealizado, correlato do eu ideal, o eu atual/presente acaba sendo ainda mais 'desinvestido', ao invés de reparado (Klein, 1936) pelo ciumento depressivo, o que também se deve, em grande parte, à crítica que recai sobre o eu (Freud, 1917[1915]).

Na medida em que ocorre um rompimento do ideal amoroso, o investimento egóico não mais se sustenta, desencadeando, então, uma busca compulsiva de re-investimento narcísico. Assim, com o declínio da relação idealizada, o parceiro deixa de fazer jus à representação especular atribuída a ele, impulsionando a recuperação regressiva e imaginária dessa relação no modelo do eu ideal.

Para Racamier (1968), "(...) o ciúme então representa uma forma de hipocondria do laço amoroso"<sup>13</sup>, em outras palavras, o ciúme é uma espécie de doença imaginária do amor, cuja dependência do parceiro sustenta a própria sobrevivência do eu. O prenúncio desse tipo de relação já se encontra em Freud (1921) quando discute a identificação amorosa, considerando a paixão como algo que carece absolutamente de senso crítico, ou seja, a anulação da função do ideal do eu na medida em que passa a coincidir com o objeto de amor (cf.: Freud, 1921; Manfroni, 1993). Apesar de Freud (1921) utilizar apenas o termo ideal do eu nesse momento, entendemos que na relação apaixonada o que está em jogo é função do eu ideal, na medida em que é essa instância que mantém a

<sup>13</sup> T. L. do O.: "(...) la jalousie représente alors une forme d'hypochondrie du lien amoureux."

forte exigência narcísica de que o amor seja vivido como um correlato da perfeição (*vide* Lejarraga, 1998;1999).

Com a quebra do ideal amoroso abre-se espaço para a manifestação melancólica do ciúme, haja vista o re-investimento de uma ferida narcísica aberta pela perda dessa relação. Além disso, o ciúme depressivo também tem como característica uma forte pressão superegóica, cuja exigência de um gozo incestuoso e primitivo se coloca como alternativa ao investimento de objeto. Estaria fundada aqui uma relação entre masoquismo e ciúme?<sup>14</sup>

Para entender o que se passa com essa dinâmica superegóica, recorreremos à apresentação de Nasio (1988) acerca dos três princípios que regem o supereu, dentre eles, o movimento de “atração (amor) pelo gozo impossível” (*idem*:130) cuja insistência parece presente no ciúme depressivo:

Se o supereu pudesse condensar numa única fórmula imperativa esses três princípios, ordenaria ao eu: “Deseja o absoluto que terás de renunciar, porque ele te é proibido e perigoso!” Essas funções do supereu, de proibir o gozo, exaltar o desejo, e proteger a integridade eu-óica – funções indissociáveis e mutuamente antagônicas – mostram como a instância supereu-óica regula os movimentos do eu a respeito do gozo. (Nasio, 1988:131)

Nossa hipótese é de que, quando o ideal do eu enquanto fonte de identificação simbólica perde sua função ou fica enfraquecido, o supereu enquanto imperativo do gozo (Lacan, 1985 *apud* Nasio, 1988) clama por um prazer primitivo que reproduza a relação incestuosa com a mãe. Manifesta-se então no ciúme depressivo um supereu cruel, aos moldes da melancolia (Freud, 1917[1915]), que responsabiliza o eu por seus desejos agressivos e obriga-o a se submeter a toda e qualquer exigência superegóica para garantir um mínimo de prazer. O eu, no centro do conflito, é culpado pelo fracasso do amor e, portanto, é duplamente punido.

No início, a culpa surge como efeito da exigência dos pais de que a criança ame o rival odiado, pai ou irmão (Freud, 1900, 1909), ou ainda, como efeito do “conflito entre a necessidade do amor da autoridade e o impulso no sentido da satisfação instintiva” (Freud, 1930:139), enfim, por desejar um gozo livre de interdição (Nasio, 1988:135-8). No ciúme depressivo, em que o supereu é muito forte, a culpa pelo desejo

<sup>14</sup> Gibeault e Schaeffer (1997) já se questionaram sobre qual seria a relação entre masoquismo e ciúme no *Argument* do volume dedicado ao ciúme da *Revue Française de Psychanalyse*.

de superar o rival abre espaço a um desejo de autodestruição, resultando numa espécie de anulação subjetiva típica das depressões. A intensificação desse movimento de autopunição representada pelos sentimentos de desvalorização e desapropriação (Racamier, 1968) no ciúme depressivo, leva-nos então ao questionamento sobre um movimento masoquista. Nesse caso, o recalçamento não impede que se desencadeie um ciúme 'hiperinvestido', cujo retorno repetitivo pode representar o que aparece no conjunto da obra freudiana como masoquismo.

A noção freudiana de masoquismo aparece primeiramente no texto de 1915, *A pulsão e seus destinos*, vigência da primeira teoria das pulsões, quando Freud considerava que a atividade sádica era transformada devido ao sentimento de culpa em passividade e auto-agressão, sendo, portanto, a posição masoquista posterior à sádica, versão que permanece no texto *Uma criança é espancada* (1919). Entretanto, a partir da segunda teoria pulsional (Freud, 1920a), com o texto sobre o masoquismo (1924a), Freud passa a considerar a existência de um masoquismo primordial ou erógeno "fundante do humano" (cf.: Lacan, 1954), decorrente dos efeitos de uma pulsão de morte que agiria "silenciosamente" no psiquismo (Freud, 1930). A partir daí, passa a ser adotada a divisão entre masoquismo primário e secundário, o primeiro referindo-se ao masoquismo erógeno e, o segundo, ao retorno da agressividade sádica sobre o eu, acrescida, ainda, da intensidade do masoquismo erógeno. Então, pensar no ciúme depressivo não remeteria também ao masoquismo primário ou erógeno (Freud, 1924a)? Ou tratar-se-ia apenas de cogitar a relação do ciúme depressivo com um masoquismo moral (portanto, secundário) marcado pelo imperativo superegóico?

Bem, associando o quadro clínico do ciúme depressivo ao que autores como Lachaud (1998:51;137) consideram como uma tendência regressiva fundamental no ciumento, um movimento impulsionado por uma ferida narcísica sempre aberta<sup>15</sup>, perguntamos: o constante re-investimento dessa ferida não surgiria como reflexo do masoquismo erógeno, protagonizado pela pulsão de morte (Lacan, 1954:200) no ciúme depressivo? Essa hipótese parece se justificar quando consideramos que, em Freud (1924a), o masoquismo é resultado da des fusão pulsional, da mesma forma que, de um modo geral, parece que no ciúme patológico há uma 'desintrincação' pulsional (Vasse, 1995:250; Lachaud, 1998:143). Então, no ciúme depressivo o movimento de fusão /

<sup>15</sup> Essa autora parte para argumentação lacaniana de uma regressão fundamental ao gozo feminino nos ciumentos; questão que, como já dissemos, não discutiremos aqui.

desfusão pode ser relacionado a um predomínio da pulsão de morte enquanto autodestrutividade (Freud, 1920a, 1930).

Bem, parece-nos que, no ciumento depressivo, a internalização do outro enquanto agente da castração resulta, antes, num supereu cruel que exige um gozo masoquista cunhado pela pulsão de morte, do que na castração enquanto símbolo do laço simbólico. Sobretudo, um supereu catapultado por uma ferida narcísica intensamente investida. Essa faceta do supereu que enfatizamos aqui é aquela, antes de qualquer outra, apontada por Freud em 1923:

Se nos voltarmos primeiramente para a melancolia, descobrimos que o superego excessivamente forte que conseguiu um ponto de apoio na consciência dirige sua ira contra o ego com violência impiedosa (...). O componente destrutivo entrincheirou-se no superego e voltou-se para o ego. **O que está influenciando agora o superego é, por assim dizer, uma cultura pura do instinto de morte** (...) (pp.:65-66, grifos nossos)

Ora, a relação entre o supereu e uma “cultura pura do instinto de morte” parece apontar para um movimento masoquista, em que a energia não ligada e o princípio de nirvana fazem frente ao movimento de autodestruição do ciumento depressivo. Assim, a regressão nele se dá sob a marca da pulsão de morte veiculada por um supereu sádico concomitante a um narcisismo estruturalmente falho. O auge de uma manifestação pautada nesses parâmetros seria o suicídio por ciúme. Segundo Lachaud (1998):

Há então uma regressão a um estado primário arcaico onde a agressividade domina uma economia afetiva na qual ela [a agressividade] é simultaneamente sofrida e atuada, e onde o outro se torna objeto de violência. Tempo em que Freud pode notar a existência da pulsão de morte em ação.<sup>16</sup> (p.51)

Pois então, além da agressividade masoquista, a agressividade voltada para o exterior se configura, também, como outra face do ciúme, posto que é “sofrida e atuada” (*idem*). Ora, certamente o ciúme se vincula a dois extremos da própria condição do sujeito: de um lado a impotência inerente ao desamparo e decorrente da dependência irrestrita ao objeto de amor; de outro, a onipotência da agressividade que destrói o outro

<sup>16</sup> T. L. do O.: “Il y a donc une régression à un stade primaire archaïque où l’agressivité domine une économie dans laquelle elle est à la fois subie et agie, et où l’autre devient objet de violence. Temps où Freud a pu réperer l’existence de la pulsion de mort à l’oeuvre.”

(objeto de amor e/ou rival). Assim, ambas as condições podem vir a ser veiculadas por um ciúme que visa manter ou recuperar o investimento advindo do objeto de amor, que se apresenta não apenas como depressivo, mas também de forma perversa, como discutiremos a seguir.

### 3.2. A anulação do outro: algumas relações entre ciúme e perversão

Antes de apresentarmos as relações entre ciúme e perversão que encontramos na literatura psicanalítica, faremos uma breve caracterização da perversão<sup>17</sup>. Há uma certa pregnância de jogos amorosos empregados por sujeitos narcisistas que, ao se relacionarem com seus parceiros, demonstram uma ligação 'utilitária', isto é, um tratamento ao outro exclusivamente como um objeto de gozo<sup>18</sup>. Talvez possamos associar esses sujeitos às antigas crianças preferidas dos pais (cf.: Bleichmar, 1987), ou ainda, crianças que foram criadas pelos seus pais como "sua majestade o bebê" (cf.: Freud, 1914), e que jamais abandonaram essa condição predicativa. Seu investimento narcísico se mantém num nível muito alto na medida em que é recusada a entrada num registro edipiano castrado.

Bem, na origem da perversão, a relação entre a mãe e a criança aponta para a autoridade paterna, mas efetua simultaneamente um convite à transgressão, pois "a mãe não deixa de permanecer, o mais das vezes, muda sobre o sentido da intrusão paterna e do desejo que ela supõe" (Dor in Kauffman, 1993:422). Há estruturalmente na perversão uma ambigüidade entre a "cumplicidade libidinal da mãe" (*idem*) e a "complacência silenciosa do pai" (*ibid.*); pais que tudo fazem para satisfazer o desejo e as exigências tirânicas do bebê. Assim, a criança desqualifica a castração pressuposta na dissolução do complexo de Édipo (Freud, 1924) e na diferenciação entre os sexos (Freud, 1925).

Na idade madura, por se considerarem onipotentemente perfeitos em decorrência do excessivo investimento narcísico e idealizado dos pais na infância, os ditos sujeitos perversos só aceitam o papel de ganhadores na competição amorosa. Ora, eles jamais

<sup>17</sup> Quando apresentamos o ciúme depressivo, deixamos claro que o modelo que seguíamos era o da melancolia (Freud, 1917[1915]); agora, no entanto, seguimos uma noção pós-freudiana de perversão que parte das contribuições lacanianas, traçadas por Joel Dor, no *Dicionário de Psicanálise* de Kauffman (1993).

<sup>18</sup> Vale dizer que na montagem perversa típica da atualidade (*vide* Calligaris, 1991) há nesses sujeitos uma busca ativa e incessante pela conquista de diversos objetos amorosos que se submetam a sua suposta supremacia, uma lógica que se sobrepõe à lógica do consumo.

saíram da posição de falo da mãe, em que “a criança adere plenamente à idéia dessa autosuficiência materna como única dimensão legiferante” (Dor *in* Kaufmann, 1993:419), pois não admitem nem a ausência do falo na mãe, nem que ela possa desejar outro objeto a não ser eles mesmos. O perverso, portanto, desqualifica a rivalidade, posto que se coloca como o único no amor da mãe.

Psicanaliticamente, o que define essa posição subjetiva é a noção de recusa da realidade da castração, recusa da diferença entre os sexos, enfim, recusa da supremacia do pai no impedimento da relação incestuosa com a mãe (cf.: Laplanche & Pontalis, 1982:436-8). Não há a submissão a um princípio de fidelidade com o outro que, como sabemos, nos moldes tradicionais da paixão amorosa, deseja e conta com a exclusividade do amante. O perverso usa o outro como um objeto para o seu gozo, mas caso seja frustrado pelo parceiro e venha a sentir ciúme, a saída encontrada é a destruição de tudo aquilo que faz impedimento, pois não pode haver limites para o seu gozo. Joel Dor (*in* Kauffman, 1993), numa leitura lacaniana das perversões, afirma que:

O perverso confunde renunciar ao desejo e renunciar ao objeto primordial de seu desejo. Ora, só a renúncia ao objeto primordial do desejo [a mãe] é a condição de salvaguarda da possibilidade do desejo. Compete justamente à função paterna induzir, por sua mediação, o direito ao desejo como desejo do desejo do outro. O perverso permanece cativo de uma economia desejante que o priva desse direito ao desejo. Ele se exaure na tentativa de demonstrar, *a contrario*, que a **única lei que reconhece no desejo é a lei imperativa do seu próprio desejo**, e não a do desejo do outro. (p.421, grifos nossos)

Numa situação perversa, o ciúme típico da triangulação do desejo é recusado, mantendo-se o sujeito em relações duais objetificadas, em relações amorosas vividas especularmente, nas quais não há espaço para a falta ou para qualquer efetivação da lei simbólica, pois o “o perverso se fecha na representação de uma falta não simbolizável (...) ele recusa assim a castração simbólica” (*ibid.*:420). Ele reconhece a Lei, a falta e o ciúme, porém os recusa, buscando um gozo incontestável via atuação. Bem, ao relacionar ciúme e perversão vemos que o sentido da transgressão pode tomar inúmeros destinos, todos eles compreendendo a vivência da relação amorosa de modo a desconsiderar regras culturalmente instituídas. Vasse (1995) vai ainda mais longe categorizando todo tipo de ciúme como perverso:

Podemos dizer que o ciúme é perverso. Ele encontra sua fonte na fantasia de onipotência constantemente decepcionada. Esta decepção queima indefinidamente o ciumento.<sup>19</sup> (p.39, grifos nossos)

Preferimos argumentar, no entanto, no sentido das relações entre ciúme e perversão, precavendo-nos de uma afirmação de cunho tão determinante, mesmo porque a própria citação evoca-nos também um traço melancólico do ciúme, ao anunciar uma “decepção que queima indefinidamente” (*idem*).

Um ciúme perverso é primitivo, na medida em que o sujeito se mantém norteado por um mundo pré-edípico onde não pode haver nem falta, nem barreiras para seus desejos. Nessa ótica, Lachaud (1998) considera a existência de um ciúme primitivo que surge como recusa da castração (p.119), uma situação em que o ciumento “nega o significante da falta no Outro”<sup>20</sup> (p.156). Essa autora conjuga diversos elementos em sua teorização sobre o ciúme, dando um valor especial aos efeitos da relação especular. A função do olhar totalizante da mãe, vista como plena, e da identificação com o rival, confluindo com o desejo de destruí-lo, mantêm uma imagem do Outro sem falha (p.99), pois a “imagem do espelho é totalizante, assim o semelhante é a via de acesso ao TODO, recusa da castração” (Lachaud, 1998:121). Aqui a autora menciona a existência de um ciúme primitivo, a partir do qual o sujeito nega a estrutura mesma do desejo, sempre triádico, fixando-se numa imagem narcísica e numa relação dual com o outro. Lachaud (*idem*) é respaldada por Vasse (1995), quando este autor afirma que o ciúme aponta para a exaltação de um gozo narcísico, baseado na recusa de toda alteridade (p.91).

Vasse (1995), a partir de um referencial lacaniano, argumenta que o incesto é natural ao ser e é o seu interdito pela palavra que caracteriza o humano. A palavra enquanto interdito se refere ao momento edípico em que o pai rival se interpõe no circuito pulsional entre a mãe e a criança, impedindo a relação incestuosa. Bem, a partir da percepção da diferença sexual (Freud, 1907; 1925) os sujeitos se confrontam com a castração. Enquanto o menino se afasta da mãe por medo da retaliação do pai, a menina se afasta da mãe por crer que ela a privou de um pênis-falo, passando então a dirigir seu desejo à figura paterna. Assim, com a perspectiva da castração, tanto meninos quanto meninas, apesar de seus diferentes percursos libidinais, desvinculam-se de uma ligação

<sup>19</sup> T. L. do O.: “On peut dire que la jalousie est perverse. Elle trouve sa source dans le fantasme d’une toute-puissance constamment déçue. Cette déception brûle indéfiniment le jaloux.”

<sup>20</sup> T. L. do O.: “(...) nie le signifiant du manque dans l’Autre”.

incestuosa com a mãe, objeto primário, fonte de um gozo absoluto e intrusivo. A manutenção exclusiva da relação com a mãe impossibilita a aceitação do terceiro e da ordem simbólica. Então, nutridos desse referencial, compreendemos a afirmação de Vasse (1995) de que “não há palavra em ação, palavra que se engendra na carne, a não ser em uma relação *ternária*, entre três pessoas”<sup>21</sup> (p.234).

É através do vocábulo *não* – *não* ao incesto, *não* ao monopólio materno – que o pai vem a fazer parte ativa da vida da criança<sup>22</sup>. A partir do momento em que a criança percebe que o pai também é castrado, ou seja, também está submetido à interdição do incesto, o peso da responsabilidade pela interdição é transposto para a lei simbólica, estruturada pela linguagem. Enfim, é contrariando a lei paterna que se manifesta um ciúme primitivo aferrado a uma posição perversa incestuosa.

O que marca o ciúme perverso, portanto, é uma dualidade especular em que impera o narcisismo e a recusa à castração, logo, a recusa da entrada no registro simbólico. O outro é ‘objetificado’ numa imagem idealizada, em que o protótipo é o eu ideal. Assim, na relação dual hiperinvestida do ciumento perverso o aspecto imaginário tem, pois, um papel primordial. Vasse (1995) relata que há nessa forma de ciúme uma espécie de captura mortífera pelo olhar, que paralisa e impede o outro de existir psicologicamente:

Há na tentativa de congelar ou fixar pelo olhar uma maneira de possuir, destruindo aquilo que faz o outro viver. Ora, uma vida possuída, uma vida que não acontece, impede o próprio viver, pois está congelada na morte.<sup>23</sup> (p.241)

O objeto de amor fica, então, fixado em uma imagem, o que não deixa de ser uma maneira de ‘matar’ o objeto em sua subjetividade, de congelar sua existência subjetiva numa cena, ou seja, numa miragem que visa um gozo permanente e mortífero, produzida fantasiosamente pelo ciumento. Para Vasse (1995):

<sup>21</sup> T. L. do O.: “Il n’y a de parole en acte, de parole qui s’engendre dans la chair que dans une relation *trinaire*, entre trois personnes.”

<sup>22</sup> Na verdade, estas figuras, pai e mãe, são intercambiáveis, na medida em que cada figura do mundo de relações da criança desempenha uma função que pode ser tanto a de suscitar o desejo quanto de limitá-lo (cf.: Vasse, 1995). Pois então, o que realmente define o Édipo e a castração são as “funções” materna e paterna e, não exatamente, as “figuras” materna e paterna.

<sup>23</sup> T. L. do O.: “Il y a dans la tentative de figer ou de fixer par le regard une manière de posséder, en le détruisant, ce qui fait vivre l’autre. Or, une vie possédée, une vie que ne se donne pas, ne fait plus vivre: elle est figée dans la mort.”

O olhar é perverso enquanto no brilho dos olhos não permite esperar mais das palavras e que o universo inteiro passe por seu controle. Ele fascina, até a paralisia, tudo o que vive.<sup>24</sup> (p.79)

O ciumento perverso destrói a possibilidade do outro se situar na relação enquanto um ser desejante, falante, e seu objeto de amor só pode ser aquilo que ele mesmo deseja, só pode representar a imagem que outrora foi criada numa relação de amor especular que não suporta qualquer transformação. Vasse (1995:231) faz um jogo de palavras entre aquilo que seria um *ato de passagem* natural à triangulação do desejo e a *passagem ao ato* comum no ciúme perverso. Para esse autor, na passagem ao ato o ciumento se fecha, recusa a palavra e a entrada do terceiro enquanto rival que aponta para a falta. Para além da destruição factual do outro que ocorre enquanto uma forma de passagem ao ato, Vasse (1995) fala de um ciúme que não se revela, pois “fecha o sujeito falante na escuridão do emburrar-se e do mutismo”<sup>25</sup> (p.237), postura observável nas crianças ciumentas, que ele compara ao silêncio de pacientes ciumentos em análise. Esse autor considera que o ciumento perverso não fala no sentido pleno da palavra, aquela que revela a verdade da sexualidade faltosa, pois permanece num mundo imaginário em que se satisfaz através da imagem do outro que congelou no espelho (Lacan,1949; 1954; Vasse, 1995:240). Ele apenas age, “podendo chegar ao fantasma de *atacar a voz* ou o *interior* do outro”<sup>26</sup> (*idem*), caso seja frustrado em seu desejo onipotente. Esse é o desejo do ciúme em sua forma perversa: destruir o outro; o que pode implicar no crime passionai ou na impossibilidade de troca intersubjetiva via linguagem, segundo Vasse (1995), uma anulação do outro pela recusa da palavra. Ele afirma que:

É para negar a palavra que a tendência incestuosa exclui o pai (o terceiro) e transformia o outro (a mãe) em objeto de gozo. Aquele que encarna esse gozo, por ele é cegado”.<sup>27</sup> (p.149)

<sup>24</sup> T. L. do O.: “Le regard est pervers lorsque dans l’éclat des yeux ne permet plus d’espérer dans les mots et que l’univers entier passe sous son contrôle. Il fascine, jusqu’à la paralysie, tout ce qui vit”.

<sup>25</sup> T. L. do O.: “(...) enferme le sujet parlant dans la nuit de la bouderie et du mutisme.”

<sup>26</sup> T. L. do O.: “(...) pouvant aller jusqu’au fantasme d’*attaquer* la voix ou l’*interieur* de l’autre.”

<sup>27</sup> T. L. do O.: “C’est pour nier la parole que la tendance incestueuse exclut le père (le tiers) et transforme l’autre (la mère) en objet de jouissance. Celui qui incarne cette jouissance en est aveuglé.”

Assim, ao evitar o ciúme, o ciumento perverso se torna escravo de um gozo imperativo que não admite falta alguma, tornando-o 'cego' para qualquer significação simbólica. Um olhar pungente, não obstante, cego em sua rigidez.

Outra relação entre o ciúme e a perversão é, curiosamente, a questão da ausência de ciúme apontada por Labrousse-Hilaire (1997). Essa situação implica na recusa completa do ciúme, expressa através de relacionamentos amorosos onde não há regras definidas que firmem, por exemplo, um 'contrato' de lealdade e a fidelidade entre os amantes. Trata-se de relações sucessivas ou simultâneas com vários parceiros em que o relacionamento se dá à moda do consumo – descartável, compulsivo e incessante – e do utilitarismo, pois o outro é apenas visto como objeto de uso, vinculado a um gozo perverso polimorfo.

A presença do rival pode estar relacionada a um certo gozo quando o ciúme está ausente, o que se articula ao re-investimento de uma das faces da bissexualidade recalcada. Labrousse-Hilaire (1997) apresenta o caso da paciente 'Carla' em quem a ausência de ciúme se deve à falta de integração da função simbólica da castração. Carla tem um prazer voyerista nas 'traições' do marido; ela praticamente impele-o a traí-la e se compraz com isso. Sua relação amorosa se configura como uma relação perversa que recusa a diferença sexual, os interditos, mantendo hiperinvestida a bissexualidade primitiva pela incapacidade de recalçamento de uma sexualidade intrusiva forjada pelos pais (pp.:88-9; 92-4). Na elaboração transferencial ela passa a sentir ciúme, o que indica a evolução do tratamento. Assim, vemos que a ausência de ciúme em Carla representa uma clivagem típica do perverso, que recusa um ciúme que, de alguma forma, aponta para a posição depressiva e para a castração.

Labrousse-Hilaire (1997:87-8) discute outros casos clínicos de pacientes que, assim como Carla, mantêm relações supostamente sem ciúme, onde não há uma exigência de fidelidade e exclusividade. São mulheres que vivem em estado de paixão absoluta intercalada de depressão profunda, quando falha a postura perversa que assumem enquanto amantes. Elas também apresentam um "sintoma mudo" (cf.: Vasse, 1995), isto é, uma certa mudez em análise e só se relacionam com parceiros do 'tipo Don Juan', não se sentindo atraídas por homens fiéis. Segundo Labrousse-Hilaire (1997) essas pacientes apresentam um jogo homossexual inconsciente, decorrente da problemática do duplo, pois "a presença das rivais parece necessária ao surgimento de

seu desejo”<sup>28</sup> (p.92), numa espécie de homossexualidade secundária que a autora considera “incontestável” (p.92). Por trás dessas características, a autora vê uma profunda fragilidade narcísica que se mascara através da perversão, ponto também assinalado por Lachaud (1998:105), como falha no investimento narcísico dos pais.

Assim, a ausência de ciúme pode ser determinada pela recusa de enfrentar a posição depressiva (Klein,1952) e a quebra de um eu ideal onipotente. Então, ao invés de enfrentar as dificuldades do relacionamento, da diferença, da possibilidade constante do aparecimento de um rival, os sujeitos sem ciúme apenas trocam sucessivamente de objeto de amor, mantêm relacionamentos com mais de um parceiro, ou ainda, como Carla (Labrousse-Hilaire, 1997), ligam-se sempre a parceiros sabidamente infiéis. Contudo, é possível que ocorra uma irrupção do ciúme nesse tipo de relacionamento dito perverso, quando, então, o ciúme pode aparecer de forma primitiva e violenta, uma vez que esses sujeitos não admitem interdição alguma para seu gozo. Nesse caso, o ciumento perverso destrói o rival e/ou o próprio objeto de amor, mantendo-se, desse modo, como transgressor da ordem simbólica e, possivelmente, como o protagonista de crimes passionais.

Na verdade, apesar de termos subdivido as seções deste último capítulo entre o ciúme depressivo e o ciúme perverso, cada vez mais nos parece que essas posições são oscilantes, ou seja, elas podem se manifestar num mesmo sujeito em diferentes momentos. Não obstante, é evidente que em alguns predomina um ou outro tipo de ciúme.

O que parece mais evidente são as posições psíquicas que determinam essas diferenças subjetivas: entre a falha narcísica pulsante no ciumento depressivo e a recusa da castração edipiana nas relações entre ciúme e perversão; em última instância, saltos entre o excesso de ciúme e a ausência de sua manifestação.

---

<sup>28</sup> T. L. do O.: “La présence des rivales paraît nécessaire à la naissance de son désir”.

#### 4. Por uma crítica psicanalítica literária

*(...) os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar.*

##### *Delírios e sonhos na Gradiva de Jessen de Sigmund Freud*

*Desde pequeno fui assim. No olhar das primas eu descobria paixão. O drama de ter sido bonito demais (Ora, você ainda é, Nelsinho, ainda é.) (...)*

*Me olha a safadinha, se estivesse nu. Não sei o que vê (exame demorado no espelho da parede). Parece que sou o tipo. (...) Quando uma se agarra a você, não o deixa para o resto de suas vidas. Todas iguais, furiosas de ciúme (...)*

##### *O vampiro de Curitiba de Dalton Trevisan*

Ao articular psicanálise e literatura, situamo-nos no terreno da *psicanálise extramuros* (Laplanche, 1987), espaço onde a psicanálise “se dirige para fora dos muros” da experiência clínica e da construção metapsicológica para se encontrar com a arte, a literatura, enfim, com os produtos sublimatórios da cultura. Fundada nos diversos estudos feitos por Freud (1907a, 1908[1907], 1910a, 1917, 1928), a psicanálise extramuros instituiu-se como um caminho proficuamente trilhado por vários de seus seguidores. Porém, sabemos que esse trajeto teórico está sujeito às sutilezas de uma abordagem que faz fronteira com diferentes âmbitos da produção de conhecimento.

Laplanche (1987:11) utiliza a terminologia “psicanálise em extensão” para se distanciar da noção de “aplicação”, tão presente na época de Freud e também tão criticada. Na realidade, houve mesmo na abordagem freudiana uma tendência a tomar a obra de arte para analisar exclusivamente seu autor, tome-se como exemplo as análises de Leonardo (Freud, 1910a) e de Dostoiévsky (Freud, 1928). É claro que, em alguma medida, a realidade do autor se imiscui com sua obra, contudo, é mais do que evidente

que uma não representa *pari passu* a outra. Evidente também que à época que Freud lançava suas hipóteses “extramuros”, havia nelas um caráter original e inovador, o que talvez, tenha sido a motivação inconsciente de críticas resistentes ao novo e à mudança.

Bem, Laplanche (1987) distingue dois diferentes aspectos ao defender esse campo da psicanálise em extensão, ou como também se usa chamar, psicanálise extramuros: um “interpretativo, teórico, inclusive especulativo” (p.12) e outro “real” (*idem*), ou seja, em suas palavras:

por aspecto real entendo que a *psicanálise*, não apenas como pensamento e como doutrina, nas obras da psicanálise dita extramuros, mas como modo de ser, invade o cultural. (*ibid.*)

A psicanálise disseminou-se, de fato, como uma “peste”, na esfera cultural, científica e, até, no senso comum. Desse modo, a cultura contemporânea está inegavelmente impregnada por um conhecimento psicanalítico prévio e dificilmente passa, em nossos dias, por uma análise isenta desses valores psicanalíticos já amplamente difundidos. Por outro lado, como Laplanche (1987) afirma, aquilo que funda a psicanálise, seus conceitos essenciais, só interessam na medida em que estiverem “em ressonância, (...) a posteriori, com o que é fundador para o ser humano” (p.2), no nosso entender, inequivocamente, trata-se do cultural (em seu sentido mais amplo) que molda o sujeito. Portanto, neste trabalho no entrelaçamento da psicanálise com a literatura, perseguiremos a expressão singular da fantasia subjetiva em ressonância com um cultural que se manifesta através da ficção.

Souza (1991) também apresenta uma discussão acerca da “extensão” dos conceitos psicanalíticos que, em sua visão, comporta justamente essa função interpretativa que analisa o social em contigüidade com a fantasia subjetiva. Nesse sentido, a interpretação da fantasia coletiva proporcionada pela psicanálise em extensão permite um esclarecimento “do campo sintomático-fantástico” de uma determinada facção cultural (Souza, 1991:82) e a entrada numa série de significações que dão abertura para a transformação desse segmento. Com efeito, Souza (1991) ressalta uma dimensão essencial na psicanálise em extensão, ou seja, o fato de ela estar a serviço do desvelamento das fantasias que sustentam o imaginário social. Souza (1991) também defende a preservação da especificidade dos conceitos psicanalíticos quando se trata de sua adoção “fora dos muros” da clínica. Assim, ele enfatiza a sutileza na relação entre

teoria e ficção, inconsciente e fato, subjetivo e coletivo, subentendida no trilhar das fronteiras entre cultura e psicanálise e, em última instância, entre o literário e o psicanalítico, enquanto campo em extensão.

Retomando Freud (1908[1907]) em *Escritores criativos e devaneio*, vemos que ele enfoca a contigüidade entre o brincar da criança, os sonhos, os devaneios diurnos e as obras literárias, como representantes da realização de desejo pela via fantasística. Na verdade, ele supõe que “a obra literária, como o devaneio, é uma continuação, ou um substituto do que foi o brincar infantil” (p.141, grifos nossos), esses dois elementos assemelhando-se entre si no que tange ao aspecto de criação ficcional. Ora, aspecto não menos importante é o fato de que o próprio Freud (1908[1907]) alertou quanto ao sentido de suas interpretações literárias, ou seja, encontrar na obra aquilo que conotava a fantasia do autor, através da figura do herói (p.140). Então, essa fantasia interessa pelo efeito que também produz no seu leitor e/ou espectador, trazendo à tona um sentimento compartilhado, comum ao sujeito que escreve e ao que lê. Freud (1897), em carta a Fliess, já tinha relatado a sensação de surpresa e identificação provocadas na assistência ao assistir a encenação da tragédia sofocliana, *Édipo-Rei* (cf.: Carvalho, 1999:61); surpresa e identificação que, de certa forma, assinalam um reconhecimento daquilo que é inerente ao humano. A criatividade e as fantasias do autor vão, nesse sentido, ao encontro das fantasias do espectador ou leitor. Assim, a narrativa literária cumpre a função de unir autor e leitor, através da identificação, da realização de uma fantasia compartilhada, abrindo caminho para a sublimação. Nesse sentido, as escolhas e os meandros por onde correm a fantasia e a produção sublimatória do autor e do leitor revelam a singularidade do desejo daqueles que se envolvem com o gênero da ficção literária.

A fim de delimitar a especificidade de uma crítica psicanalítica literária, Ana Cecília Carvalho (1999)<sup>1</sup> se detém sobre as dificuldades e os enganos que se incorre ao se estabelecer uma empreitada nesse campo, apontando, por um lado, análises que pretendem fazer da obra literária “uma espécie de teste projetivo da mente doentia do autor” (*ibid*:60), e, por outro lado, análises que operam no âmbito da primazia do significante “tendo como consequência uma abstração teórica cuja característica mais evidente é a desvitalização do texto” (*ibid*). Seguindo a trilha criada por Freud

<sup>1</sup> Autora que, com seu artigo – *É possível uma crítica psicanalítica literária?* – inspirou –nos o título deste capítulo.

(1908[1907]), a autora argumenta que a possibilidade de retomar um texto a partir de um viés psicanalítico depende de uma “teorização acerca dos efeitos de leitura que um texto produz naquele que se coloca na posição de crítico, seja ele psicanalista ou não” (Carvalho, 1999:62).

Numa orientação semelhante, o psicanalista Luís Alberto Pinheiro Freitas (1997) compartilha da idéia da transformação criativa, em primeiro lugar, que a escrita produz no autor (*vide* Carvalho, 1999b) e, em segundo, que a leitura produz no leitor (Brandão, 1987; Carvalho, 1999; Izhaki, 2000), ao afirmar que a “identificação do leitor com o herói possibilita o estabelecimento de uma dúvida produtiva, ampliando assim o alcance da sublimação” (Freitas, 1997:143). A essa identificação com o herói (Freud, 1908[1907]) e a essa abertura para a sublimação se concatena a visada transformadora da psicanálise em extensão, pois a “interseção entre psicanálise e literatura enriquece a compreensão da personagem e valoriza a obra literária (...) enriquecendo o patrimônio cultural” (Freitas, 1997:143). Da mesma forma e contribuindo para a discussão das relações entre psicanálise e literatura, Brandão (1996) afirma que a escrita literária “(...) é talvez o lugar onde o inconsciente se encena de forma privilegiada, pois ela se faz e se constitui no seio mesmo da linguagem” (p.33), fonte de trabalho por excelência da psicanálise.

A partir dessas considerações, concebemos a arte literária enquanto expressão lingüística que representa tanto o singular do sujeito quanto sua imersão no social. Então, a partir da série de enlaçamentos subjetivos que se estabelecem na narrativa literária, definimos nosso campo de estudo: a configuração das relações intersubjetivas apreendidas de uma leitura psicanalítica do literário, visando analisar para além do aspecto de *tipificação social* (*vide* Bosi, 1999/BL) inerente a essas relações, a *singularidade* nelas expressa.

O trabalho empenhado na interseção entre psicanálise e literatura requer atenção especial, levando em conta as “várias vozes” que compõem o literário e, por que não, também o psicanalítico. Assim, a análise psicanalítica sobre o literário é sempre uma criação, uma construção *linguageira* (Brandão, 1996:34): uma construção que conta com o inconsciente do autor, mas também com o inconsciente do leitor que sempre produz sublimatoriamente algo novo com sua leitura. No entanto, é fundamental que seja preservada a especificidade de cada campo. Nesse sentido, Brandão (1996) afirma que:

(...) o discurso literário não se confunde com o histórico ou o filosófico ou o psicanalítico, apesar de tecer-se com eles. Não é se fixando em seus conteúdos que se deve lê-lo, mas procurando a maneira como a ficção se enuncia como ficção, tecido de várias vozes. (p.37)

Nossa abordagem do literário, assim como do discurso do sujeito na clínica, confere com uma noção de narratividade enquanto processo criativo que impulsiona a elaboração subjetiva. A vida enquanto história traçada pelo sujeito pode ser encarada como uma construção narrativa que circunscreve ou mesmo cria a realidade individual (Bezerra Jr., 1999). Bezerra Jr. (1999), numa articulação multidisciplinar que comunga da visão do sujeito como “narrador de si” (p.40), persegue duas premissas – a narratividade como recurso biológico (pp.40-44) e a estrutura do pensamento análoga à atividade literária (principalmente em seu aspecto metafórico) (pp.44-46) – para se apropriar psicanaliticamente do texto literário. Ele afirma que o postulado biológico da narrativa se baseia nas proposições de Dennet (*apud* Bezerra Jr., 1999) de que todo ser vivo enquanto um organismo diferenciado e único é impelido a construir uma gama de respostas para sobreviver no meio ambiente, fazendo com que o relacionamento com o entorno se norteie pela construção narrativa. Assim, a noção de *eu* criada por cada um resulta, pois, de “(...) tecer uma rede de palavras e ações que organiza um modo especial de relacionar-se com o meio e com os semelhantes” (Bezerra Jr., 1999:42). A construção narrativa é encarada, desse modo, como algo inerte ao humano, uma narrativa que define a própria capacidade de sobreviver ao se relacionar num dado contexto. Ainda lendo Bezerra Jr. (1999):

(...) nossa vida mental cotidiana, nosso pensamento mais banal, nosso senso comum e nossa pauta de reações afetivas mais habituais têm na sua base o exercício de **uma característica especial da mente: o fato de ela ser fundamentalmente literária, de funcionar acionando dispositivos que costumamos atribuir apenas à atividade da literatura** (...) A maior parte de nossa experiência, nosso conhecimento e nosso pensamento é organizada em estórias. (p.44, grifos nossos)

Bezerra Jr. (1999) segue então a idéia de que há uma certa contigüidade na forma em que a mente reproduz as narrativas pessoal e literária, e considera afinal o corpo e o pensamento integrados na construção das estórias criadas por cada um e por todos para dizer de si e do mundo que os cercam.

A construção narrativa presente nas obras literárias foi equiparada por Nehamas (1985) ao contínuo processo de construção do eu, na medida em que a apreensão da vida subjetiva só se faz por aproximações, derivadas das fantasias envolvidas numa elaboração criativa da história de si, certamente, uma função de narratividade. Esse autor parte da pergunta, *How one became what one is?* (Nehamas, 1985), para defender a idéia de que o próprio eu é uma ficção produzida no decorrer do tempo e que a realidade tal qual é percebida depende de uma visão sempre parcial, em constante transformação, daquilo que compõe uma experiência de mundo. Nehamas argumenta, com Nietzsche, que “o paralelo entre vida e literatura pode não ser perfeito”<sup>2</sup> (p.194), embora essa objeção em nada desmereça a sua aproximação, pois, certamente, muitos foram os autores que se apoiaram frutiferamente nesse paralelo, acreditando que “nós moldamos nossas vidas do mesmo modo que os artistas moldam suas obras”<sup>3</sup> (*ibid.*:194).

É a partir dessa perspectiva da “vida como literatura” (Nehamas, 1985) que se fundamenta nossa investigação: na interpretação daquilo que nos dois âmbitos – do sujeito que constrói sua história e do artista que produz uma ficção – se apresenta como semelhança.

Ainda na corrente de uma leitura psicanalítica do social através do literário, Izhaki (2000) rompe com a dicotomia objetividade e subjetividade, estabelecida por um saber iluminista-racionalista, defendendo que “tomar escritos literários e pessoais como forma de conhecer significa desconsiderar as diferenciações entre subjetivo e objetivo, entre ficcional e histórico” (p.44), na medida em que ambos possuem o mesmo valor para o conhecimento cultural. Recorrendo novamente a Izhaki (2000), concordamos que:

(...) não há escritos neutros, atos de fala descontextualizados. Tanto o sujeito que escreve quanto o leitor são sujeitos morais, irremediavelmente, mergulhados em crenças e desejos, numa forma de vida a que estão vinculados. Escrever é um modo de conhecer (...) (p.43)

Assim, as construções narrativas carregam uma interpretação de mundo dada pelo escritor e proporcionam uma forma de conhecer o humano circunscrita pelo contexto da obra.

<sup>2</sup> T. L. do O.: “The parallel between life and literature may not be perfect (...)”.

<sup>3</sup> T. L. do O.: “(...) we fashion our lifes in the way artists fashion their works”.

\*\*\*

É bem sabido o quanto a literatura é rica em textos que apresentam o ciúme como um fator decisivo em sua narrativa. Desde obras clássicas componentes da chamada "literatura universal" como *Otelo* de Shakespeare, *Os irmãos Karamázovi* de Dostoiévsky e *Dom Casmurro* de Machado de Assis até textos contemporâneos como, por exemplo, *La jalousie* de Alain Robbe-Grillet e *São Bernardo* de Graciliano Ramos, vemos o ciúme sendo remarcado na voz de personagens que sofrem desse mal do amor. O aparecimento de tantas e expressivas obras sobre o tema reflete e reforça a idéia de uma forte intensidade da experiência do ciúme na existência subjetiva e, conseqüentemente, na própria cultura.

Delimitado nosso campo de investigação, partiremos então para a análise de dois romances – *Dom Casmurro* de Machado de Assis (1899/BL) e *E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto* de Rubem Fonseca (1997/BL). Tendo em vista as mudanças culturais envolvidas na passagem desses quase cem anos entre uma obra e outra, perguntaríamos: o ciúme mudou ou sua representação ainda permanece inalterada? Em que medida essas duas narrativas facilitam a compreensão do ciúme na atualidade? E, ainda: quais as ressonâncias entre os conceitos psicanalíticos e a escrita literária na compreensão do ciúme amoroso?

#### 4.1. Uma personagem romântica sob a multifacetada lente machadiana

Na época em que Machado de Assis escrevia, o romantismo dominava o cenário intelectual brasileiro. Nesse momento, segunda metade do século XIX, segundo Coutinho (1997/BL):

O romantismo aparece como um amplo movimento internacional, unificado pela prevalência de caracteres estilísticos comuns aos escritores do período. É, portanto, um estilo artístico-individual e de época (...). É, ademais, um conjunto de atividades em face da vida, e um método literário. (p.4)

Além disso, o romantismo representou, num sentido mais amplo, uma crítica à alienação clássica, isto é, um contraponto aos ideais tradicionais da sociedade da época (cf.: Lalande, 1926; Yunes, 1979/BL), carregando, desse modo, um aspecto revolucionário balizado pelo desejo de transformação da realidade social. Para caracterizar o romantismo no Brasil, Coutinho (1997/BL) enumera vários pontos –

individualismo e subjetivismo, senso de mistério, reformismo, sonho, fé, culto à natureza, retorno ao passado, pitoresco e exagero (pp.:9-10) – elementos que prevalecem isoladamente ou se misturam nas descrições literárias dos autores nacionais daquele período. Coutinho (1997/BL) mostra ainda que enquanto o “temperamento clássico se caracteriza pelo primado da razão, do decoro, da contenção, o romântico é exaltado, colorido, emocional e apaixonado” (p.7).

Apesar do modelo romântico na literatura representar um apelo inovador e crítico dos ideais morais vigentes, nada impediu a sua transformação em um sinônimo de “fantasia”, “fuga”, “falsificação” e “alienação”, ou seja, em valores que, em certa medida, alteraram a moral da sociedade tradicional, mas criaram novos embustes ideológicos (cf.: Yunes, 1979/BL). Assim, havia uma defasagem entre a proposta romântica e a realidade que a partir dela se construía. O Brasil da época de Machado ainda era um país estruturalmente agrário e escravagista onde imperava uma forte moral tradicionalista, em descompasso com o crescente liberalismo burguês das nações européias – principalmente, Inglaterra, França e Alemanha (Lalande, 1926) – onde os ideais românticos eram acrescidos de um desenvolvimento econômico (industrial) em larga escala. Segundo Schwarz (1977/BL), havia uma contradição entre os ideais liberais importados e a realidade nacional, pois a livre concorrência de uma economia de mercado mal se aplicava a um país essencialmente escravocrata e agrário como era o Brasil. Isso acarretou alguns efeitos no movimento romântico brasileiro, especificamente na literatura, que passou a fazer a apologia da vida amorosa, do ideal de amor romântico, da exacerbação da vida interior, dos desejos sexuais amorosos, e pouco se levantou enquanto uma bandeira política e nacionalista (cf.: Schwarz, 1977/BL), ficando sua influência restrita à vida social de uma minoria burguesa, que enfatizava os ideais românticos ligados à exaltação da vida subjetiva e amorosa. O romantismo no Brasil, enfim, teve mais de modismo das classes privilegiadas do que de movimento de transformação sócio-econômica, assim, seus efeitos foram mais presentes na esfera individual (cf.: Schwarz, 1977/BL).

Mesmo sendo alvo de forte crítica moralista pela sociedade tradicional, a produção romântica acarretou a abertura para uma nova concepção dos relacionamentos amorosos e sexuais, levando ainda à afirmação e à busca de realização de desejos outrora jamais aceitos. Peter Gay (1986), ao falar da expansão da obra de ficção no século XIX, aponta para o papel que a literatura romântica teve em estimular as fantasias amorosas dos seus leitores através de histórias picantes, onde a sexualidade,

antes reprimida socialmente, pouco a pouco era explicitada através da arte narrativa. Dentre os grandes literatos que Gay (1986) menciona ao compor o acervo de romances que falavam de incesto, triângulos amorosos, traições, adultério, *et cetera*, encontram-se comentários sobre o triângulo amoroso presente em *Dom Casmurro* de Machado de Assis. Gay (1986) o agrupa com os romances do século XIX que exaltavam a vida amorosa, mas tinham sobre ela uma visão “sombria” (p.127) que apontava para o sofrimento inevitável no amor.

De fato, quanto à filiação artística de Machado, sabemos que uma boa parte da sua obra foi tributária do estilo romântico. Todavia, sua narrativa literária não se limitou a um único estilo de época ou à simples reprodução dos ideais românticos, mesmo porque esses aparecem de forma crítica em sua letra. Ora, Machado de Assis é considerado um dos clássicos da literatura universal, além de ser o mestre incomparável da literatura brasileira, posto que incita uma crítica profunda do homem, de sua natureza, de sua atitude e relações no mundo, além de ter desenvolvido um estilo próprio de inestimável riqueza literária. Sua escrita não se restringe, portanto, a uma única tradição estilística. Pelo contrário, seus romances foram considerados como pertencentes a duas diferentes fases<sup>4</sup>: a primeira mais referenciada ao romantismo literário, com expressão nos romances, *Ressurreição*, *A mão e a luva*, *Iaiá Garcia*, *Helena*; e, a segunda, sua fase dita mais genial, contemporânea do realismo literário, representada pelos romances, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esau e Jacob*, *Memorial de Aires*, immortalizados pela crítica e pelo público (Coutinho, 1997/BL; Melo e Souza, 1997/BL). Assim, o estilo de Machado em *Dom Casmurro* é filiado ao realismo literário, mas como o próprio autor postulou:

(...) gente que mamou leite romântico, pode meter o dente no rosbife naturalista; mas em cheirando a teta gótica e oriental, deixa o melhor pedaço de carne a correr a bebida da infância. (Assis, 1892 *apud* Coutinho, 1997:30/BL)

Enfim, ele mesmo bebeu do leite romântico e, em *Dom Casmurro*, Machado apresenta ainda vários elementos da temática do romantismo como o amor, a lealdade, a solidão e a morte (*vide* Coutinho, 1997:298-302/BL). A literatura romântica brasileira, como um todo, apresentava uma certa preferência pelo tema do amor (Coutinho,

<sup>4</sup> Essa divisão já foi criticada por comentadores como Santiago (1972/BL) e Bosi (1999/BL), pois acreditam que não se deve tomar uma fase de Machado em detrimento da outra, devendo o autor ser

1997:302/BL) e, em especial, Machado, que transitou durante toda sua obra em torno dos temas do amor, da fidelidade e da traição (cf.: Secchin, 1997/BL). Dom Casmurro, desse modo, apresenta a ambigüidade de ser uma personagem realista e, em certo sentido, modernista, porém Bento Santiago, antes de mais nada, pode ser encarado como uma personagem romântica, haja vista a centralidade da vida amorosa em seu relato.

Bem, a relação amorosa colocada em supremo destaque, a reivindicação da liberdade na escolha do(a) parceiro(a) e a inflação do mundo interior são as prerrogativas românticas correlatas também de um movimento mais amplo que se consolidava no Ocidente: o individualismo. Assim, o narrador de *Dom Casmurro*, Bento Santiago, era um romântico, logo um individualista; mas era também uma personagem que seguia os ditames da vida burguesa correlativos à anuência a determinados padrões tradicionais, embora tivesse assimilado as novas posturas sociais em que se valorizava o prazer individual, a relação amorosa livremente escolhida e, enfim, uma certa inflação da interioridade. Isso pode ser lido como influência do individualismo enquanto ideal crescente da época, seja no contexto da obra, seja na construção da personagem.

Recorremos a Simmel (s/d), que descreve o individualismo da singularidade como o movimento social típico do final do século XIX, para sucintamente apresentarmos uma reflexão sobre esse fenômeno social. No individualismo da singularidade (*uniqueness*) (Simmel, s/d) surge um novo sujeito representado pela "imagem social na qual cada ser particular só encontra o sentido de sua existência graças a sua diferença em relação aos outros, graças à unicidade pessoal de sua essência e de suas atividades"<sup>5</sup> (cf. Simmel, s/d:302). Ainda, nesse individualismo era preconizada a liberdade para todos, o que se choca com a premissa da igualdade também sustentada pelo ideário individualista, pois "se a noção de liberdade, de um lado, pressupõe a noção de igualdade, também supõe a possibilidade da diferença" (cf.: Bezerra Jr., 1989:228-9), criando, desse modo, uma contradição interna aos ideais de liberdade e igualdade. O embate criado entre liberdade e igualdade estava também presente, de algum modo, na obra machadiana. Com efeito, a insustentável situação

---

avaliado pelo conjunto de sua obra. Atribuir uma filiação estilística a Machado também é questão controversa, já que compôs uma forma singular e personalizada de escrever.

<sup>5</sup> T. L. do O.: "(...) l'image sociale en laquelle chaque être particulier ne trouve sens de son existence que grâce à sa différence par rapport aux autres, grâce à l'unicité personnelle de son essence et de ses activités."

desse ideais na esfera sócio-política também cauciona uma certa inconsistência, se vista analogamente sob o ângulo da subjetividade. Na esfera do amor, a liberdade no exercício da sexualidade apregoada pelo ideário romântico acarretou uma certa incompatibilidade com os pressupostos morais de fidelidade, também componente desse mesmo ideal romântico individualista.

Bezerra Jr. (1989), ciente da complexidade do tema do individualismo e baseado em autores como Santo Agostinho, Simmel, Dumont, Vernant e Foucault (*apud* Bezerra Jr., 1989), faz uma profícua síntese dessa ideologia que passou a imperar na moderna sociedade ocidental e que, neste trabalho, consideramos também o berço da expressão autocentrada do narrador Casmurro. Pois bem, Bezerra Jr. (1989) considera que o individualismo se estrutura a partir de:

(...) uma certa experiência subjetiva compartilhada pelos sujeitos humanos, experiência que se funda numa consciência de si enquanto universo único, dotado de uma **dimensão interior insondável** e articulada por uma imbricação entre **subjetividade, sexualidade e verdade interior**. (p.222, grifos nossos)

É, pois, assim que Casmurro se apresenta: envolvido por uma sexualidade conflituosa; preso por pensamentos e argumentações narrativas que tentam convencer a si mesmo e ao leitor de sua “verdade interior” (*idem*); marcado por uma subjetividade idiossincrática, própria a um sujeito fortemente influenciado pelo ideal individualista. Nesse sentido, Dom Casmurro era um individualista inegável, dado seu desligamento de um contexto externo em função de uma interiorização melancólica em seus próprios interesses e reflexões. Casmurro não só apresenta essa busca de desvendamento interior em relação a si mesmo, como tenta alcançar isso em Capitu, almejando descobrir o que está dentro da cabeça de sua amada “não fora ou acima dela” (Assis, 1899:143/BL).

Machado de Assis oferece – no que concerne aos efeitos do autocentramento individualista de Dom Casmurro e à inviabilidade do amor romântico que vive – uma visão crítica dos ideais românticos e individualistas vigentes na época, através da perspectiva subjetiva do amor vivido como a mais pungente dádiva da vida, expressa pela entrega total e igualmente exercida pelos amantes. Contudo, nesse romance machadiano, um amor perfeito e recíproco não é absolutamente assegurado. Assim, a premissa individualista da liberdade cerceia a suposta hegemonia de uma fidelidade romântica esperada em cada ato, em cada palavra, inclusive, em cada olhar. A fidelidade absoluta não é jamais garantida, como bem representa a dúvida de Casmurro.

Não há uma correspondência irreprochável, nem uma paridade exata entre aquilo que Bento espera de Capitu e aquilo que ele vive e sente, pois existem várias marcas que vulgarizam seu ideal amoroso, dentre elas a disparidade social entre ambos. Há assim uma assimetria nas relações subjetivas das personagens machadianas, da qual *Dom Casmurro* não escapa. Segundo Bosi (1999/BL):

*Relações assimétricas compõem a maioria dos enredos machadianos; e levando em conta a dimensão subjetiva da assimetria, pode-se afirmar que esta se encontra em toda parte e dentro de cada personagem. A experiência do gradiente social é aqui fundamental (...) A imagem da escada feita em degraus de diferentes alturas talvez esclareça melhor a lei imanente dessa formação social: os seus atores, na medida em que a roda da fortuna os colocou em posições objetivamente assimétricas, nunca podem olhar-se ou falar-se como verdadeiros pares. (p.153)*

Machado reproduz em sua narrativa o fato de que as esferas do amor e das finanças marcam uma disparidade incontornável (Almeida Santos, 1997/BL). Assim, em *Dom Casmurro*, a “ideologia do ciúme” (cf.: Yunes, 1979/BL) aparece exatamente pela vertente da dissimulação da personagem – ironia do autor – revelando uma discrepância entre as amarras de um amor romântico idealizado e a dúvida infinda taxada pela hierarquia social entre Bento e Capitu. A leitura de *Dom Casmurro* nos sugere que a diferença de classes pode implicar na suspeita da diferença na intensidade do amor de Capitu para com Bento (vide Almeida Santos, 1997/BL). Desse modo, Machado toma o ideal romântico em *Dom Casmurro* justamente para criticá-lo através da construção individualista das memórias de Bento Santiago, dando largo fôlego às problemáticas da vida interior, do desejo singular / subjetivo típicos de um contexto romântico-individualista (vide Bezerra Jr., 1989) e de uma escala social hierarquizada (cf.: Almeida Santos, 1997/BL; Bosi, 1999:153/BL) que reproduz em suas personagens.

#### 4.1.1. A avidez de um olhar apaixonado

*Dom Casmurro*, romance de Machado de Assis (1899/BL), tem como cenário a cidade do Rio de Janeiro, no final do século XIX. A personagem principal, Bento Santiago, o narrador, é um representante típico da burguesia da época, o protótipo do burguês bem-sucedido do final do século, que vem de uma família tradicional, possui

larga herança, segue a então honorável carreira de advogado e contrai matrimônio com a intenção de constituir um casamento exemplar. Não obstante, o seu sofrimento pela frustração amorosa vai contra uma ilusão de felicidade pautada nesses moldes.

A narrativa de *Dom Casmurro* é feita em primeira pessoa, pela personagem principal – Bento Santiago – que, em idade avançada, resolve “atar as duas pontas da vida, e restaurar a velhice na adolescência” (Assis, 1899:14/BL) para tentar compreender o desenrolar de sua própria história. É ele quem reproduz a fala das outras personagens e, assim, o romance é construído exclusivamente sob a perspectiva do narrador-personagem.

O enredo do romance é composto pela história de amor de Bento Santiago com Capitolina, a famosa Capitu, e da suposta traição dela com Escobar, melhor amigo de Bento. A narração é feita sob a perspectiva de um Bento Santiago, já velho e amargurado, retomando suas reminiscências e tentando provar a si mesmo e ao leitor a culpa de Capitu em relação ao suposto adultério, numa trama em que a traição não é explicitada, mas apenas intuída. O fato em si da traição fica em segundo plano, na medida em que toma corpo a tentativa de dissolução de uma dúvida formulada a partir do sofrimento subjetivo envolvido no ciúme. Assim, apesar do protagonista fornecer toda sorte de evidências de uma possível traição de Capitu com Escobar, ele também apresenta, em vários momentos, fatos que contradizem suas próprias convicções. Assim, não sabemos precisar onde termina a realidade e se inicia uma construção fantasmática, pois nada é absoluto no texto, sendo a dúvida seu ponto alto. A dúvida da traição, em primeira instância; a dúvida quanto ao amor, quanto ao desejo de Capitu em relação a Bento, em última.

Com efeito, o interesse de investigação foi se destacando da idéia da traição nos diversos trabalhos críticos que se avolumaram em torno dessa obra (*vide* Secchin, 1997/BL), em primeiro lugar, por não haver uma resposta exata para o impasse do adultério, e, em segundo lugar, pela riqueza da análise se basear justamente no conflito interno centrado no protagonista: o ciúme, a insegurança, a construção fantasiosa de Bento Santiago. Contra uma interpretação corrente no início do século XX de *Dom Casmurro* enquanto ‘estudo da traição’, Silviano Santiago (1972/BL) afirma que “(...) o romance de Machado se estudo for, é antes estudo do ciúme, e apenas deste” (p.3).

Desse modo, a trama do livro se desenrola em torno do ciúme do narrador e do “enigma de Capitu” (Gomes, 1967/BL), ou seja, a impossibilidade dele afirmar categoricamente se ela o traiu, ou não, com seu melhor amigo, Escobar. Além disso, o

enigma de Capitu representa algo ainda maior em Bento: o enigma de um amor que não pode ser apreendido por completo, acima de tudo, uma sexualidade que não pode ser significada, haja vista as vicissitudes de um recalque simultaneamente forte, conforme a pregnância dos interditos religiosos na vida de Bento, e falho, devido ao sutil convite materno à transgressão, de que falaremos mais adiante.

Almeida Santos (1997/BL) propõe rica interpretação de *Dom Casmurro* através de uma análise “em torno de três áreas semânticas distintas (*status* social, erotismo e religião)” (p.115), onde se detém sobre os “farrapos de textos” (*idem*) indicativos do conflito do narrador que circula em torno dessas temáticas. Nesse sentido, ele aponta para uma contradição interna ao desejo de Bentinho, pois é marcado, de um lado, por um forte erotismo e, de outro, por valores religiosos em que o recato e a abstinência compunham parte essencial do eixo doutrinário que seguia. Ora, Bentinho fora destinado, antes mesmo do seu nascimento, por promessa de sua mãe, a seguir a carreira de padre. Sua memória de infância está repleta de episódios envolvendo brincadeiras em torno de representações religiosas, a ponto de Almeida Santos (1997/BL) afirmar que “a instituição religiosa, a Igreja, é uma influência moral decisiva na vida de Bentinho, desde cedo moldando-lhe o caráter” (p.121). No entanto, com o despertar de sua adolescência e, portanto, de sua sexualidade genital, ao ouvir “a denúncia” (Assis, 1899:15-6/BL) de José Dias (quando fala para Dona Glória sobre o seu possível enamoramento por Capitu), Bentinho se vê às voltas com um desejo inusitado, oposto ao calmo e sereno interesse pela religiosidade. Para Almeida Santos (1997/BL), o “campo semântico da religião se sobrepõe à sensação erótica, reprimindo-a e, inversamente, no plano da narração, libera, pela imagística utilizada [no livro], o elemento recalçado” (p. 122). Há vários elementos dessa imagética, por exemplo: a mãe de Bento é vista como uma “santa”; tudo aquilo que Bentinho deseja ele crê conseguir através do pagamento com rezas; as batinas esvoaçantes dos padres o rememoravam uma mulher que, vestida de saia, caiu na rua, expondo sua meias e ligas; e, ainda, a brincadeira de dividir o doce com Capitu, como se fosse uma hóstia (cf.: Almeida Santos, 1997/BL).

Pois então, no recalque da sexualidade está um dos pontos altos da origem do ciúme de Bento que, excessivamente recatado, via em Escobar uma desenvoltura erótica que, quiçá, ele mesmo não se sentia capaz de alcançar. O mar em ressaca que Escobar adentra representa a metáfora de uma sexualidade aflorada que não se contém, que não

se esgota. Além do mar em ressaca, na idealização do amigo fantasiada por Bento, Escobar talvez fosse o único a corajosamente enfrentar os “olhos de ressaca” de Capitu, os mesmos que ele temia. Assim, Capitu e Escobar têm a mesma coragem e impetuosidade ao encarar desafios, em última instância, ao buscar a realização de seus desejos, algo que Bento renega em si, ora por ser tímido demais, ora por ser demasiado casmurro. Além disso, a moral religiosa a qual estava submetido talvez o impedisse de “profanar” a mulher amada, ficando sua sexualidade travada pela repressão religiosa e só podendo ser significada no terreno da fantasia projetiva do ciúme. Resta, então, da repressão religiosa e do recalçamento, uma sexualidade imaginariamente cristalizada, fixada em pedaços de cenas, em vultos fantasmáticos que encobrem desejos proibidos e projetados em Capitu, devido à sedução irresistível que ela exerce sobre Bentinho.

A fala de José Dias, empregado da família de Bentinho, de que Capitu é uma menina que tem um olhar que parece do diabo, reforçando, “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” (Assis, 1899:45/BL), instaura a dúvida acerca da veracidade das atitudes de Capitu e de sua capacidade de dissimulação. Essa frase de José Dias tem efeito, por assim dizer, de consolidação do enigma de Capitu no pensamento de Bentinho, enigma essencialmente encenado pelo olhar, como bem postulou Bosi (1999/BL). Um olhar enigmático que permeia praticamente todos relacionamentos de Bentinho; ponto sobre o qual, diversas vezes, deter-se-á nossa argumentação.

Além de ser o primeiro a caracterizar o olhar de Capitu, José Dias, de acordo com Bento Santiago, também foi quem suscitou a “primeira mordida do ciúme”, quando insinuou que ela, enquanto não pegasse “algum peralta da vizinhança” (Assis, 1899:108/BL) com quem casar, não sossegava. O ciúme então, a partir dessa última frase de José Dias, toma conta desde cedo do pensamento de Bentinho em relação à namorada, surgindo sem aviso, abruptamente, impulsionando uma tentativa de elaboração calcada em perguntas impalpáveis, do tipo: ‘Ela me traiu ou não? Ela me ama ou não?’. Bentinho que se sentiu seguro do amor de Capitu em algum momento do início do relacionamento amoroso, mesmo curto e incipiente, passa a se sentir de fato ameaçado pelo que, metaforicamente, descreve como uma “ponta de Iago” (*idem*:93-4) que representaram as opiniões de José Dias acerca de Capitu. Bento então começa a se questionar:

Outra idéia, não, – um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme, leitor das minhas entranhas. Tal foi o que me mordeu, ao repetir comigo as palavras de

José Dias: 'Algun peralta da vizinhança'. Em verdade nunca pensara em tal desastre. Vivia tão nela, dela e para ela, que a intervenção de um peralta era como uma noção sem realidade; nunca me acudiu que havia peraltas na vizinhança, vária idade e feitio, grandes passeadores das tardes. Agora lembrava-me que alguns olhavam para Capitu, – e tão senhor que me sentia dela que era como se olhassem para mim, um simples dever de admiração e inveja. Separados um do outro pelo espaço e pelo destino, o mal parecia-me agora, não só possível, mas certo. (*ibid.*:94, grifos nossos)

Antes de sentir ciúme, o olhar dos outros para Capitu era como um “dever de admiração e inveja” (*ibid.*), de cujo mérito Bentinho se regozijava, revelando com isso uma identificação narcísica com a amada. Mas, para além do olhar dos outros para Capitu, há a tensão do olhar dela dirigido aos outros, gerando a cólera do ciúme em Bento, um prenúncio do ‘mal’, quando o interesse dela aponta para longe da captação apaixonada de Bentinho, portanto, para a triangulação da relação.

Os comentários de José Dias fomentam o germe da desconfiança de Casmurro, que, associados a diversos outros detalhes observados e depreendidos das atitudes de Capitu, levam à construção de um emaranhado de fatos nos quais Casmurro se vê, com o passar do tempo, como vítima de uma ‘inequívoca’ traição. Apesar de nada no romance confirmar a traição enquanto uma verdade irrefutável, Casmurro, impulsionado por um ciúme inflacionado, tenta convencer o seu leitor da realidade da traição. Seu ciúme vai se avolumando, pois, por índices de traição, reforçados por lembranças de outros índices anteriores, de modo que Bento se vê constantemente atacado por dentadas de ciúme.

Essa configuração da narrativa machadiana em sucessivos acontecimentos destinados a construir a ‘verdade’ do ciúme em Bento é correlacionada à noção psicanalítica do trauma em dois tempos (*vide* Quinet, 1990; Freitas, 1997). Então, nossa suposição é de que as “mordidas de ciúme” (Quinet, 1990) sofridas por Bentinho representam o *a posteriori* de um sofrimento muito anterior, possivelmente uma ferida narcísica, fundada na relação com o primeiro objeto de amor. De alguma maneira, esse primeiro objeto se faz presente durante toda narrativa através da ligação de Bento com D. Glória e com aquilo que a representa. O exemplo por excelência dessa relação está no desejo deslocado da mãe para a ‘casa’: a casa de Matacavalos que precisa ser reconstituída na casa do Engenho Novo e, a casa da Glória (Glória = bairro; Glória = nome da mãe), que representa os melhores momentos da vida de Bento (*cf.*: Gomes,

1967/BL), ou seja, os primeiros anos do casamento com Capitu. Há, desse modo, na metáfora da casa, uma nostalgia pela infância feliz em que existia a exclusividade do abrigo materno materializado pela construção de Matacavalos. O apego à casa da infância marca a dificuldade de uma separação desse primeiro objeto que pode ser entendida como resistência à castração, num sentido *latu*. Nossa hipótese é que essa 'infância feliz' e seu objeto continuam intensamente investidos, de modo que as ameaças de limite a seu gozo narcísico são veementemente rechaçadas. Mas, apesar da estreita relação, ou ainda, do intenso amor por Bentinho, Dona Glória não se reduz da promessa de enviar o filho ao seminário (Assis, 1899:68-70/BL), enfim, de separar-se dele. Com efeito, a intensidade do amor de D. Glória por Bentinho é confirmada nos trechos em que ela e Capitu vão ficando amigas, ambas com o intuito de trazer o seminarista de volta; só que apenas essa última o faz de forma explicitamente consciente e planejada. Talvez, Capitu tenha servido de álibi para D. Glória, uma vez que esta possivelmente via em Capitu a chance de trazer Bentinho para casa sem ter que romper com sua promessa, estimulando a menina a atuar em seu lugar. Então, arditamente o narrador constrói uma seqüência de capítulos (*idem*:112-115) que mostram como sua mãe é complacente com a promessa de torná-lo padre.

Bento declara que sua mãe era para ele a "santa mais adorável" (*ibid*:113) justamente por arrumar um jeito de afrouxar a imposição de uma vida clerical ao filho, quando percebe o desejo dele por Capitu. Ora, se fosse por vontade própria, isto é, por falta de vocação para o sacerdócio, conforme anuência do padre de confiança da família, o "protonotário Cabral", Bentinho estaria liberado do seminário e a mãe da promessa. Então, com a proximidade de Capitu, D. Glória começa a incentivar o relacionamento dela com Bentinho na esperança de trazer seu filho para junto de si (*ibid*:114). Bento justifica para o leitor a atitude encoberta da mãe, mostrando também a intensidade de sua relação com ela, na ausência do pai:

Minha mãe era temente a Deus (...) A promessa feita com fervor, aceita com misericórdia, foi guardada por ela, com alegria, no mais íntimo do coração. **Penso que lhe senti o sabor da felicidade no leite que me deu a mamar. Meu pai, se vivesse, é possível que alterasse os planos (...)** Mas meu pai morreria sem saber nada [sobre a promessa], e ela ficou diante do contrato como única devedora (*ibid*:113) (...) minha mãe, posto me mandasse ensinar latim e doutrina, começou a adiar minha entrada no seminário. (*ibid*:114)

A densidade e a concisão de tudo que Casmurro relata é impressionante. Em um curto trecho ele justifica o arrependimento da mãe por ter feito a promessa, já que não pudera contar mais com um pai que desfizesse esse feito. Na afirmação de que sentiu o “sabor da felicidade no leite” que ela lhe deu a mamar (um gozo primitivo?), Casmurro reforça a idéia de perfeição sobre ela, mãe irreprochável e o prazer subjacente à relação de cumplicidade entre filho e mãe, talvez exacerbada pela falta da figura paterna. É esse modelo de amor que vai imperar na vida de Bento: um amor narcísico a ser continuamente recuperado. O ciúme, então, surge como reforço do amor primitivo, ou melhor, dessa paixão pela mãe recolocada na relação com Capitu.

Voltando à perspectiva de um ciúme *a posteriori*, vemos que Quinet (1990) faz uma minuciosa análise de Dom Casmurro, mostrando que a leitura das “mordidas do ciúme” leva à proposição de uma série de significações em que esse afeto desliza no correr do tempo, a cada momento se fixando numa figura nova, para o autor (Quinet, 1990), num novo significante, que se interpõe na relação dele com sua amada Capitu. Assim, a primeira dentada do ciúme, como vimos, surgiu na voz de José Dias, ao atribuir à Capitu o interesse por algum *peralta da vizinhança* (Assis, 1899:94/BL). O segundo dente do ciúme, na interpretação de Quinet (1990), ocorreu quando um ‘Dandy’ passou a cavalo entre Bento e Capitolina, desencadeando no protagonista a lembrança da primeira mordida. Conforme a narrativa de Casmurro:

O cavaleiro não se contentou em ir andando, mas voltou sua cabeça para o nosso lado, o lado de Capitu, e olhou para Capitu, e Capitu para ele; o cavalo andava, a cabeça do homem deixava-se ir voltando para trás. Tal foi o segundo dente de ciúme que me mordeu. A rigor, era natural admirar as belas figuras; mas aquele sujeito costumava passar ali, às tardes; morava no antigo Campo da Aclamação, e depois... e depois... Vão lá raciocinar com um coração em brasa, como era o meu! (...) A visita de José Dias lembrou-me o que ele me dissera no seminário: ‘Aquilo [Capitu] enquanto não pegar algum peralta da vizinhança que case com ela...’ Era certamente alusão ao cavaleiro. (Assis, 1899:108/BL, grifos nossos)

Casmurro interpreta a fala de José Dias como alusão específica ao cavaleiro que olha e é olhado por Capitu. Bentinho reconhece nessa troca de olhares uma intenção desejosa à semelhança de sua própria relação com Capitu.

O terceiro elemento que suscitou o ciúme foi o *mar*, quando, no capítulo *Ciúmes do mar*, Capitu se detém olhando a imensidão marítima sem prestar atenção nas elucubrações de Bento acerca dos astros celestes. Entretanto, como o próprio narrador confessa, o ciúme não acontece somente pela desatenção da substituta de aluna, mas pela imaginação daquilo que podia estar interessando a ela, a incógnita sobre o que ela estaria a pensar:

(...) não cuides que a vaidade de professor é que me fez padecer com a desatenção de Capitu e ter ciúmes do mar. Não, meu amigo. Venho explicar-te que tive tais ciúmes pelo que podia estar na cabeça de minha mulher, não fora ou acima dela. (...) A recordação de uns simples olhos basta para fixar outros que recordem e se deleitem com a imaginação deles. Não é mister pecado efetivo e mortal, nem papel trocado, simples palavra, aceno, suspiro ou sinal ainda mais miúdo e leve. Um anônimo ou anônima que passe na esquina da rua faz com que metamos Sírius dentro de Marte, e tu sabes, leitor, a diferença que há de um a outro na distância e no tamanho, mas a astronomia tem dessas confusões. (*idem.*:143, grifos nossos)

O olhar recebe mais uma vez aqui a dedicação do mestre escritor para metaforizar o desejo do narrador pela decifração de um eterno enigma, pois “a recordação de uns simples olhos basta para fixar outros que recordem e se deleitem com a imaginação deles (...)” (*ibid.*); expressão truncada do autor que aponta para uma construção fantástica *a posteriori*. Quais seriam esses olhos que Bento recorda? Seriam os olhos amados do primeiro objeto substituídos no novo amor? Ou mesmo, os olhos de Capitu que se cruzaram com os do cavalheiro? Além do envolvimento com o olhar misterioso de Capitu, a terceira dentada trás o elemento anterior do ciúme – “um anônimo ou anônima que passe na esquina da rua faz com que metamos Sírius dentro de Marte” (*ibid.*) –, certamente uma nova alusão ao *dandy*, que gerou ódio e a primeira briga de Bento com Capitu. Essa primeira desavença por ciúme causou a imposição de Capitu de que Bentinho promettesse nunca mais cometer tal ‘erro’, isto é, sentir ciúme e julgá-la. Assim, meter “Sírius dentro de Marte” (*ibid.*) remete, por sua vez, ao erro de Bento em manter-se ciumento e suspeitar de Capitu, desconfiando até do que está “dentro da cabeça” dela, o que corresponde nesse trecho a uma confissão velada dos próprios enganos.

A quarta figura que reacende o ciúme são *todos os homens*, uma figura que se torna generalizada, pois qualquer homem que olhe ou seja olhado por Capitu, qualquer

elemento que se interponha entre Bento e ela, passa a gerar ciúme (cf.: Quinet, 1990). Aliás, um ciúme que vem a se tornar contínuo:

Continúei, a tal ponto que o menor gesto me affligia, a mais infima palavra, uma insistência qualquer; muita vez só a indiferença bastava. Cheguei a ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror ou desconfiança. (Assis, 1899:150/BL)

Bento, então, fica aterrorizado pela hipótese de ser traído por Capitu, o que produz um ciúme sem limites e essa seqüência de fatos e lembranças atinge dimensões extremadas na experiência do narrador, chegando ao ponto em que tudo e todos são suspeitos, tudo e todos podem ser seus rivais. Mas, apesar de obcecado pela traição, a intensidade do ciúme, de algum modo, impulsiona a construção narrativa de Dom Casmurro, que se expressa através da realização da escrita.

O ciúme seria, então, um produto do conflito entre o desejo de Bentinho por Capitu e aquilo que ele imaginava sobre o desejo e a conduta dela. Bem, são diversas as expressões metafóricas que revelam o ciúme de Dom Casmurro, sendo que uma das mais marcantes delas se refere ao olhar (Bosi, 1999/BL). As inúmeras referências apresentadas pelo narrador acerca do mistério do olhar de Capitu podem ser associadas a uma forte apreensão especular (Lacan, 1954), a um desejo voraz pelo objeto e à idealização da mulher amada. Em um trecho clássico – e um dos mais belos – do romance, Bento Santiago busca palavras que desvendem o enigma do olhar de Capitu:

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me, tragar-me. (Assis, 1899:55/BL, grifos nossos)

O poder que Bentinho atribui ao olhar de Capitu atinge uma dimensão infinita, mas proporcional ao desejo que ele sente por ela. Machado/Casimiro, na realidade, "quebra a dignidade do estilo" (*ibid.*) realista e crítico ao idealizar o olhar, a beleza, o poder que a amada tem sobre ele, ficando praticamente a mercê de um desejo incontrolável, estimulado pela atratividade e pela sedução impregnadas no olhar de Capitu. Diríamos que Bento sente-se ameaçado por um desejo intrusivo representado por um olhar que parece captá-lo, envolvê-lo como uma onda que possa tirar-lhe o fôlego, quem sabe mais que isso, que possa roubar-lhe o autocontrole, enfim, o controle de sua própria sexualidade. A mulher amada é vista por Bento como detentora de um poder enorme, tamanha sua sensualidade e sua capacidade de provocação erótica, cujo envolvimento parece amedrontar Bentinho.

A metáfora do olhar como onda (Bosi, 1999/BL) parece mesmo desempenhar um papel central nessa dinâmica, já que ao mesmo tempo em que atrai, atemoriza, posto que domina Bentinho ao estimulá-lo sexualmente. Capitu prende através de seu olhar todo o desejo, toda a curiosidade, todo o movimento pulsional de Bentinho. O narrador insinua que ela nota o desejo de Bentinho e, por conta disso, manipula-o através de seus jogos de sedução do início do namoro. A idealização da imagem da amada se cristaliza no apaixonado e, simultaneamente, impulsiona uma demanda de decifração do desejo de Capitu.

Podemos supor que, na velhice, tempo da escrita, Casimiro deseja uma parada no tempo, no tempo da adolescência feliz, no tempo da evanescência dos primeiros encontros sexuais e da ilusão de realização amorosa. Indo um tanto além, especulamos que a perfeição inicial desse amor pode representar uma experiência de satisfação primordial (Freud, 1895), que, em alguma medida, todo sujeito busca reaver. Bem, o olhar de Capitu contém a promessa de um paraíso perdido, forjado aos moldes de um narcisismo que deve ser resgatado, porém que nele reflete uma ferida aberta. Assim, Bento Santiago procura uma realização amorosa irrefutável, isolada de qualquer mediação externa, isto é, absolutamente dual, em que a incursão de um outro pela triangulação da relação é vista como um perigo.

Mas, o olhar de Capitu se desvia inúmeras vezes, rompendo a dualidade especular que Bento tanto almeja. É o olhar, a expressão e a lágrima de Capitu pelo amigo morto que realçam o ciúme de Bento. Com efeito, a série de figuras às quais se

fixa o ciúme (cf.: Quinet, 1990), nada mais representa que a simples ameaça de desvio do olhar de Capitu; algo inevitável em qualquer relacionamento amoroso, na medida em que marca a presença de um outro, um terceiro, revelando a falta e a diferença. Bento, contudo, não suporta esse desvio, que nele evoca uma dúvida sobre o amor, ferindo-o em seu orgulho narcísico. Bento Santiago percebe o desvio do olhar e logo o interpreta como desvio da conduta, como traição, deixando-se dominar pelo ciúme intenso.

O ápice desse movimento se dá quando Bento retoma a descrição dos “olhos de ressaca” de Capitu, justamente no momento em que ela deita seu olhar sobre Escobar morto:

A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas (...) Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem as palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã. (Assis, 1899:161/BL)

Os mesmos olhos de ressaca que envolveram Bentinho no primeiro beijo da adolescência enredam também o cadáver, como se o desejassem tão intensamente quanto outrora desejaram Bento, mais uma vez sobrepujado pelo amigo e rival. Com efeito, Escobar é a figura última que condensa todo ciúme de Bento. Nas palavras de Gomes (1967/BL), “nem a morte impediu que Escobar continuasse a exercer predomínio sobre o pobre homem” (p.118). Então, o sofrimento, decorrente da impossibilidade de manter uma relação exclusiva e especular com Capitu, é acrescido de uma identificação narcísica com o rival.

É fato que Bento também possuía o mesmo desejo de infidelidade que atribuía a Capitu e a Escobar. Isso é visível, por exemplo, no capítulo *A mão de Sancha* (Assis, 1899:156/BL), quando ele expressa seu desejo pela melhor amiga de sua mulher, casada com Escobar. Bento descreve luxuriosamente a troca de olhares entre ele e Sancha na noite em que os dois casais jantaram juntos:

Sancha ergueu a cabeça e olhou para mim com tanto prazer que eu, graças às relações dela e Capitu, não se me daria beijar-lhe na testa. Entretanto, os olhos de

Sancha não convidavam a expressões fraternais, pareciam quentes e intimativos, diziam outra coisa (...) busquei os olhos de Sancha, ao pé do piano; encontrei-os a caminho. Pararam os quatro e ficaram diante uns dos outros, uns esperando que os outros passassem, mas nenhuns passavam. Tal se dá na rua entre dois teimosos. (*idem*:157)

Um impasse de olhares audaciosos que se mantêm fixados e convidativos, apesar da impropriedade que supõe tal ato. Bento Santiago também desejou outras mulheres e confessa que um dia pensou em Sancha “como na bela desconhecida que passa” (*ibid.*), expondo assim um desejo, projetado em Capitu, por desconhecidos que ela venha a encontrar na rua: os temidos “peraltas da vizinhança” e “grandes passeadores das tardes” (*ibid.*:94). Além do desejo de infidelidade projetado, nesse mesmo capítulo, aparece um detalhe que pode ser interpretado como “uma ponta” do desejo homossexual recalcado, quando Bento apalpa os braços de Escobar. Vejamos o diálogo:

– O mar amanhã está de desafiar a gente, disse-me a voz de Escobar, ao pé de mim.

– Você entra no mar amanhã?

– Tenho entrado com mares maiores, muito maiores. – Você não imagina o que é um bom mar em hora bravia. É preciso nadar bem, como eu, e ter estes pulmões, – disse ele batendo no peito, e estes braços; apalpa.

**Apalpei-lhe os braços, como se fossem os de Sancha. Custa-me a confissão, mas não posso suprimi-la; era jarretar a verdade. Não só os apalpei com essa idéia, mas ainda senti outra coisa: achei-os mais grossos que os meus, e tive-lhes inveja; acresce que sabiam nadar.** (*ibid.*:157, grifos nossos)

Bento apalpa os braços de Escobar como se fossem os de Sancha, que momentos antes ele havia desejado, dando indícios de um desejo homossexual recalcado que possivelmente serviu de fermento para o desencadeamento de seu ciúme. Peter Gay (1986) comentou sobre a intenção de alguns romancistas do século XIX de revelar nas entrelinhas de seus romances uma sexualidade homoerótica de suas personagens, afirmando, dentre outras coisas, que:

(...) em *Dom Casmurro*, Machado de Assis mostra o seu protagonista, o narrador, desenvolvendo uma admiração tão extravagante pelo gênio matemático

de seu melhor amigo de escola que o toma nos braços, para grande desconcerto do padre que surpreende os dois nesse momento de ternura. (Gay, 1986:195)

Há, de fato, vários comentários do narrador que acentuam a intensa relação entre Bento e Escobar. Em um trecho do capítulo *Visita de Escobar*, quando esse vai pela primeira vez à casa de Bentinho e cede à insistência do convite para jantar, Casmurro descreve os gestos e a fisionomia do amigo de forma minuciosa e apaixonada, conforme ficaram marcados em suas reminiscências:

Escobar aceitou, e jantou. Notei que os movimentos rápidos que tinha e dominava na aula também os dominava agora, na sala como na mesa. A hora que passou comigo foi de franca amizade. (...) Os olhos de Escobar, claros como já disse, eram dulcíssimos; assim os definiu José Dias, depois que ele saiu, e mantenho essa palavra. Nisto não houve exageração da parte do agregado. A cara rapada mostrava uma pele alva e lisa. A testa é que era um pouco baixa, vindo a risca do cabelo quase em cima da sobrancelha esquerda; mas tinha sempre a altura necessária para não afrontar as outras feições, nem diminuir a graça delas. Realmente era interessante de rosto, a boca fina e chocarreira, o nariz delgado e curvo. (Assis, 1899:105/BL, grifos nossos)

Além da referência à destreza das atitudes do amigo e à beleza da sua imagem, destacamos o espaço concedido à descrição do olhar “dulcíssimo” auferido por José Dias e corroborado por Casmurro. Essa idealização do olhar, também presente em relação a Capitu, reaparece na forma de uma ausência, quando Bento e Escobar se despedem afetuosamente e, este, diz adeus “com a mão” (*idem*:106), deixando aquele a olhar para o ônibus que se afastava “ao ver se, ao longe, [Escobar] olharia para trás, mas não olhou” (*ibid*). A adesividade de uma identificação narcísica com o melhor amigo, parceiro inseparável da juventude de Bentinho, torna inequívoco o poder de sedução que Escobar exerce sobre ele. Resta, portanto, também em Escobar, algo de enigmático que estimula o desejo de Bentinho, mas que é inatingível, pois escapa à apreensão dos seus olhos ávidos. Então, antes de ser um rival, Escobar é o amigo querido e amado com o qual Bento se identifica profundamente. Os dois trocam seus segredos mais importantes ao confessarem, um ao outro, que não podem ser padres. Um por amor, o

outro por vocação para o comércio. Escobar é, então, a única pessoa a quem Bento confia o segredo de seu amor por Capitu, passando por cima até do juramento de guardá-lo somente para si e para ela. Segundo Bento, antes da confidência, Escobar parece adivinhar os seus problemas, haja vista a observação de que ele andava distraído, desinteressado das coisas do seminário. Casmurro relata que Escobar o “ouvia, espetando-[lhe] os olhos” (*ibid.*:111) e, quando contou sobre seu namoro com Capitu, afirma que Escobar “espetava-[lhe] novamente os olhos” (*ibid.*:112), realçando, pela força da repetição, a intensidade do olhar ‘interessado’ do amigo.

Em adição à amizade, à identificação e ao amor por Escobar, tem vazão uma rivalidade acentuada que passa a condensar a ausência de rivalidade com o pai ou irmãos concretos. É curioso que, no enredo, nem a figura paterna, nem as figuras fraternas – rivais essenciais no ciúme primitivo de qualquer criança – estão presentes na história. O pai de Bentinho morreu quando ele era ainda bem pequeno e, enquanto filho único, recebeu um amor praticamente exclusivo de sua mãe, viúva “castíssima”. A rivalidade edipiana está presente nas disputas virtuais com as pessoas que Capitu observa, figuras que levantam o ciúme de Bentinho no *a posteriori* da sexualidade adolescente. Essa rivalidade é então vivida com Escobar. A aritmética de Escobar é mais eficaz que a arte narrativa de Bento, na própria consideração de Casmurro, quando relata a disputa dos amigos adolescentes, concluída pela frase de Escobar, após vencer o desafio matemático imposto por Bentinho: “– Isto prova que as idéias aritméticas são mais simples, e portanto mais naturais” (Assis, 1899:128/BL). A supremacia de Escobar sobre Bentinho deixa este “pasmado” (*idem*), quando o outro comprova a exatidão de seu cálculo e olha-o “triumfalmente” (*ibid.*). Gomes (1967/BL) autoriza, de certa forma, nossa interpretação da rivalidade entre Bento e Escobar ao dizer que:

(...) não há dúvida, a ascendência de Escobar sobre Bentinho, positivada desde os primeiros contatos, era invencível, porque assentava em um sentimento extremamente complexo. Um psicanalista explicá-lo-á melhor. (p.118)

A vivência da rivalidade, contudo, é interrompida causando novo efeito de ausência em Bento. Desta feita, a morte de Escobar torna-o imortal, um mártir, uma espécie de herói inatingível para o então Dr. Bento Santiago, dada a coragem do amigo

em enfrentar os perigos do mar e as suas ondas em ressaca. No entanto, a morte prematura de Escobar impede que Bento possa expressar a hostilidade e elaborar seu ciúme que, cristalizado, transforma-se em casmurrice, o que nos lembra o mutismo a que se refere Vasse (1995).

Assim, em nosso entender, Bento parece estar fixado numa disputa edipiana deslocada, não elaborada e super investida, sendo que Escobar é a figura última que condensa toda sua rivalidade através da projeção ciumenta. A ausência do pai talvez tenha realçado o caráter narcísico de Bento, cujos indícios no texto são representados pela apreensão especular tanto com o objeto de amor, presente nos olhos de ressaca que o 'tragavam', quanto com o rival, na descrição de olhos dulcíssimos que o 'espetavam'. Seu narcisismo é, pois, vinculado por um contato sem mediação com a mãe, ainda que já se instaurasse no psiquismo de Bentinho, paralelamente a esse narcisismo intensificado, um respeito às proibições primordiais. Com efeito, ele foi influenciado pela moral religiosa vigente na época e, mais ainda, presente em sua mãe, cuja promessa de torná-lo padre representa algum elemento terceiro na relação entre eles. Se ele não teve um pai que o interditasse, um pai que fizesse limite ao seu desejo, outras foram as formas que nele possibilitaram a apropriação da Lei, principalmente, os preceitos religiosos imperativos daquela época. Se a rivalidade em seu aspecto vivencial foi suprimida da experiência infantil de Bentinho devido à morte prematura do pai, ele vai vivê-la intensamente na amizade com Escobar. Entretanto, seu amigo, representante do pai ausente, também morre, mantendo-o preso à rivalidade edipiana mal vivenciada com o pai e não concluída com o amigo. Então, Bento Santiago é impelido a reeditar sucessivamente o conflito edipiano através da dúvida acerca da traição, uma dúvida que substitui uma rivalidade interrompida, um Édipo mal elaborado.

Bento não nega a presença do rival, muito menos a desconhece, pois a vivência da rivalidade se eterniza na certeza de que foi traído, sendo, portanto, 'interditado' pelo rival, na medida em que esse é visto como superior a ele. Acima de tudo, ele respeita e admira o amigo morto, tentando superar a rivalidade e o ciúme, ao lançar a hipótese do acaso na semelhança de seu filho com Escobar, embora não consiga se convencer disso.

Então, no ápice do ciúme é iminente o cometimento de um crime passionai, pois ele pensa em matar-se (Assis, 1899:172/BL), pensa em destruir Capitu com as próprias mãos (*idem*:109), pensa em assassinar o filho (*ibid.*:173), desde antes, quando Bentinho

e Capitu eram apenas namorados, até depois, na maturidade do casamento. Jamais, no entanto, parte para o ato. Ele desiste de se matar, quando cogita “se não seria melhor esperar que Capitu e o filho saíssem à missa; beberia [o veneno] depois; era melhor” (*ibid.*:172), e logo em seguida, quando Ezequiel entra no escritório gritando “papai, papai!”, ele novamente tem o ímpeto de beber o café com veneno, mas subitamente oferece-o ao filho. Ele assume a sua intenção criminosa e autoriza literalmente o leitor a chamá-lo de assassino, portanto, culpa-se por isso. Segue-se a cena, segundo o relato do narrador:

Inclinci-me e perguntei a Ezequiel se já tomara café. – Já, papai; vou à missa com mamãe. – Toma outra xícara, meia xícara só. – E papai? – Eu mando vir mais; anda, bebe! Ezequiel abriu a boca. **Cheguei-lhe a xícara tão trêmulo que quase a entornei, mas disposto a fazê-la cair pela goela abaixo, caso o sabor lhe repugnasse, ou a temperatura, porque o café estava frio... Mas não sei que senti que me fez recuar.** Pus a xícara em cima da mesa, e dei por mim a beijar doidamente a cabeça do menino. – Papai! papai! exclamava Ezequiel. – Não, não, eu não sou teu pai! (*ibid.*:173)

Bento Santiago tem o ímpeto de assassinar o filho, mas não chega a concluir esse desejo. A sua disposição de dar cabo da vida de Ezequiel é suprimida por alguma força que o narrador não sabe compreender, nem explicar. Seria a “culpa inconsciente”, função superegógica, que o fez desistir do assassinato e beijar “doidamente” a cabeça do filho? Talvez. Se pensarmos que sim, isso nos indicaria a configuração triádica de Bento, o respeito à lei do não matar, o que certamente se associa à moral imperativa do contexto familiar e religioso em que viveu. Bem, desde o início da narrativa, no capítulo denominado “*Pecado*” (Assis, 1899:100/BL), aparece o desejo interditado de Bentinho, quando cogita se a morte da mãe não representaria a liberdade em relação ao seminário. Mas, a culpa consolida seu arrependimento e ele chora, afastando esse pensamento.

O fato é que Bento se sente constantemente ameaçado. O terceiro se coloca como um empecilho que ele precisa destruir, mas não consegue, na medida em que esse terceiro é imortalizado pela própria morte, tornando-se um herói inalcançável. O representante do rival, terceiro, enfim, Escobar, parece ser considerado por Bento como melhor do que ele mesmo, em todos os sentidos. Ele é o ideal especular que não chega a ser simbolizado, ou seja, fica na posição de um eu ideal sem permitir, devido à morte, a

transformação dessa identificação primitiva numa identificação simbólica, função atribuída ao ideal do eu. Bentinho nada pode contra a beleza, o charme, a força de Escobar, substituto paterno, com o qual tanto compete quanto se identifica. Dom Casmurro tampouco acredita que possa impedir o suposto desejo de Capitu em relação ao amigo, posicionando-se sempre como fracassado na relação de rivalidade.

O desejo inconsciente de Bento por Escobar é compensado pela rivalidade e pela dúvida acerca da integridade do amigo, que julga seu comborço, algo típico da dinâmica do ciúme. Então, a raiva em relação a Capitu, pela triangulação de um olhar que se desvia, é também justificada pela acusação de traição. Mas, pela própria lei de equivalência que cria<sup>6</sup>, Bento também deve pagar por seus possíveis erros – como a homossexualidade inconsciente, a crença em uma traição sem provas, o provável desejo inconsciente da morte do pai e do amigo e, de fato, o desejo da morte da mãe e do filho –, o que o conduz ao afastamento do filho e da mulher amada. A identificação narcísica do narrador com Capitu e Escobar corrobora suas atitudes acusatórias, mas sua culpa inconsciente – por exemplo, por ter desejado a morte de pessoas queridas (Freud, 1900) – pune-o com a solidão e a casmurrice.

Mesmo que a homossexualidade recalcada apresente sua face no conflito de Bento, cremos que é na mulher, na mãe, que se ancora seu maior desejo, dada a idealização de D. Glória e de Capitu, essa última a quem dedica seu próprio destino. Então, Capitu ‘capitaliza’ o enigma que Bentinho tenta decifrar. Ela foi e continua a ser amada como a única – “mais mulher do que eu era homem” – na voz do narrador. Isso, de certo modo, reflete a época da escrita, ou seja, o auge do movimento romântico, em que a busca de afirmação do amor verdadeiro, único e absolutamente fiel, coloca-se como valor supremo para os indivíduos (cf. Coutinho, 1997/BL). Bento Santiago como bom burguês não escapa aos clichês de sua época. Não obstante, ele persegue seu desejo através da narrativa, numa tentativa inesgotável de significação / re-significação (mesmo que fracassada) de um ciúme sem fim.

Pois bem, se o excesso de ciúme em Bento for considerado como um transtorno psíquico, seria possível enquadrá-lo como um ciumento delirante, classicamente descrito por Freud (1911, 1922), uma vez que o narrador apresenta os elementos

<sup>6</sup> Lembremos a ‘lei de equivalências’ de Brás Cubas (Assis, 1881/BL); uma marca do autor.

essenciais que recompõem a descrição freudiana de 1922: projeção dos desejos inconscientes de infidelidade e defesa contra um impulso homossexual. Quinet (1990) afirma categoricamente que o ciúme de Bento Santiago é do tipo delirante, mas se exime de comentar a presença do impulso homossexual recalçado, apoiando-se somente nos trechos do romance que revelam a projeção dos desejos de infidelidade. Na verdade, esses elementos – projeção dos desejos de infidelidade e defesa contra o homossexualismo recalçado, ou melhor, o delírio de ciúme – formam um conjunto que, de algum modo, contradiz as acusações do narrador acerca da traição. Nesse sentido, se acreditamos que seu ciúme era puramente imaginativo e que Bento delirava, logo, deixa de ser importante o fato em si do adultério. Entretanto, a argumentação sobre o delírio de ciúme de Bento Santiago não dá conta da riqueza de seus sentimentos, nem de seus sintomas, que são também associados a um suposto quadro melancólico que aparece em sua velhice quando passa a ser apelidado como “Dom Casmurro”<sup>7</sup>.

Ciúme delirante? Paranóia de ciúme? Depressão por ciúme? Se pensarmos num enquadre nosológico, sim, tudo isso. Se pensarmos em Bentinho, um sujeito romântico e narcísico, na medida em que está à procura de uma imagem consistente fornecida pelo olhar do outro, e, por isso mesmo, um sujeito inseguro e frágil, preferimos falar simplesmente de um excesso de amor e de uma tentativa desesperada de desvelamento desse enigma que o amor representa: amor materno, terno, amor sensual, sexual. Acima de tudo, um amor-paixão decorrente de uma sexualidade inscrita sob a égide da sedução generalizada (Laplanche, 1987), onde o objeto é amado e odiado, na medida em que esse outro, a mãe (depois Capitu), impõe um desejo sempre desproporcional, fonte de desamparo, isto é, de um abandono inextinguível. Além desse conflito primordial em relação a um objeto onipotente – narcisicamente apreendido e idealizado, porém sempre ‘faltante’, posto que frustra o desejo de Bento por um olhar unidirecional, ou seja, um conflito narcísico por excelência – surge o conflito edípiano, em que Bento mesmo se pune por ter sobrevivido à morte dos rivais idealizados, conforme seu provável desejo infantil. Então, como autopunição, Casmurro dá imaginariamente ao rival todo o poder sobre sua amada. Ele vive, sofre e aceita a castração ao preferir acreditar na infidelidade e iniciar o processo acusatório de Capitu, postulando-se como traído, à moda do

<sup>7</sup> Marta de Senna (1998:95/BL) investigando o significado da palavra “casmurro” encontrou, nos dicionários da época de Machado, os sinônimos “teimoso, obstinado, cabeçudo”. A partir do romance, o termo foi acrescido de outras designações passando a significar também “sorumbático, macabúzio,

ciumento depressivo descrito por Racamier (1968). Isso não seria mais uma genialidade do mestre Machado, que na crítica ao romantismo antecipa a definição de um homem “ensimesmado”, que só se importa com o próprio desejo e, no caso de frustração, fecha-se num sofrimento narcísico? Questão, como tantas outras, que deixamos em aberto. Fechado mesmo está apenas a direção do olhar de Bento, que não admite qualquer desvio do olhar do outro especular, não suportando uma abertura real para entrada do terceiro, que só entra ao custo de muito sofrimento, enfim, de muito ciúme.

Então, além da narrativa de *Casimiro* ilustrar aquilo que o conjunto das idéias psicanalíticas definem acerca do ciúme, ele faz muito mais, pois através de sua prosa vulnerável e, essa sim, “dissimulada” (cf.: Gomes, 1967/BL; Senna, 1998/BL), enreda o leitor numa reconstrução compulsiva da sua dor pelo sentimento de ciúme, para tanto, utilizando-se de metáforas muitas vezes irônicas, outras poéticas.

#### 4.2. Entre velhos e novos: valores invertidos

Definir o contexto presente não é uma tarefa fácil, justamente por estarmos nele vivendo. Por estarmos totalmente imersos nesse *ethos* cultural, dito pós-moderno, talvez corramos o risco de reproduzir um certo ‘presentismo’ na análise crítica que fazemos da sociedade atual. Ora, a distância temporal e histórica muitas vezes ajuda na avaliação dos valores, crenças e, até mesmo, dos erros do passado, distância essa da qual estamos privados.

Então, em primeiro lugar, focalizaremos uma caracterização do pós-modernismo, que corresponde “mais especificamente a um movimento nas artes e na literatura” (cf.: Barros, 1997:108), conforme definido por Jameson (1983), que afirma haver no pós-modernismo mais continuidade do que dissonância com uma estilística cultural prévia, isto é, moderna, inaugurada no início do século. Enquanto o modernismo marcava uma intensa ruptura com os ideais culturais anteriores, trazendo uma espécie de desconforto para aqueles que representavam a tradição, agora, no pós-modernismo, parece haver mais concordância do que rompimento com os postulados da arte moderna, que, se antes foram subversivos, agora já estão incorporados e se tornaram ‘clássicos’. O pós-modernismo, desse modo, pouco traz de subversivo e

---

ensimesmado”, algo que floresce na linguagem popular através da influência da genialidade do autor na própria representação social da palavra.

transformador, pois parece haver, em geral, uma aceitação, um conformismo, uma complacência com aquilo que é 'instituído', sendo que, na visão de Jameson (1983), pouco subsiste na atualidade de uma atitude transgressora, questionadora dos valores outrora assimilados. Reproduzimos aquilo que antes foi criativo, fazendo recortes e colagens do que já foi original, muito mais do que criamos realidades novas, críticas ao *status quo*.

No modernismo clássico, no que concerne à produção artístico-cultural, era forte a marca de uma experiência do eu enquanto individualidade privada e singular, que enfatizava uma compreensão subjetiva do mundo, além da afirmação de um desejo singular na expressão da arte e nos critérios de valor adotados na manipulação da realidade. Agora, no entanto, "já não fica claro o que se supõe que estejam fazendo os artistas e escritores do período atual" (Jameson, 1983:30). Esse autor indaga então se, ao contrário das funções "oposicionista, crítica, contestadora" (p.43) do modernismo, o pós-modernismo não reproduziria ou reforçaria a lógica da sociedade de consumo, questão que prefere não se aprofundar.

Jameson (1983) condensa sua crítica ao pós-modernismo, ampliando sua análise ao contexto social, pois sugere que sofremos uma espécie de aprisionamento no passado, que denomina de "moda da nostalgia" (p.31). De alguma forma, estaríamos incapacitados "(...) hoje em dia, de focalizar nosso presente, como se tivéssemos nos tornado incapazes de chegar a representações estéticas de nossa própria experiência atual" (Jameson, 1983:33), estando, portanto, condenados a reproduzir, de um modo mais ou menos repetitivo, as representações artísticas já inventadas. Assim, apesar de haver alguma mudança de um momento a outro – do modernismo ao pós-modernismo – o novo, a criação propriamente dita, cede espaço a uma recomposição fragmentária dos grandes inventores, autores, teóricos e artistas do passado.

Apesar desse 'continuismo', Jameson (1983) aponta para uma mudança radical no "espaço pós-moderno", muito embora isso não se acompanhe de uma alteração equivalente no sujeito. Ou seja, a configuração das cidades, das moradias, das redes de comunicação vem se transformando rapidamente e impelindo novas avaliações subjetivas do mundo e de seus valores, ideais e princípios. Todavia, o sujeito isolado mal consegue acompanhar as mudanças no contexto macro, criando-se um hiato entre sua experiência subjetiva e as novas condições sócio-culturais. Nesse sentido, o sujeito pós-moderno 'perde' a posição de sujeito transformador para assumir o lugar de 'sujeito-objeto' a ser transformado, isto é, ele é envolvido por uma rede de informações

que o impelem a pensar e a agir de acordo com uma lógica de mercado, da cultura de massa, sem que lhe seja acessível um posicionamento crítico. Bem, o sujeito pode até vir a ser crítico, mas somente após estar integrado e ser participante dessa lógica em que impera o consumo. Em termos gerais, a ordem da tradição fica obliterada por um poder que passa a ser sustentado pela capacidade de comprar que cada um atinge, o que determina os princípios que regem o laço social. Então, é como se o sujeito ficasse numa corda bamba, oscilando entre seguir ideais tradicionais, antigos, consolidados e uma nova lógica que se esboça, ou melhor, que é imposta por um novo formato para as relações, não mais tradicional, hierárquico, determinado, mas **aparentemente** fluido e dinâmico que é, principalmente, veiculado pela mídia ao vender os ideais do ter.

Nesse contexto, Jameson (1983) aponta ainda para a “morte do sujeito” (pp.29-31) na contemporaneidade, que refere ao “fim do individualismo enquanto tal”<sup>8</sup> (*idem*), uma vez que em diversas áreas da cultura (*ibid.*) o ideal do individualismo e o sujeito individual são considerados como “mortos” (*ibid.*), pois este pouco exerce uma função engajada, ativa e crítica da sociedade. No plano subjetivo, embora ainda haja nas pessoas muito de uma experiência e de uma investigação interior herdeira do individualismo, uma posição assumida e intensificada na cultura pós-moderna, os sujeitos parecem estar mais voltados hoje para a “exterioridade” (Birman, 1999) e para a “lógica do espetáculo” (Debord *apud* Birman, 1999), isto é, para a exibição de si no mundo exterior, muito mais do que para a busca de uma compreensão interna, no que concerne à busca de um certo saber interior via elaboração mental (cf.: Bezerra Jr., 1989; Barros, 1997). Nesse sentido, o sujeito volta-se para si exclusivamente enquanto imagem e aparência, em detrimento de um processo de interiorização simbólica. O investimento interior, assim, perde terreno para um saber que:

(...) torna-se exterior ao sujeito que sabe, dissociado ou independente da formação do espírito e mesmo da pessoa. Já que o saber será produzido para ser vendido, qualquer um que o valorize poderá comprá-lo. Deixa de ser *valor de uso* para ser *valor de troca*. (Barros, 1997:110)

Barros (1997) reproduz o estatuto de um sujeito pós-moderno avesso à produção singular de conhecimento, adquirindo-o apenas por seu valor econômico e promotor de

<sup>8</sup> Leia-se individualismo enquanto um movimento amplo que implicou numa transformação social, devido, principalmente, à valorização da experiência individual e da singularidade (cf.: Simmel, s/d; Lalande, 1926; Bezerra Jr., 1989).

*status* social. De um modo geral, Barros (1997) também define o sujeito pós-moderno como “dessubstancializado, narcisista e marcadamente voltado para o consumo” (p.111). Esse sujeito é intensamente submetido à mídia, pela lógica de mercado na sua face consumista que se caracteriza por uma fragmentação, isto é, por uma desmedida multiplicidade de ofertas de produtos e informações. A imposição externa da mídia, da moda, da ostentação de riqueza pela troca constante de toda sorte de produtos, da aquisição e exibição de conhecimento, substitui uma referência subjetiva na formação de valores construídos pelo sujeito. Os padrões de consumo são cada vez mais exigentes e imperativos, havendo também a obrigação de lidar com uma intensa quantidade de informações, muitas vezes, pouco consistentes.

Para Jameson (1983), vivemos um conflito em que se acentua “a incapacidade de nossa mente, pelo menos na atualidade, de mapear a grande rede global multinacional e descentralizada de comunicações em que nos vemos apanhados como sujeitos individuais” (p. 39). Isso está estreitamente ligado a uma postura subjetiva que se mostra deslocada diante das configurações sócio-econômicas atuais (globalização, mercado virtual, obsolescência planejada, etc.), ditadas pelo “capitalismo tardio, multinacional ou de consumo” (p. 43). Esse autor anuncia uma impossibilidade do sujeito de reter, ou melhor, de reavaliar os valores da tradição, do passado – função essencial à narrativa humana. Ele ainda responsabiliza a mídia por um excesso informacional que impede a elaboração daquilo que foi noticiado até mesmo no dia anterior, causando, intermitentemente, uma espécie de “amnésia histórica” (*idem*), haja vista a quantidade de informações novas que o sujeito tem que ‘metabolizar’ a cada dia. Nesse contexto, o sujeito pós-moderno estaria perdido num mundo em que prevalece “a transformação da realidade em imagens e a fragmentação do tempo numa série de presentes perpétuos” (*ibid.*, grifos nossos), aspectos que Jameson (1983) categoriza como pertencentes ao pós-modernismo.

Em relação especificamente ao campo literário, Coutinho (1997b/BL) define o pós-modernismo como um “fenômeno heterogêneo”, “assimétrico”, em que parece haver vários movimentos literários diferentes agrupados sob a mesma nomenclatura (p. 236). Ele afirma que o pós-modernismo literário no Brasil é herdeiro das tradições européia e norte-americana no que concerne à tendência a uma “desconstrução sistemática das grandes narrativas” (p.237) e ao questionamento do Iluminismo como um ideal hegemônico na construção das identidades do mundo ocidental. Coutinho (1997b:241-2/BL) apresenta os seguintes caracteres gerais que, na sua opinião,

compõem o universo literário pós-moderno: ecletismo estilístico, retomada de textos do passado, intertextualidade acentuada, metalinguagem, acentuação dos elementos do modernismo, liberdade de estilo, fusão entre o erudito e o popular, interdisciplinaridade e ausência de mudanças radicais na ruptura com o modernismo, tendo essas características se acentuado a partir da segunda metade do século XX, ou seja, no pós-guerra.

Contudo, as diferenças culturais entre as tradições européia e norte-americana marcam alterações na configuração do pós-modernismo no Brasil. Embora sofra influência de ambos os lugares, há na literatura brasileira do período pós-moderno uma “feição eminentemente própria, singular” (Coutinho, 1997b:242/BL) na medida em que criamos um estilo próprio, mesmo que a partir de movimentos externos importados. Quanto a essa “feição singular”, Coutinho (1997b/BL) sugere que:

As manifestações literárias que têm surgido no Brasil constituem respostas estético-ideológicas específicas diante da situação sócio-econômica, ou melhor, histórica, que caracteriza seu contexto, portanto, elas só podem ser entendidas levando-se em conta tais especificidades, e por meio de uma ótica comparatista que estabeleça um diálogo desierarquizado com as manifestações contemporâneas similares verificadas em outros contextos. (p.244)

No que concerne ao gênero de ficção, Coutinho (1997b/BL) afirma que “a ficção brasileira dos anos 70 e 80 caracteriza-se por uma pluralidade de tendências” (p.239), e, especificamente nos anos 80 há uma “narrativa fragmentada, de incorporação da mídia e caráter predominantemente especular e autoindagador” (p.239). Dentro desse contexto, segundo Coutinho (1997b/BL), a obra de Rubem Fonseca, “contista de largos recursos” (p.264), faz parte da tradição literária pós-moderna brasileira.

Apesar do elogio feito por Coutinho (1997b/BL) ao Fonseca contista, não enfocaremos seus contos, mas seus romances, mais especificamente, o romance policial: *E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto*, de 1997. Mapeando a literatura brasileira atual, Bosi (1994/BL) afirma que o romance-policial de Rubem Fonseca parte de uma “análise materialista clássica, dissecando os motivos (em geral, perversos) dos comportamentos dos seus personagens que ainda trazem a marca de tipos sociais” (p.436). Encaramos essas motivações perversas dos tipos sociais que Fonseca descreve como uma marca do sujeito pós-moderno, numa linha de argumentação baseada em Calligaris (1991) que avalia a postura do sujeito contemporâneo em relação

a uma nova cartografia do sintoma social. Na posição de Calligaris (1991), trata-se da prevalência da perversão como o novo vínculo social. Essa proposição é sustentada por Birman (1999), que também considera a perversão como uma das configurações subjetivas predominantes na atualidade. Assim, nossa compreensão do livro, *E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto*, de Rubem Fonseca (1997/BL), que consideramos representativo do contexto que circunscrevemos com Jameson (1983), será norteadada pela leitura psicanalítica do ciúme no momento pós-moderno.

Baseando-se na lógica do capitalismo tardio que cada vez mais determina a transição dos valores subjetivos do lado do ser para o lado do ter, Calligaris (1991) acredita que:

A passagem do ser para o ter é um fenômeno decisivo da nossa modernidade pela sua implicação: quanto mais o que estamos perseguindo (o nosso ideal fálico) se situa ao lado do ter, tanto mais o saber paterno vai poder se apresentar (semblante) como saber sabido e compartilhado. Talvez já estejamos numa transformação do sintoma social dominante – que para Freud é um sintoma social neurótico – num sintoma social perverso. Quero dizer, com perverso, um sintoma no qual o saber paterno não é mais suposto, mas é culturalmente um saber sabido e compartilhado. (p.117)

Assim, de certa forma, a função de interdição da sexualidade estaria atualmente banalizada, a partir do momento em que a coerção exercida por essa figura 'interditória' se tornou completamente assimilada pela cultura ocidental. Ora, não há mais nenhuma ameaça real (o pai pós-moderno não 'combina' com uma figura autoritária e castradora) que venha a impelir a conformação da atitude subjetiva a uma lei incontestável, outrora bastante respeitada. Além do mais, a sexualidade deixou de ser tabu e passou a ser um padrão, exposto intensamente e explorado na tela das tevês, nas páginas das revistas e dos jornais, em *outdoors*, nas ruas, enfim, em todo e qualquer lugar. Pois então, pensaríamos que a via para a construção de um novo ideal coletivo, inevitavelmente, passa pela vertente da transgressão. Contudo, num contexto pós-moderno, não se trata de subverter/transgredir uma moral dominante, posto que essa moral já foi assimilada, mas trata-se apenas de distorcê-la para que sirva aos interesses sócio-econômicos de uma sociedade que inverte a própria estrutura dos laços associativos. No lugar da transgressão surge uma inversão perversa, posto que a Lei se torna elástica, permissiva,

conformável, na medida em que é interpretada de acordo com os interesses econômicos da nossa sociedade de consumo.

A respeito desse novo mapeamento do sintoma social, equiparamos o texto de Calligaris (1991) ao de Žižek (1999) que parece apontar para o mesmo sentido de transformação na atualidade. Nessa lógica em que os valores e ideais coletivos se declinam diante de uma antinômica esfera individual voltada para a exterioridade, vemos se esboçar um novo campo de direitos, onde as limitações antigamente impostas perdem sua função. Žižek (1999) sugere que:

Em nossa sociedade liberal-permissiva pós-política, os direitos humanos podem ser vistos como expressão do direito de violar os Dez Mandamentos. O direito à privacidade é, em efeito, o direito de cometer adultério em segredo, sem ser observado ou investigado. O direito de buscar a felicidade e possuir propriedade privada é, com efeito, o direito de roubar (explorar os outros). A liberdade de imprensa e de expressão é o direito de mentir. (p.65)

O que confirma, de certo modo, essa inversão perversa já anunciada por Calligaris (1991) e também alertada por Vilhena (1999:132). Na mesma medida que os vínculos associativos são distorcidos e transformados em prol de interesses econômicos, corre-se o risco de uma nova submissão se instalar no interior do sujeito. Porém não mais uma submissão relacionada a um ideal coletivo estruturado por um “aparelho ideológico de Estado” (*vide* Althusser, 1974) ou por aquilo que Barros (1997) chama de “metarrelatos”, mas um ideal associado ao próprio desejo enquanto imperativo reforçado por um ‘aparelho ideológico virtual’ da sociedade da informação e do consumo. Nesse contexto, a coerção deixa de ser regulada pela lógica da interdição para se instituir de forma ‘silenciosa’, ou seja, através da sedução via mídia pelo imperativo das sensações. Novamente citando Žižek (1999), vemos que no mundo subjetivo pós-moderno:

Tudo é virado de trás para diante. A ordem pública deixa de ser mantida pela hierarquia, repressão e regulamentação rígida, deixando, portanto, de ser subvertida por atos de transgressão libertadora. Em lugar disso, temos relações sociais entre indivíduos livres e iguais suplementadas por um “vínculo apaixonado” com uma forma extrema de submissão que atua como o “segredo sujo”, a fonte transgressiva de satisfação da libido. (p.66)

Seguindo essas proposições já amplamente discutidas pela literatura pertinente (Lacan, 1954; Jameson, 1983; Calligaris, 1991; Barros, 1997; Birman, 1999; Garcia, 1999; Zizek, 1999) quanto ao aspecto psíquico envolvido no declínio de ideais tradicionais, vemos tomar força um movimento social em que prevalece não mais a repressão da sexualidade, mas talvez o seu oposto, enquanto incentivo excessivo e desenfreado à busca por um gozo, cada vez mais intenso e incessante. A nova 'moral sexual' potencializa o predomínio da função superegóica que exige o gozo, em detrimento de uma função superegóica que visa a regulação e a interdição da sexualidade (Nasio, 1988; Garcia, 1999). Com efeito, a lógica do consumo segue a mesma lógica do gozo incestuoso, pautado pela ausência de limites. Nesse sentido, o supereu, enquanto 'socialmente constituído', estaria de acordo com um "poder totalitário [que] avança ainda mais longe do que o poder autoritário tradicional" (Zizek, 1999:70), o que, por sua vez, está em consonância com uma lógica em que o "dever se torna prazer" (*idem*). No totalitarismo pós-moderno dos meios de comunicação de massa, da inflação do mundo privado, da vertente de exibicionismo e exterioridade, e ainda, da cultura de consumo, há o imperativo do prazer, ou seja, do prazer como um dever em todas as esferas da vida. Conforme Zizek (1999), não basta corresponder às exigências externamente impostas, mas deve-se obter prazer com isso. Assim, no contexto pós-moderno, devemos trabalhar, produzir, transar e gozar cada vez mais, com um gozo intenso e inquestionável.

#### 4.2.1. Um 'mundo prostituto' em que a morte é o único limite

O romance *E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto* se passa na cidade do Rio de Janeiro, no contexto atual, tendo como protagonistas indivíduos de classe média alta. O narrador-personagem, que conduz o rumo da narrativa, é Mandrake, um advogado contratado pela personagem principal, Gustavo Flávio, para defendê-lo da acusação de uma série de crimes dos quais seu cliente é o maior suspeito. Trata-se de diversos assassinatos de mulheres, todas elas tendo sido atuais ou ex-amantes do protagonista, Gustavo.

O conjunto de personagens é composto pelas ex-namoradas de Gustavo Flávio, sua ex-mulher e atual amante, Amanda, algumas amantes esporádicas, Sílvia e Farida, e sua namorada oficial, Luíza. Além delas há uma 'amiga virtual', Celeste, que Gustavo corteja e, um amigo de faculdade, Reinaldo, que ocupa o lugar de rival, apesar de ser

uma rivalidade velada, ou seja, não assumida. O livro carrega também uma forte intertextualidade, trazendo a voz de outros autores, como Álvares de Azevedo, do qual Fonseca toma de empréstimo um trecho de poema para cunhar o título de seu romance. Além do mais, algumas das personagens já são conhecidas do leitor a partir de outros escritos de Rubem Fonseca<sup>9</sup>, gerando um certo cruzamento entre várias histórias.

A narrativa do romance é fragmentada, na medida em que não há apenas um narrador, ou um único ponto de vista sob o qual a história transcorre, mas a narração é feita pelas principais personagens que o compõem. Então, o autor dá voz a essas personagens, separando o romance em blocos de texto em que ora aparece o relato de uma, ora de outra personagem, sendo realçada, portanto, uma descentralização do discurso nesse romance policial. Embora Mandrake, o advogado de Gustavo Flávio, conduza na maior parte do tempo a narrativa, fazendo uma espécie de investigação criminal para efetuar a defesa de seu cliente, as outras personagens envolvidas dão também a sua versão dos acontecimentos, que culminam nos assassinatos. Dentre essas personagens, Gustavo, Amanda e Luíza, recebem o privilégio da palavra: em trechos que são entrecortados pelos comentários de Mandrake. A narração, desse modo, assemelha-se a um inquérito policial.

No nosso foco está Gustavo Flávio e sua vida amorosa. Ele é um escritor famoso, aficionado pela troca sensual com o sexo feminino, e que diz não conseguir se envolver com menos de duas parceiras concomitantemente. Como ele mesmo relata a Mandrake “um homem pode amar duas mulheres. É da nossa natureza”, (Fonseca, 1997:31/BL), o que revela a base de sua atitude para com as mulheres com quem se relaciona, ou melhor, o modo como encara sua sexualidade. Esse tipo de discurso de Gustavo Flávio sobre uma certa ‘natureza poligâmica do homem’, pode ser depreendido de suas atitudes, o que incita ciúme em suas amantes. Contudo, esse ciúme não aparece de forma expressa, posto que tudo é dado, ou seja, a traição é óbvia. Nesse sentido, a certeza acerca da infidelidade abre espaço para uma rivalidade acentuada, porém contida, na medida em que o objeto de amor é sabidamente compartilhado.

Assim, o ciúme, nesse romance, não é de forma alguma evidente. O próprio Gustavo não demonstra ciúme, nem explícita nem implicitamente, por nenhuma das mulheres, em momento algum do livro. Quanto a elas, diríamos que aceitam ou

<sup>9</sup> Gustavo Flávio foi também o protagonista do romance *Bujo & Spallanzani* (Rubem Fonseca, 1985/BL) e, Mandrake, protagonista do conto de mesmo título: *Mandrake*. Essas personagens, portanto, possuem uma certa história (não linear / não cronológica, é certo) no contexto da obra de Rubem Fonseca.

suportam o comportamento sexual de Gustavo. Apenas Luíza se opõe francamente aos relacionamentos paralelos de Gustavo, mesmo que não saiba objetivamente deles, pois é a única com *status* de namorada oficial, desejando se casar com ele. Entretanto, mesmo em Luíza, a namora oficial, esse sentimento surge camuflado por uma rivalidade acirrada, que é disfarçada por uma convivência sociável com Amanda, a ex-mulher, amiga e ajudante de Gustavo. Além disso, Luíza atua como Celeste, isto é, disfarça-se através desse codinome a fim de investigar o namorado em sessões de *chatting*, onde o persegue com perguntas sucessivas, um verdadeiro interrogatório, sobre a vida sexual dele (pp.:26-7).

Ao afirmar que é da natureza do homem amar mais de uma mulher, Gustavo Flávio 'naturaliza' o seu comportamento afetivo-sexual, mostrando uma certa indiferença em relação às regras socialmente instituídas para o amor. Na verdade, ele não nega que essas regras existam, mas critica-as ironicamente, ridicularizando os valores e os princípios comumente esperados nas relações amorosas. Na voz de Gustavo Flávio vemos se esboçar o seguinte comentário:

**Certas mulheres preferem a fidelidade à lealdade**, o marido pode esconder dela quanto dinheiro ele tem espalhado pelos bancos do mundo, pode permanecer sendo amigo de uma pessoa com quem ela brigou, pode continuar protegendo um parente parasita que ela detesta, pode falar mal da mãe dela, pode até acintosamente considerá-la uma debilóide (a maioria dos maridos acha a mulher uma debilóide), **só não pode foder fora de casa**. Os homens, por seu turno, exigem fidelidade e lealdade, e atendendo a esses requisitos **a mulher pode até ser debilóide**. Não pensem que acho os homens formidáveis só porque critiquei ali em cima, e em outras ocasiões, algumas peculiaridades femininas. Os homens são uns merdas. Todos os defeitos que atribuem às mulheres eles têm em dobro: vaidade, futilidade, comprismo, emotividade, volubilidade, puerilidade. E ainda por cima, são feios. (Fonseca, 1997:79/BL)

Numa mistura de ironia e agressividade, Gustavo Flávio escarnece, ainda que pela via de um estereótipo, das visões tanto feminina quanto masculina sobre os relacionamentos amorosos, principalmente no que diz respeito à noção de fidelidade, pela qual o protagonista mostra desprezo. Por trás desses estereótipos de gênero está a crítica acirrada do autor, que ridiculariza a máscara social que encobre os relacionamentos amorosos, especialmente aqueles de uma classe mais abastada.

Outro ponto interessante, além das relações amorosas, é a relação de Gustavo com o consumo de charutos. Ora, assim como nosso protagonista se delicia com as diferentes amantes com quem transa, ele se delicia com as diferentes marcas e tipos de charuto que fuma: cada um deles (charutos) e delas (mulheres) é apropriado para uma situação especial. Trata-se de uma espécie de *hobby*, um prazer ao qual se dedica de forma bastante minuciosa, ou seja, dentro de rituais bem definidos. Ele escolhe um tipo de charuto para cada momento específico, descrevendo, no decorrer de todo o livro, as características de cada marca e o prazer que cada uma lhe dá ao fumar. Ele fuma diversas marcas, e como ele mesmo caricaturiza, não é “fiel” a uma marca específica e/ou única. Em suas palavras, Gustavo recorda que:

Certa vez Amanda me disse que eu era infiel em matéria de mulheres e marcas de charutos, o que aliás pode ter sido a causa de nossa separação. Gosto de mudar de marcas (...). (*ibid.*:72)

Nesse sentido, seu prazer está justamente em diversificar suas sensações, trocando de mulheres assim como troca de marcas de charuto. Analogamente, o objeto amoroso, no caso a mulher, é tratado como um objeto de uso, de consumo, assim como os charutos que Gustavo fuma. Interpretamos, portanto, que mulheres e charutos são os objetos através dos quais Gustavo Flávio mantém a sua vida excitante, criando com ambos uma relação utilitária que visa, sempre e em primeiro lugar, o prazer das sensações, um prazer próprio, narcísico e irrefutável.

Há, ainda, uma particularidade interessante em Gustavo, pois sua plenitude amorosa se caracteriza pela quantidade de relacionamentos que concebe, segundo ele, sem que a intensidade de seu amor por cada uma delas sofra alterações, já que ama a todas com a mesma devoção. Através de um recurso discursivo, Gustavo Flávio solicita a compreensão do seu interlocutor, Mandrake, para esse seu modo pouco convencional de amar:

Quando o que caracteriza a atividade amorosa é a multiplicidade – não estou falando de putas, puta é alívio, desafogo de carentes e pobres de espírito, recurso útil para indivíduos comodistas ou para quem o prazer sexual é uma coisa pecaminosa ou indigna, que é mais bem realizado com desconhecidos –, quando você faz amor com várias mulheres a quem ama, você descobre interativamente mundos diferentes (a mulher é o mundo), e atinge a multidimensional comunhão do corpo e da mente (do espírito, se preferirem), a plenitude do ser. É necessária

essa contraposição, não de um mundo *depois* do outro, mas um mundo *e* outro mundo concomitantes, ainda que separados. Isso pode parecer uma confusa justificativa para a minha, digamos, volubilidade, mas na verdade é a razão simples pela qual amo várias mulheres. Você me entende? (Fonseca, 1997:80/BL)

Gustavo Flávio demanda a compreensão de seu interlocutor: “Você me entende?” (*idem*). Ele tenta explicar que a plenitude só é atingida com múltiplos relacionamentos, necessariamente “concomitantes, ainda que separados” (*ibid.*). É essa multiplicidade, isto é, a diversidade do mundo feminino vivido através de um erotismo intenso que, segundo ele, permite alcançar o prazer mais extremo, corporal e espiritualmente, com as mulheres que ama.

Chama atenção em Gustavo Flávio o fato de ele creditar um novo *status* para o amor: um amor fluido, sensual e afetivo, que transforma o significado de promiscuidade em “volubilidade” (*ibid.*:80) e, acima de tudo, dispensa os pressupostos clássicos de fidelidade e, conseqüentemente, o sentimento de posse e o ciúme. Armony (1999) faz apologia desse novo modo de se relacionar, típico da contemporaneidade. No artigo *As transformações nas relações amorosas na passagem do milênio*, Armony comenta o filme de Bertolucci – *Beleza Roupada* – através do que propõe uma nova ética afetiva na pós-modernidade. A proposta de Armony (1999) bem se conjuga com a do nosso protagonista, Gustavo Flávio, pois aquele acredita que “na série da pós-modernidade temos uma linha de afeto longa, suportando gradações sutis, múltiplas e reversíveis” (p.186), ou seja, ele fala de uma “série ambígua” (*idem*) que comporta uma liberdade, um devir sexual oposto aos moldes tradicionais do amor. Dessa forma, Armony (1999) aposta na complexificação e na ambigüidade das relações amorosas contemporâneas. Para que tal situação amorosa se viabilize, Armony (1999) sugere que o sujeito pós-moderno “deverá ser suficientemente criativo para poder manter viva a onipotência infantil sem torná-la anti-social” (p.191). No romance, com Gustavo Flávio como protagonista, todavia, vemos se avolumar um desfecho trágico para essa nova maneira de relacionar-se com os outros, dado que por mais que sejam desconsiderados os antigos moldes sociais para o amor, eles ainda existem e causam seus efeitos na sociedade e, portanto, em cada sujeito individualmente (*vide* Freire Costa, 1999).

Gustavo Flávio busca justificar sua ‘volubilidade’ através do amor que sente pelas mulheres com quem se relaciona sexual e afetivamente. Vemos então uma diferença marcante da atitude sexual de Gustavo Flávio, em comparação ao que foi

descrito por Freud (1910, 1912) acerca da particularidade das escolhas amorosas masculinas. Conforme Freud (*idem*), há nos homens um conflito entre um amor por uma mulher 'santa' em contraposição com o desejo por uma mulher 'prostituta'. O desejo sexual desses homens é, portanto, vinculado ao proibido, uma vez que a sensualidade só se liga às prostitutas, pois a esposa deve corresponder a um ideal de pureza e santidade ao exercer as funções de dona de casa e mãe, jamais podendo ser profanada. Então, em decorrência da moral sexual vigente (Freud, 1908a), existe uma divisão na esfera do amor masculino (Freud, 1912). Nesse sentido, o ciúme é parte de um amor sensual, uma vez que o objeto é sempre uma mulher de conduta duvidosa, posto que se rende aos prazeres da carne, reprimidos pela religião e pela sociedade. Bem, em Gustavo Flávio essa "dupla moral" (Freud, 1908a) parece não existir.

Dizíamos antes que não há ciúme no romance. Não obstante, a ausência de ciúme em Gustavo se associa a uma rivalidade intensa, atuada na sua relação com Reinaldo, rival que ele desqualifica. De fato, Gustavo não tem nenhum amigo. Seu porteiro chega mesmo a afirmar que as únicas pessoas que o procuram são Amanda, Luíza e Sílvia (Fonseca, 1997:90/BL), ou seja, suas amantes. Sua antiga amizade com Reinaldo, ex-colega de faculdade, é marcada por disputas profissionais e amorosas, pois Gustavo seduziu a noiva de Reinaldo, Amanda, e casou-se com ela, tornando-se, depois, amante da nova mulher de Reinaldo, Sílvia, ao que especulamos sobre a sua necessidade de suplantar ao ex-colega e rival encoberto. Gustavo Flávio demonstra, assim, uma rivalidade acentuada, típica de um ciúme não manifesto, porém atuado. A forma de se defender de qualquer ameaça do rival, em Gustavo, apresenta-se através de uma inversão, ou seja, de um menosprezo ao rival, julgando-se a si mesmo sempre muito melhor que o outro. Na voz de Gustavo:

Reinaldo publicou às suas próprias custas, dois romances que foram ignorados pelo mundo (...) Enquanto isso publiquei o meu primeiro livro e fiquei logo famoso. Além disso, ele era noivo de Amanda e eu a seduzi e me casei com ela (...) (*idem*:43, grifos nossos)

Nesse trecho, a comparação expressa a disputa profissional e amorosa com Reinaldo, que parece não oferecer ameaça a Gustavo, já que se considera bem sucedido em ambas as esferas, em detrimento do rival que é ignorado por ele e "pelo mundo" (*idem*). Assim, Gustavo comenta que ambos estudaram direito juntos, porém ele abandonou a carreira de advogado para ser escritor, o que fez com sucesso, conforme

sua própria avaliação. Mas, apesar de Reinaldo não ter alcançado sucesso como escritor, ele atingiu relevância pessoal e profissional como advogado, ao contrário de Gustavo que abandonou essa carreira. Ora, Gustavo Flávio também teve insucessos em dois romances que publicou, conforme revelação de Mandrake, o “Foder” e o “Comer” (Fonseca, 1997:44/BL). Esse talvez seja o único tema que parece incomodar Gustavo: sua relação com a escrita (*idem*:48-52), já que após esses dois “retumbantes” (*ibid.*) fracassos editoriais, ele passa a ter certa dificuldade para redigir, deixando de escrever romances e restringindo sua redação apenas a contos e crônicas. Mandrake associa essa dificuldade ao fato de Gustavo ter sido ‘castrado’, isto é, ter um testículo extirpado, no passado, pelo marido de uma ex-amante <sup>10</sup>, mas Gustavo nega essa associação dizendo que esse “acidente” (*ibid.*:18), “(...) foi um aprendizado de sangue” (*ibid.*:52) e que “o conhecimento assim adquirido não atrapalha o escritor” (*ibid.*). É curioso que, após essa ‘castração’ real, Gustavo não fica nem impotente – o atentado que sofreu atingiu só um dos testículos, deixando-o apenas estéril – muito menos deixa de se envolver com mulheres casadas, não demonstrando medo algum de que um desfecho trágico venha a se suceder novamente em sua vida. Assim, a castração nele é real e não uma castração simbólica, uma vez que a recusa psíquica vem acompanhada da incisão de marcas em seu próprio corpo; marcas, porém, que não se significam no sentido da interdição.

Então, voltando à questão da rivalidade, mesmo sabendo sobre as qualidades profissionais de Reinaldo como advogado e algumas de suas frustrações como escritor, Gustavo desqualifica-o, mostrando-se sempre imbatível. Quando diz que os romances de seu ‘amigo’ foram “ignorados pelo mundo” e que os seus fizeram sucesso imediato, ele avalia sumariamente seu rival, realçando, por outro lado, suas próprias qualidades intelectuais e criativas (Fonseca, 1997:40/BL). Ora, antes de afirmar categoricamente o sucesso de seus romances, ele considera que para ser um bom escritor deve-se ter talento, portanto, deduzimos da narrativa de Gustavo que, no cômputo geral, ele julga a si mesmo como talentoso e a Reinaldo como carente desse dom. Num outro trecho do romance, especificamente no *chatting* com Celeste (Luíza disfarçada), Gustavo volta a falar de Reinaldo, após ser inquirido pela ‘amiga virtual’:

Gustavo: Reinaldo foi meu colega na faculdade, é um advogado de sucesso, porém frustrado porque é um escritor medíocre. Tem uma relação ambígua

<sup>10</sup> Esse episódio – caso Delamare – acontece no passado de Gustavo Flávio, surgindo no presente romance de forma truncada e obscura (por exemplo, nas páginas: 15; 18; 36-7), o que remete o leitor ao romance *Bufo & Spallanzani* (Fonseca, 1985/BL).

comigo, me admira e me detesta. O Reinaldo, filho de uma família rica, ficou órfão de pai e mãe muito cedo e foi criado por um tutor.

Celeste: Ele me pareceu um homem inteligente e sensível. Por que os críticos não gostaram do livro dele?

Gustavo: Não falei que os críticos não gostaram do livro dele.

Celeste: Falou sim.

Gustavo: Não falei. Mas na verdade um crítico meteu o pau no livro. Os outros nem se deram ao trabalho de lê-lo. Só saiu uma crítica de um jornal do interior.

Celeste: Quem não gosta dele é você.

Gustavo: Apenas recíproco.

Celeste: Eu recíproco, tu recíprocas, ele recíproca. Quem sabe se essa permuta hostil não foi causada por você?

Gustavo: Inconscientemente, talvez. Por que não nos encontramos para falar pessoalmente sobre isso? (p.81)

Primeiro nega a sua afirmação acerca do fracasso editorial de Reinaldo. Então, após a insistência de Celeste, Gustavo se refugia numa explicação convencional acerca da sua parte na rivalidade com Reinaldo, dizendo: “inconscientemente, talvez” (*idem*) tenha provocado, conforme Celeste, a tal “permuta hostil”, logo em seguida, transformando a discussão sobre a rivalidade, em um motivo para a sedução, sugerindo “falar pessoalmente” (*ibid.*) sobre aquilo. Com efeito, Gustavo não se interessa pelo assunto, ele não demonstra disposição para análises de conflitos interiores, uma marca idiossincrática do personagem. G.F. acusa Reinaldo de ser ambíguo com ele, interpreta-o levantando o fato de Reinaldo ser órfão, mas escapa de qualquer implicação sua na competição com o ‘amigo’. É curioso que ele parece sentir pena pelo fato de Reinaldo ser órfão, mas ele mesmo omite da narrativa qualquer relação sua com a família, dado que não faz menção aos seus pais ou a quaisquer outros parentes. Assim, não há uma história de vida no livro. O que se passa são apenas flashes de alguns episódios relativos às transas, aos charutos e às mortes. Então, no caso do nosso protagonista, seguimos a trilha de um vazio, em que o ciúme, a dúvida, a ruminação interior, a elaboração psíquica, a história familiar estão completamente ausentes. Além do mais, ele recusa a rivalidade que é projetada em Reinaldo.

Nada põe limite ao desejo erótico de Gustavo, nem a amizade, nem a consideração, nem o rival, nem o “aprendizado de sangue” (*ibid.*:52) do passado, enfim, nenhum interdito. Apesar de dizer que se sentiu culpado por trair Reinaldo, ele afirma

que não pediria desculpas a ninguém por seduzir mulheres casadas, mantendo-se fiel ao seu gozo sensual:

**Mas não pense que não me senti culpado por desejar Sílvia, a mulher do outro. Cheguei a pedir ao meu médico, Dr. Plinger, que me conseguisse um remédio para diminuir a minha libido (...) Tenho feito muitas coisas idiotas na minha vida, mas essa de pedir um remédio broxante ao Dr. Plinger foi a mais idiota de todas. Hoje vou me encontrar com Sílvia. Se Deus existisse eu pediria perdão a Deus, mas não deixaria de comer Sílvia. Como Deus não existe, faço a mesma coisa sem pedir perdão a ninguém. (Fonseca, 1997:66/BL)**

Para ele talvez essa seja a maior punição, no caso, autopunição: obrigar-se a broxar, enfim, 'diminuir sua libido'; idéia de que desiste, por considerá-la "a mais idiota de todas" (*idem*). Então, ele não se curva aos códigos morais dos homens, que considera medíocres, nem tampouco aos mandamentos divinos, por ser ateu. Seu erotismo imperativo é o que determina sua ação.

No que tange a suas amantes, o que ele oferece é um amor sensual, composto por uma cumplicidade erótica, num tipo de relação em que ele se coloca como provedor de gozo para todas elas; nessas relações imperam as sensações, o prazer e um orgasmo medido quantitativa e qualitativamente. Apesar de Gustavo ser um representante prototípico do 'império das sensações' a que se refere Freire-Costa (1999), ele também chega a desenvolver algo além da pura sensualidade, isto é, uma amizade com Amanda, sua ex-mulher. Eles compartilham de uma certa cumplicidade: Amanda fuma charutos com ele, conversa sobre assuntos que o interessam, cuida de seus documentos. Além do mais, Amanda compactua com ele sobre suas traições, aceita durante certo tempo a existência de outras amantes, até o momento em que rompe essa convivência com Gustavo ao exigir dele a escolha por uma única mulher (Fonseca, 1997:79/BL). Escolha que Gustavo não faz.

Supondo que o ciúme normal (Freud, 1922) é parte da estruturação psíquica (cf. p.e.: Freud, 1921, 1922; Lacan, 1938; Klein, 1957; Debourge-Donnars, 1997), nossa hipótese é de que, no romance, *o ciúme é atuado*. Em Gustavo, via rivalidade, pela disputa e competição com Reinaldo, por um lado e, por outro, via sexualidade sem limites, em que desdenha as normas morais instituídas, transando com várias mulheres e não se importando com quem elas transam. Desse modo, Gustavo se defende de um ciúme que possa fazer limite ao seu gozo onipotente, na medida em que esse afeto

aponta para a falta. Ora, o esperado do ciúme é que seja seguido de competição e identificação com o rival, pressupondo, enfim, a castração, logo o declínio do Édipo.

Com efeito, é a partir de um ciúme atuado que acreditamos ser desencadeada a série de assassinatos do romance. Conjugada à 'ausência de ciúme' de Gustavo Flávio, surge uma disputa camuflada, irônica, de uma agressividade (mal) contida entre suas mulheres-amantes que também atuam seu ciúme através de algumas investigações disfarçadas e de uma exigência de exclusividade apenas esboçada.

Amanda sabe do comportamento ambíguo de Gustavo, Luíza desconfia fortemente disso. Ora, inconscientemente, é dado que sabem que ele 'tem outra', portanto, poderiam procurar um homem fiel, fugir desse suposto sofrimento amoroso, mas a lógica inconsciente dessas personagens parece primar pela reedição edipiana através da relação com um homem 'impossível', isto é, não disponível enquanto homem fiel, o que justifica, indiretamente, a supressão do ciúme (*vide* Labrousse-Hilaire, 1997; Lachaud, 1998). Ao contrário do ciúme expresso e do rompimento da relação amorosa, o que acontece com elas aponta para o seguinte: quanto mais infiel é o objeto, quanto mais suprimem seu ciúme, mais apaixonadas e agressivas elas se tornam. Nesse sentido, a presença da 'outra' estimula o desejo por Gustavo Flávio, causando uma disputa violenta entre elas que encobre nada menos que uma bissexualidade recalcada (cf.: Labrousse-Hilaire, 1997). Trata-se, ao nosso ver, de um desejo edipiano primitivo que se repete na relação com parceiros infiéis. Assim, no romance, as mulheres são coniventes com a infidelidade, pois Luíza chega a sugerir a Gustavo que saia com Amanda (Fonseca, 1997:53/BL), apesar de se arrepende em seguida (*idem*:54) e, Amanda, por sua vez, afirma, nas palavras de Gustavo, que "tem todo o direito de ir para a cama comigo, que foi minha mulher e que não atrapalharia minha relação com Luíza" (*ibid.*). Contudo, embora 'façam *semblant*' de uma ausência de ciúme, cada mulher reage de uma forma singular à atitude infiel de Gustavo: Luíza persegue-o incessantemente com suas investigações sobre o comportamento sexual dele, principalmente, com suas perguntas sucessivas (cf.: Fonseca, 1997:18;80;82;87); Amanda, *a priori*, aceita resignadamente a relação de Gustavo com outras mulheres (*ibid.*:54), mas aos poucos começa a exigir exclusividade, pois como diz "ficar me comendo e comendo a Luíza ao mesmo tempo eu não topo, e se a Luíza souber ela te mata" (*ibid.*:79;105), antecipando a atitude violenta da namorada oficial de Gustavo. Assim, contraditoriamente ao desejo inconsciente dessas mulheres por um homem infiel, há o desejo de enquadrar a si e ao amante num modelo tradicional de

relacionamento amoroso, que surge, todavia, camuflado pela rivalidade irônica e pela falsa indiferença quanto às rivais.

Então, para além do ciúme, o que acontece de fato no romance são as sucessivas mortes dessas mulheres e, por fim, a tentativa de assassinato de Gustavo por Luíza e o suicídio dela quando descobre que é traída. De modo que, no romance, as vozes e as experiências das personagens confundem-se numa trama amorosa múltipla e fragmentária em que sensualidade, consumo e violência só encontram seu ponto de basta na morte.

Teria sido Amanda a mentora de todos os crimes? Não deixa de ser uma possibilidade, recheada de indícios no texto... Porém, a busca de uma certeza sobre 'quem matou' não nos interessa aqui, em primeiro lugar, porque não é possível encontrar uma resposta para isso e, em segundo lugar, porque é justamente essa dúvida o ponto alto do romance. Afinal de contas, com tanto amor, ódio, rivalidade e ciúmes envolvidos, qualquer um poderia ter cometido aqueles crimes passionais. Ademais, restam sempre as incertezas: Quem poderia matar? Quem mais poderia morrer?

Bem, o ciúme disfarçado, a hostilidade e a rivalidade dissimuladas entre essas mulheres e mesmo a agressividade em relação a Gustavo estão presentes na narrativa. Ao mesmo tempo em que uma mulher rivaliza com a outra através de comentários irônicos, maliciosos, mordazes, supomos que é a interferência da rival que aumenta o amor e a disputa pelo herói do romance. É como se Gustavo estivesse na posição de 'falo' para elas – um objeto de gozo inesgotável – pois ele fica no centro da tormenta, desejado por todas, objeto do ciúme atuado em todas, ainda, usufruindo sexo com todas elas. Sigamos um diálogo representativo da rivalidade entre Luíza e Amanda, reproduzido por Luíza:

**Amanda, como sempre** acontecia, estava lá, senti o cheiro do charuto ainda do lado de fora. Amanda, eu disse, **você está cada vez mais bonita, engordou um pouco, não?**, veio fazer almoço para Gustavo? **Ela respondeu, também venenosamente, que eu continuava delgada**, que eu podia voltar a desfilar nas passarelas, **que a magreza e as olheiras me davam um ar mórbido porém romântico**, mas que eu precisava aprender a cozinhar. Respondi que essa seria a última coisa que eu aprenderia no mundo, que preferia aprender a fazer papier-marché, mas que **ela fazia bem em cozinhar para Gustavo, como se fosse a mãezinha dele.** (*idem*:18, grifos nossos)

Esse trecho mostra a rivalidade de uma para com a outra e a disputa pelo amor de Gustavo, expressando ironia e agressividade sutis. Ora, ao mesmo tempo em que elas rivalizam entre si, elas envolvem Gustavo, Amanda exigindo sexo e Luíza desconfiando da infidelidade da parte dele. Em decorrência dessa demanda, ele se mostra, por sua vez, como uma vítima manipulada por elas:

**Amanda disse que tem todo o direito de ir para a cama comigo, que foi minha mulher e que não iria atrapalhar minha relação com Luíza (...) Luíza andava desconfiada de que eu estava indo para a cama com Amanda, mas ontem foi a primeira vez, palavra de honra.** (Fonseca, 1997:54/BL, grifos nossos)

Bem, ao mostrar a disputa delas por seu amor, Gustavo exime-se de qualquer culpa, justificando-se do fato da traição ao mostrar o erro da desconfiança de Luíza, dizendo e dando sua “palavra de honra” de que aquela foi a “primeira vez”.

Ao nosso ver, Gustavo demonstra um certo exibicionismo e um narcisismo exacerbado, ao se julgar excelente escritor e insuperável amante, desqualificando seu rival (Reinaldo) e, ainda, levando seus próprios desejos às últimas conseqüências, demonstrando indiferença por qualquer espécie de interdito. Parece-nos então que, na dinâmica psíquica dessa personagem, prevalece o imperativo do gozo ao invés de uma regulação superegóica pela culpa, representante dos interditos. A ausência de ciúme de Gustavo se associa, desse modo, um narcisismo extremado, em que não há lugar sequer para conceber o terceiro enquanto um rival legítimo, digno de ladeá-lo em competições profissionais e/ou amorosas. Assim, o rival é totalmente desqualificado por Gustavo, de quem a dinâmica psíquica é marcada por um eu narcísico que tudo pode. Sua estrutura subjetiva não se caracteriza pela culpa, pelo sofrimento ou pela perda, mas pelo imperativo do gozo, pela busca incessante de um prazer sem limites.

Pois bem, o desfecho do livro mostra que o ciúme que é gerado em torno da personagem principal desencadeia atitudes violentas de ódio e vingança – o ciúme passa de um estado de supressão e atinge manifestações excessivas que, até poderíamos classificar como o ciúme perverso, descrito por Denis Vasse (1995). Entretanto, aqui, sentimos mais apropriado falar de uma face oculta do ciúme, um ciúme suprimido, representado pela ausência desse afeto, onde, de um lado, aparece a personagem principal, e, de outro, suas vítimas mulheres-objeto, que via *atuação* possivelmente manifestam um ciúme que culmina com a anulação do outro, e por quê não, com o

crime. É fato que, no romance, a ausência de ciúme de Gustavo, a rivalidade e o ciúme atuado pelas personagens femininas estão ligados ao enigma dos assassinatos que são cometidos em série, cujas amantes e ex-amantes de Gustavo são o alvo. Todos são suspeitos num cenário em que qualquer um pode matar como efeito da ausência de elaboração devido à supressão do ciúme.

Contudo, no final da narrativa, quando sofrimento e morte dominam a cena violenta e trágica do romance – conforme Novo (1985/BL) uma violência própria do autor – Gustavo Flávio parece sinalizar um esboço de elaboração psíquica ao relatar:

**Esta noite sonhei com Amanda, e sonhei com Sílvia, e sonhei com Luíza, um sonho bom. Sonhei até mesmo com Farida. Acordei porém muito infeliz, com uma dor forte no peito.** (Fonseca, 1997:112/BL, grifos nossos)

Vale dizer que o trabalho do sonho é, para Freud (1900), a via de construção psíquica por excelência, algo que surge em Gustavo através da sensação de infelicidade e da dor no peito. Mas apesar desse sofrimento, ainda no hospital ele revela seu desejo urgente de fumar um charuto (Fonseca, 1997:111/BL). É possível que, assim como tem a intenção de fumar um charuto, tenha a intenção de retomar seus amores múltiplos, algo próprio daqueles que rapidamente ‘esquecem’, ou melhor, recusam o seu sofrer...

Bem, pouco antes de ter levado os tiros de Luíza, já bastante envolvido com os assassinatos de suas ex-amantes, Gustavo já tentava esquecer o assunto das mortes, evitando se encontrar com Mandrake. Ele afirma naquele momento que sua única preocupação era “encontrar uma maneira de fazer Amanda aceitar” (*idem*:96) que ele continuasse com ela, Luíza, Sílvia, pois “precisava muito de todas elas” (*ibid.*). Assim, nesse trecho, seu sofrimento com tudo aquilo parece que será brevemente diluído, esquecido, permitindo-o manter sua busca incessante por amores múltiplos, intensamente prazerosos, sem limites para o seu gozar.

Contudo, o final do romance também aponta para uma outra saída. A morte de suas antigas amantes e o fato de ter levado dois tiros na cabeça resulta numa dor que parece real, um sofrimento que ressoa não só nele, mas em outra personagem, através do desejo de recalcar tudo aquilo, exemplificado pelas palavras de Mandrake: “Saí e fechei a porta. Eu também queria parar de pensar naquele assunto” (*ibid.*:112).

Por fim, nas palavras de Amanda, Gustavo Flávio aparece como o responsável por toda dor causada, sendo o ‘objeto de ataque’ que até então vinha sendo recalçado:

É pena que as coisas terminassem assim, mas Gustavo é o único culpado, por tratar com desprezo as outras pessoas, por usá-las como se elas fossem um brinquedo. Se não fosse Luíza teria sido Reinaldo, ele me disse que ia matar Gustavo. Fico muito triste com isso tudo. (*ibid.*:108, grifos nossos)

Amanda, então, acusa Gustavo pela ocorrência dos fatos e se diferencia das outras amantes, uma vez que sua fala denota que ela se considera alheia às traições de Gustavo ao dizer que ele usava as “outras pessoas”, não se incluindo nesse rol. Nesse momento, ela deixa de ser uma personagem envolvida na história, já que faz um comentário distanciado. Mas, ela é a única que sobrevive dentre as amantes e, também por isso, é uma suspeita em potencial. Gustavo relata que, quando Amanda indagou-o sobre os requisitos para ser uma escritora, ele afirmou que o essencial era ter coragem. Então, Amanda cogitou se a coragem para matar seria suficiente, afirmando que ela mesma seria capaz de matar (*ibid.*:111), firmando-se no quadro de suspeitos. Também suspeito, o próprio Gustavo Flávio lança uma frase ambígua em que cita as Eríneas (*vide* Aimbinder, 1997), as Fúrias míticas que perseguem os criminosos que “como eu, cometiam o crime perfeito” (Fonseca, 1997:96/BL). Aqui não dá para saber se o crime perfeito a que se refere é o adultério ou a série de assassinatos. Suspeitas a parte, não há solução para esse enigma das mortes, mas apenas a ambigüidade do texto, que aponta para a dúvida, elemento essencial do ciúme, que aqui se apresenta na dúvida sobre quem é o assassino.

Assim, a atitude amorosa de Gustavo Flávio acarreta várias mortes de mulheres, o suicídio de Luíza e a tentativa dela de assassiná-lo. Ora, ele não é fiel, trai, não tem ciúme e age como se os outros também não tivessem ciúme, como se eles considerassem ‘natural’ sua postura afetiva. Todavia, no romance, só ele mesmo consegue conviver com essa fluidez e essa multiplicidade de relacionamentos, ou nem ele, que mesmo sendo o nosso herói-protagonista, também é um forte suspeito dos assassinatos<sup>11</sup>. Os outros, amantes e rivais, sofrem e atuam seu ciúme, revidando à indiferença de Gustavo seja com uma ironia contida, seja com uma agressividade descontrolada e mortífera. Enfim, o único limite no romance para essa sexualidade sem normas, sem regras, sem interditos é a morte.

<sup>11</sup> Notamos que em *Bufo & Spallanzani* (Fonseca, 1985/BL), Gustavo Flávio cometeu dois assassinatos, os quais não entraremos no mérito por esse não ser nosso romance foco.

## Da ilusão romântica ao vazio pós-moderno

Neste trabalho escolhemos discutir o ciúme na interface de psicanálise e literatura. Para tanto tomamos Freud como nossa principal referência teórica, através de quem trouxemos, no primeiro capítulo, uma breve conceituação sobre o amor e a profícua e concisa definição do ciúme de 1922; texto a partir do qual se estruturaram nossas formulações posteriores, em que consideramos tanto autores clássicos como Klein e Lacan, como autores contemporâneos, principalmente da tradição psicanalítica francesa. Ainda nesse capítulo, enfatizamos a importância da intensidade na manifestação do ciúme, o papel da bissexualidade estrutural e da homossexualidade recalcada, a discussão sobre o delírio de ciúme e as estruturas psíquicas e, por fim, o caráter estruturante desse afeto. No segundo capítulo, considerando a importância do complexo de Édipo e do narcisismo como operadores centrais nas construções psicanalíticas sobre o ciúme, estudamos os conceitos de narcisismo, ferida narcísica e instâncias ideais, no intuito de focalizar a dinâmica psíquica envolvida na vivência do ciúme. Abordamos também a noção de complexo de intrusão de Lacan, na medida em que propicia uma compreensão da rivalidade a partir da situação especular, supostamente inaugural do ciúme infantil. O terceiro capítulo, finalmente, trouxe configurações divergentes (talvez, complementares) da relação clássica entre ciúme, delírio e homossexualidade recalcada. Nesse capítulo, aproveitamos os operadores teóricos desenvolvidos no capítulo anterior (principalmente, ferida narcísica e instâncias ideais), para a construção, junto aos autores contemporâneos, de algumas formulações envolvendo o ciúme, depressão e perversão, que nos parecem deveras pregnantes no contexto pós-moderno.

Iniciamos o quarto capítulo com uma breve contextualização das relações amorosas, antecedendo às análises dos romances, onde fornecemos um panorama das épocas circunscritas por cada narrativa. Nessa parte principalmente, além de autores estrangeiros, usamos largamente a contribuição de autores brasileiros que supomos fazerem suas asserções já com um olhar marcado pela realidade nacional sob o impacto do mundo globalizado. Nesse sentido, é interessante citar uma reportagem publicada no jornal *O Globo* (Marinho & Cezimbra, 2000/R), baseada em pesquisa feita por psicólogos brasileiros da UESP e da UFP, em que mostram as diferenças na vivência do amor entre

jovens brasileiros e suíços. A pesquisa constatou que os brasileiros são mais apegados aos relacionamentos amorosos, na medida em que dependem de uma união estável para garantir maior estabilidade financeira. Os jovens suíços, ao contrário, não se prendem tanto em seus relacionamentos, já que não necessitam do outro para garantir sustento ou melhores condições de vida. É possível que a importância dada ao amor na cultura brasileira reforce as manifestações violentas de ciúme nesse contexto em que as desigualdades sociais são tão acentuadas e a união amorosa aparece, sobretudo, como uma das saídas encontradas para a resolução de dificuldades de ordem econômica. Aliás, Machado já havia mostrado em seus escritos a força da disparidade sócio-econômica determinando, alterando e, até, transtornando os relacionamentos amorosos do momento que retratou. Porém, colocar a realidade brasileira em foco, é uma questão para futuros estudos, apenas reservando-nos, aqui, à escolha de romances da literatura brasileira.

Visando, então, trabalhar com a problemática do ciúme no entremeio de psicanálise e literatura e, ainda, interessados numa comparação 'historicizada' – algo que nos serviu para melhor compreender o ciúme na contemporaneidade –, escolhemos romances representativos da produção literária brasileira de duas épocas distintas: *Dom Casmurro*, de Machado de Assis e, *E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto*, de Rubem Fonseca. Por um lado, vimos em *Dom Casmurro* uma narrativa amorosa cunhada por uma linguagem apaixonada que tanto idealiza a mulher quanto, sutil e dissimuladamente, faz a ela as mais severas acusações. A história de Bento Santiago é centralizada sob o foco exclusivo de um narrador-personagem, que se caracteriza por seu ciúme excessivo, porém controlado, ou melhor, cerceado pelas amarras da tradição e das convenções sociais. A mulher amada ali é única e insubstituível e a sexualidade é visivelmente reprimida por uma sociedade altamente moralista. Como contraponto a Machado, Fonseca traz uma linguagem crua e explícita acerca da vida amorosa, típica de um discurso "hiperrealista" (Pedrosa, 1979/BL). Há ainda uma fragmentação da narrativa nesse romance, posto que *flashes* de enredo surgem dispersos nas diversas vozes que o compõem. A mulher é valorizada enquanto objeto sexual a ser amado, ainda, colecionado e consumido, sendo que ela não é única e insubstituível, pois diversas mulheres podem e devem ser amadas, "concomitantemente". Assim, da crença na exclusividade amorosa em *Casmurro* há uma passagem para a vivência da

multiplicidade sexual e afetiva em Gustavo Flávio. Nele, a sexualidade é medida pelo excesso e dele o ciúme está ausente, é suprimido, surgindo apenas de forma atuada e violenta. Por outro lado, em Casmurro é o ciúme que é excessivo e a sexualidade fortemente reprimida. Dessa diferença resulta que, enquanto Bento Santiago apresenta um trabalho psíquico na tentativa de elaborar o seu ciúme, Gustavo Flávio suprime totalmente esse afeto – que termina, então, por ser atuado – não expressando nenhuma ordem de preocupação com querelas amorosas como o ciúme. Depreende-se do conjunto das obras, portanto, um predomínio da elaboração mental do ciúme em Casmurro em oposição a uma ditadura do sensorial em que não cabe ciúme em Gustavo. A frustração amorosa e o ciúme, resultantes, respectivamente, da suposta inapetência erótica de Bento em relação à sensualíssima Capitu e do intenso recalque sexual, alimentam a busca de elaboração de Casmurro. Já em Gustavo, a recusa de qualquer idéia ou sentimento que limitem sua atuação erótica afasta-o do trabalho psíquico.

A rivalidade é também outro aspecto importante na discussão sobre os romances. Dom Casmurro é o típico fracassado no amor, suplantado pelo rival idealizado, Escobar, enquanto Gustavo Flávio se julga o melhor dos amantes, profissional inigualável, desprezando totalmente seu rival, Reinaldo. Opõem-se, então, respectivamente, uma personagem marcada pela ascendência do rival, com quem a identificação é impregnada pela dinâmica do ideal do eu e outra personagem cujo rival é menosprezado, não chegando sequer a se estruturar como um modelo identificatório.

Assim, numa primeira leitura vemos, na passagem de um romance a outro, um deslizamento de um 'mundo romântico' a um 'mundo prostituto', quando considerado o contraste entre diferentes contextos, ou seja, um cenário romântico marcado pela ilusão amorosa e um cenário pós-moderno marcado pelo vazio das relações, vazio de ideais. A vida afetiva de Gustavo Flávio é feita por relações hiper fluidas e utilitaristas, onde cada um visa, sobretudo, o prazer e a realização do gozo próprio. Para Bento Santiago, em contrapartida, a vida afetiva segue uma ordem pré-determinada, esperada e corroborada pelo social. Nesse há a beleza e a dor de uma história de amor falida; naquele há um romance sem história, ou como preferiria Cony (1999/BL), um "romance sem palavras", marcado pela intensidade de uma sensualidade transbordante e violenta. Então, na lacuna de um momento a outro fica evidente a queda de máscaras culturais forjadas em

casamentos 'obrigatoriamente felizes', relações 'forçosamente fiéis', escolhas 'absolutamente exclusivas', abrindo expressão para relacionamentos múltiplos, ambíguos e complexos, mas que também são figurados pela explosão de mortes violentas e trágicas como lugar comum na cena cotidiana. É óbvio que sempre houve crimes passionais no passado, mas eles aconteciam principalmente como resposta a 'uma questão de honra', atribuída ao homem como um valor essencial, claramente, um valor patriarcalista. As mortes representadas pelo contexto pós-moderno, por sua vez, não parecem ocorrer em nome da honra, mas sim como expressão de um excesso sensual e em função mesmo de estancar o vazio dado por relações amorosas que não se concretizam, que não se constroem progressivamente, pois são fragmentadas e sem história.

Uma segunda leitura, no entanto, sugere-nos que os mundos do Doutor Bento Santiago e do escritor Gustavo Flávio não são tão distantes assim, mas estão entrelaçados. Ora, o próprio Casmurro também viveu um 'mundo prostituto', já que havia nos "farrapos de texto" do romance a sutil acusação àqueles que o cercavam devido ao 'interesse' numa ascensão social apoiada no relacionamento com a família Santiago. Já Gustavo Flávio também sofreu as conseqüências dolorosas de um 'mundo ainda romântico' que não abandonou completamente suas tradições. Desse modo, se existem tantas disparidades, existem também ressonâncias nos romances. Assim, um ponto em comum entre as narrativas é a exacerbação narcísica de nossos heróis, ambos voltados para sua própria satisfação, anulando o outro com suas atitudes, desejos e decisões. Mas, talvez a semelhança mais interessante seja a dúvida, que aparece em ambos os textos através de uma ambigüidade nas narrativas que não permite definir seus enigmas centrais. Em *Dom Casmurro* o enigma da traição ou, ainda, o enigma do desejo da mulher amada e, em *E do meio do mundo prostituto...*, o enigma dos assassinatos. Sobretudo, uma dúvida circunscrita pelo ideal amoroso de Bento e as incertezas insólitas sobre as mortes incessantemente cravejadas entre os amores múltiplos de Gustavo. Ora, a dúvida do romance de Machado é construída entre dois pontos bem circunscritos: 'Capitu traiu ou não traiu?'. Porém, no romance de Fonseca, a dúvida, que podemos também caracterizar como incerteza, está relacionada à impossibilidade de definir quem poderia matar, pois qualquer personagem é suspeito, tanto quanto nenhum deles talvez cometeu os crimes, ou ainda, vários deles conjuntamente. A incerteza aí, portanto, é mostrada pela indefinição e

pela falta de contornos do objeto da dúvida “Quem matou”, isto é, não há duas possibilidades como em *Dom Casmurro* (Capitu traiu ou não), mas diversas, pois a dúvida aparece diluída numa infinidade de hipóteses sobre as mortes.

A partir da constatação da centralidade da dúvida nos dois romances, recorreremos a Freitas (1997) que considera que são as incertezas, as semiverdades, portanto, as dúvidas (*idem*:143) que condicionam a criação narrativa. Ao pontuar a importância da dúvida criativa na psicanálise em extensão, Freitas (1997) sugere que:

Pressupondo a **centralidade da estrutura edípica** como constituinte do sujeito, um sujeito sempre interpretante, **vinculado permanentemente à dúvida e à impossibilidade da certeza**, é que podemos nos abrir a novas leituras de uma peça literária (...) (*ibid*:143, grifos nossos)

A dúvida é, enfim, o elo que encontramos entre psicanálise e literatura no que tange ao tema do ciúme. É a dúvida própria do sujeito desejante que possibilita as inumeráveis leituras que todo texto literário enseja, um elemento chave que permeia as narrativas escolhidas, convidando a diferentes interpretações. É, pois, justamente numa dúvida que se ancora a máxima do ciúme. Dúvida excessiva, quando o ciúme não é ultrapassado, quando esse afeto toma dimensões exacerbadas. Dúvida criativa, quando o ciúme aponta para a transformação do desejo, tomando a incerteza sobre a permanência do amor do outro como estímulo para novas identificações, para novos posicionamentos subjetivos. Incertezas múltiplas, quando esse sentimento simplesmente desaparece da cena cotidiana, por estar ‘fora de moda’. Assim, é no sentido de uma dúvida que convergem as análises do ciúme enquanto conceito e a própria investidura psicanalítica sobre o literário, ou seja, dúvida que caracteriza a ambas, a teorização psicanalítica sobre o sentimento de ciúme – haja vista tantas descrições conceituais para o mesmo afeto – e a expressão literária desse mesmo sentimento, que pode surgir em cenários e formas tão díspares. Todavia, como já assinalamos, encontramos algumas semelhanças dos romances entre si e, ainda, entre as definições psicanalíticas do ciúme e os romances. Dentre estas: a pregnância de uma ferida narcísica na intensificação do ciúme de Bentinho; a recusa dos interditos na ausência de ciúme de Gustavo; a culpa que torna Bento impotente e a castração real enquanto aprendizado de sangue não elaborado por

Gustavo; o olhar como a expressão de uma especularidade amorosa fixada e poética em Bentinho; o erotismo exacerbado pela inesgotável busca de prazer sensual de Gustavo...

É evidente que a multiplicidade e as variações do ciúme mostram também a complexidade desse sentimento em função dos ideais sociais que interferem em sua manifestação em diferentes contextos. À guisa de conclusão, podemos dizer que empreendemos um trabalho interdisciplinar, que após nos familiarizar com os conceitos psicanalíticos que caracterizam o ciúme, propusemos a análise do tema a partir de dois contextos historicamente demarcados conforme surgiram nas narrativas literárias escolhidas. É claro que, ao fazer recortes psicanalíticos e literários, arriscamos ser “periféricos e superlativos”, segundo excelente definição que Capitu dá de José Dias (Proença, 1998/BL), ou mesmo, repetitivos e fragmentários, como Jameson (1983) caracteriza a escrita pós-moderna, a qual de alguma maneira representamos. Não obstante, defendemo-nos de antemão ao concordar com essa provável crítica do leitor, afirmando que nossa intenção foi muito mais de traçar um caminho no entendimento do ciúme do que do fornecimento de uma definição fechada sobre aquilo que está infinitamente aberto a novas significações. Nada impede, portanto – e talvez seja mesmo desejável – que novos posicionamentos sejam tomados, que novas definições do ciúme surjam, de acordo com novas teorias e/ou com outros contextos. Nesse sentido, é fato que alguns autores sobre os quais nos debruçamos – os quais fizeram trabalhos exaustivos sobre o ciúme, como Vasse (1995) e Lachaud (1998) – mostraram como questões bastante amplas podem se relacionar ao tema, por exemplo, a “recusa do dom” na dicotomia da segregação entre carne e espírito (*vide* Vasse, 1995), o gozo feminino e a saída para a escrita como possibilidade sublimatória (*vide* Lachaud, 1998), questões que por limitações de tempo e das escolhas feitas não puderam ser abordadas aqui.

Finalmente, ousando uma palavra sobre a sublimação do ciúme pela escrita, pensamos mais uma vez em nossos protagonistas: Dom Casmurro, com a tentativa de elaborar seu ciúme ao “atar as duas pontas da vida, restaurando a velhice na adolescência” e, Gustavo Flávio, um escritor atormentado por seu desejo sem fim e seu ciúme obrigatoriamente ausente. Bem, ‘ambiciosíssimo’, como diria José Dias, talvez seja nos colocar no rol desses personagens que escrevem e elaboram seu ciúme, na tentativa de conhecê-lo e sublimá-lo.

## Bibliografia Geral

- AINBINDER, R. de A. (1997). *Eros, Philia, Agápe: uma investigação antropológico-filosófica sobre o amor*. Tese de Doutorado: Departamento de Filosofia, PUC-Rio.
- ALTHUSSER, L. (1974). *Ideologia e os aparelhos ideológicos de Estado*. São Paulo: Martins Fontes.
- ARMONY, N. (1999). "Transformações das relações amorosas na passagem do milênio". *Tempo Psicanalítico*. Rio de Janeiro: Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, v. 31.
- ARREGUY, M. E. (1996). "A psicologia e sua identidade científica". *Cadernos de Psicologia - Revista do Departamento de Psicologia da FAFICH - UFMG*. Belo Horizonte, v. 6, nº. 1, dezembro, 1997.
- \_\_\_\_\_. (1997). "O ciúme entre irmãos: uma conceituação psicanalítica". *Cadernos de Psicologia - Revista do Departamento de Psicologia da FAFICH - UFMG*. Belo Horizonte: v. 7, nº. 1, junho, 1998.
- \_\_\_\_\_. (2000). "A intensidade como fundamento do ciúme em Freud" in *II Encontro Nacional Psicanálise e Universidade*. Belo Horizonte: Passos, no prelo.
- ATHANASSIOU-POPESCO, C. (1997). "L'intolérance à la jalousie dans l'*Othello* de Shakespeare". *RFP (leia-se para todos: Revue Française de Psychanalyse)*, T. 61, v. 1.
- BAND, A. (1977). *Um exame crítico do conceito freudiano de "instinto de morte" (Todestrieb)*. Dissertação de Mestrado: Departamento de Psicologia, PUC-Rio.
- BARROS, R. M. M. (1997). "Psicanálise e pós-modernidade". *Tempo Psicanalítico*. Rio de Janeiro: Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, 29: pp.103-124.
- BATAILLE, G. (1961). *O Erotismo: o proibido e a transgressão*. Lisboa: Moraes Editores.
- BAUMAN, Z. (1997). *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BEZERRA Jr., B. (1989). "Subjetividade moderna e o campo da psicanálise" in *Freud - 50 anos depois* (Org.: J. Birman). Rio de Janeiro: Relume Dumará, pp. 219-239.
- \_\_\_\_\_. (1999). "Narratividade e construção da experiência subjetiva" in *Psicanálise e Universidade - temas conexos* (Orgs.: Marzagão et al.). Belo Horizonte: Passos.
- \_\_\_\_\_. (1999a). "Seremos sujeitos amanhã?". *Teoria e Clínica do Superego /*

- Cadernos de Psicanálise – CPRJ*. Rio de Janeiro: Ano 21, nº. 13, pp. 103-121.
- BIRMAN, J. (1999). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BLEICHMAR, H. (1981). *O narcisismo: estudo sobre a enunciação e a gramática do inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- BONNET, G. (1997). “Avoir l’oeil: la violence du voir dans la jalousie”. *RFP*, T. 61, v. 1.
- BOWLBY, J. (1979). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.
- BRANDÃO, R. S. (1987). “O texto literário com o possível do desejo”. *Cadernos de Psicologia - Revista do Departamento de Psicologia da FAFICH – UFMG*. Belo Horizonte, v. 4, nº.2.
- \_\_\_\_\_. (1996). *Literatura e Psicanálise*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS.
- CALLIGARIS, C. (1991). “A sedução totalitária” in *Clínica do social: ensaios* (Orgs.: Aragão et al.). São Paulo: Escuta.
- CARNEIRO, T. F. (1999). “Conjugalidade: um estudo sobre as diferentes dimensões da relação amorosa heterossexual e homossexual” in *Casal e Família: entre a tradição e a transformação* (Orgs.: Carneiro et al.). Rio de Janeiro: Nau.
- CARVALHO, A.C. (1987). “Psicanálise e arte: decifra-me e me devoras”. *Cadernos de Psicologia - Revista do Departamento de Psicologia da FAFICH – UFMG*. Belo Horizonte, v. 4, nº. 2.
- \_\_\_\_\_. (1999). “É possível uma crítica literária psicanalítica”. São Paulo: *Percurso*, nº. 22, 1,1.
- \_\_\_\_\_. (1999a). “Psicanálise e literatura: fracasso da sublimação” in *Psicanálise e Universidade – temas conexos* (Org.: Marzagão et al.). Belo Horizonte: Passos.
- \_\_\_\_\_. (1999b). “Uma poética do suicídio: fracasso da sublimação?”. *Psicanálise e Universidade*. PUC-SP; nº. 11, 1999b.
- CASTELLANO-MAURY, E. (1997). “Sua cuique persona – La jalousie dans l’oeuvre de Marcel Proust”. *RFP*, T. 61, v. 1.
- CHATTERJI, N. N. (1948). “Paranoid Jealousy”. *The Yearbook of Psychoanalysis*, v. 5, p.55-61, 1949 (re-impreso de *Samiksa*, v.2, nº. 4, pp. 14-24).
- CHAUVEL, P. (1997). “La machine infernale: l’amour e la mort mêlés”. *RFP*, T. 61, v. 1.
- CID –10. (1993). *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento*.

*Diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- CLÉRAMBAULT, G. G. de (1921). "Os delírios passionais: erotomania, reivindicação e ciúmes". *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, PUC-SP / UNICAMP, v. II, nº. 1, março, 1999, pp. 146-155.
- COEN, S. J. (1987). "Pathological Jealousy". New York: *International Journal of Psycho-Analysis*, (68), pp. 99-108,.
- DEBURGE-DONNARS, A. (1997). "Enfin jalouse?". *RFP*, T. 61, v. 1.
- DENZLER, B. (1997). "Miroir trompeur: la jalousie et le narcissisme". *RFP*, T. 61, v.1.
- DIAS, M. A. & KISLANOV, S. A. (1991). "'Pretty woman'... Dos caminhos da sedução ao amor". 13º. Congresso Brasileiro de Psicanálise, Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. (s/d). "Do amor... será possível deixar de se ocupar dele?" O amor, a psicanálise e o novo século". Apostila da S. Bras. de Psicanálise do Rio de Janeiro.
- FERREIRA-SANTOS, E. (1996). *Ciúme: o medo da perda*. São Paulo: Ática.
- FLORENCE, J. (1987). "As identificações" in *As identificações na teoria e na clínica psicanalíticas* (Orgs.: Mannoni et al.). Rio de Janeiro: Rélume-Darumá, 1994.
- FREIRE COSTA, J. (1991). "Resposta a Octavio Souza" in *Clínica do social: ensaios* (Orgs.: Aragão et al.). São Paulo: Escuta.
- \_\_\_\_\_. (1998). "Entrevista com Jurandir Freire Costa". *Desamparo – Cadernos de Psicanálise – CPRJ*. Rio de Janeiro, Ano 20, pp.19-26.
- \_\_\_\_\_. (1999). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- FREITAS, L. A. P. de (1997). "Uma interseção entre psicanálise e literatura". *Tempo Psicanalítico*. Rio de Janeiro: Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, v. 29, pp. 125-144.
- \_\_\_\_\_. (1999). "Memorial de Aires ou o luto por Carolina de Assis". *Tempo psicanalítico*. Rio de Janeiro: Revista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, v. 31, pp. 129-142.
- FREUD, S. (1895). "Projeto para uma psicologia científica" in *ESB (leia-se para todos: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud)*, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1896). "Extratos de documentos dirigidos à Fliess – Carta 52" in *ESB*, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1897). "Extratos de documentos dirigidos à Fliess – Carta 70" in *ESB*, v. I,

Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- \_\_\_\_\_. (1899). "Lembranças encobridoras" in *ESB*, v. III, RJ: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1900). "A interpretação dos sonhos" in *ESB*, V. IV & V, RJ: Imago, 1974.
- \_\_\_\_\_. (1905[1901]). "Fragmento da análise de um caso de histeria" in *ESB*, v. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1905). "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" in *ESB*, v. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1907). "O esclarecimento sexual das crianças" in *ESB*, v. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1907a). "Delírios e sonhos na Gradiva de Jessen" in *ESB*, v. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1908[1907]). "Escritores criativos e devaneio" in *ESB*, v. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1908). "Sobre as teorias sexuais das crianças" in *ESB*, v. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- \_\_\_\_\_. (1908a). "Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna" in *ESB*, v. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- \_\_\_\_\_. (1909). "Análise de uma fobia em um menino de cinco anos" in *ESB*, v. X, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1910[1909]). "Cinco lições de psicanálise" in *ESB*, v. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1910). "Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à Psicologia do Amor I)" in *ESB*, v. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1910a). "Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância" in *ESB*, v. X, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1911). "Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia" in *ESB*, v. XII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1912). "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à Psicologia do Amor II)" in *ESB*, v. XI, RJ: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1914). "Sobre o narcisismo: uma introdução" in *ESB*, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1914a). "Recordar, repetir e elaborar" in *ESB*, v. XII, RJ: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1917[1915]). "Luto e melancolia" in *ESB*, v. XIV, RJ: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1915a). "A pulsão e seus destinos" in *ESB*, v. XIV, RJ: Imago, 1996.

- \_\_\_\_\_. (1915b). "Repressão" in *ESB*, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1915c). "O inconsciente" in *ESB*, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1917). "Uma recordação de infância de DICHTUNG UND WHARHEIT" in *ESB*, v. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1917a). "O tabu da virgindade (Contribuições à Psicologia do Amor III)" in *ESB*, v. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1919). "Uma criança é espancada" in *ESB*, v. XVII, RJ: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1920). "A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher" in *ESB*, v. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- \_\_\_\_\_. (1920a). "Além do princípio do prazer" in *ESB*, v. XVIII, RJ: Imago, 1995.
- \_\_\_\_\_. (1921). "Psicologia de Grupo e análise do Ego" in *ESB*, v. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1922). "Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo" in *ESB*, v. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1923). "O ego e o id" in *ESB*, v. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1924). "A dissolução do complexo de Édipo" in *ESB*, v. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- \_\_\_\_\_. (1924a). "O problema econômico do masoquismo" in *ESB*, v. XIX, RJ: Imago, 1995.
- \_\_\_\_\_. (1925). "Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos" in *ESB*, v. XIX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1925a). "Notas sobre o bloco mágico" in *ESB*, v. XIX, RJ: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1927). "Fetichismo" in *ESB*, v. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1928). "Dostoiévsky e o parricídio" in *ESB*, v. XXI, RJ: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1930). "O mal estar na civilização" in *ESB*, v. XXI, RJ: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1933[1932]). "Novas conferências introdutórias sobre psicanálise" in *ESB*, v. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1936). "Um distúrbio de memória na Acrópole" in *ESB*, v. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1940[1938]). "Esboço de psicanálise" in *ESB*, v. XXII, RJ: Imago, 1996.
- GARABEDIAN, A. (1997). "Jalousie et fin d'analyse". *RFP*, T. 61, v. 1.
- GARCIA, C. A. (1991). "Tusão e família: uma discussão sobre o *ideal do ego*" in *Escutando a família: Uma abordagem psicanalítica* (Org.: J. de Vilhena). Rio de Janeiro: Relume Dumará, pp. 69-80.

- \_\_\_\_\_. (1993). "Sexualidade feminina e a questão do ideal em Freud" in *A palavra e o silêncio*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- \_\_\_\_\_. (1997). "Psicanálise e mulher contemporânea: novas questões, antigas soluções" in *Mulher: cultura e subjetividade* (Orgs.: D'Ávila Neto & Garcia). Rio de Janeiro: Coletâneas da ANPEPP, v.1, nº.1.
- \_\_\_\_\_. (1998). "Sublimação e cultura do consumo: notas sobre o mal-estar civilizatório" in *A infância na cultura do consumo* (Org.: L. Rabello de Castro). Rio de Janeiro: Nau.
- \_\_\_\_\_. (1999). "Mutações do superego". *Teoria e Clínica do Superego / Cadernos de Psicanálise – CPRJ*. Rio de Janeiro, Ano 21, nº. 13, pp. 93-102.
- GAULEJAC, V. de (1997). "L'envie, un sentiment sociale". *RFP*, T. 61, v.1.
- GAY, P. (1986). *A experiência burguesa – da rainha Vitória a Freud / A paixão terna*, v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1988-1990, cap. 3, pp. 120-173.
- GIBEAULT, M. & SCHAEFFER, J. (1997). "Argument". *RFP*, T. 61, v. 1.
- GREEN, A. (1983). *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Paris: Les Éditions de Minuit, pp. 222-254.
- GUIGNARD, F. (1997). "L'envie, terre de désolation.". *RFP*, T. 61, v. 1.
- ISSA, M. das G. V. N. (1997). *Identificação e enlaçamento social em Freud – A idealização como categoria de análise do individual e do coletivo*. Dissertação de Mestrado: Departamento de Psicologia da FAFICH / UFMG, Belo Horizonte.
- IZHAKI, F. G. (2000). *Fragilidades e malabarismos: figurações do desamparo contemporâneo a partir de Kafka*. Dissertação de Mestrado: Instituto de Medicina Social – UERJ, Rio de Janeiro.
- JAMESON, F. (1983). "O pós-modernismo e a sociedade de consumo" in *O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas* (Org.: Kaplan). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- JONES, E. (1929). "La jalousie". *RFP*, T. 3, nº.2.
- JOUVENOT, C. (1997). "Freud jaloux". *RFP*, T. 61, v.1.
- KAPLAN, D. M. (1970). "Comments on the screening function of a 'technical affect', with reference to depression and jealousy". *International Journal of Psycho-Analysis*, 51, pp. 489-502.
- KAUFMANN, P. et al. (1993). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- KEHL, M. R. (2000). "A fratria órfã" in *Função fraterna* (Org.: M. R. Kehl). Rio de

- Janeiro: Relume Dumará, pp. 209-244.
- KLEIN, M. (1927). "Tendências criminais em crianças normais" in *Contribuições à Psicanálise*. São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- \_\_\_\_\_. (1936). "Love, Guilty and Reparation" in *Writings of Melanie Klein*. London: Karnac Books, 1992.
- \_\_\_\_\_. (1952). "Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê" in *Progressos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- \_\_\_\_\_. (1957). "Inveja e gratidão e outros trabalhos" in *Obras Completas*, v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- KRISTEVA, J.(1983). *Histoires d'amour*. Paris: Éditions Denoël, Int. & cap.1, pp.9-74.
- LABROUSSE-HILAIRE, D. (1997). "La jalousie en son absence: a propos d'un choix particulier chez la femme.". *RFP*, T. 61, v. 1.
- LACAN, J. (1938). *Os Complexos Familiares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- \_\_\_\_\_. (1949). "O estádio do espelho como formador da função do Eu" in *Écrits*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. (1954). *Os escritos técnicos de Freud. O Seminário, Livro 1*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACHAUD, D. (1998). *Jalousies*. Paris: Éditions Denoël.
- LAGACHE, D. (1938). "Erotomanie et jalousie" in *Oeuvres*, v. I, Paris: PUF, 1979.
- \_\_\_\_\_. (1938a). "Contribution à l'étude des idées d'infidélité homossexuelle dans la jalousie" in *Oeuvres*, v. I. Paris: PUF, 1979.
- \_\_\_\_\_. (1947). *La Jalousie Amoureuse*. Paris: PUF, 1986.
- \_\_\_\_\_. (1949). "De l'homosexualité à la jalousie" in *Oeuvres*, v. II. Paris: PUF, 1979.
- \_\_\_\_\_. (1961). "La Psychanalyse et la structure de la personnalité" in *Oeuvres*, v. IV. Paris: PUF, 1979.
- \_\_\_\_\_. (1964). "Le Modèle Psychanalytique de la Personnalité" in *Les Modèles de la personnalité en Psychologie*. Paris: PUF, 1965, pp. 91-117.
- LALANDE, A. (1926). *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LAPLANCHE, J. (1964). *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- \_\_\_\_\_. (1985). *Vida e Morte em Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- \_\_\_\_\_. (1987). *Novos fundamentos para a Psicanálise*. São Paulo: Martins

- Fontes, 1ª. ed., 1992.
- \_\_\_\_\_ & PONTALIS. (1982). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LARDON, A. (1997). "De dépit en jalousie...". *RFP*, T. 61, v.1.
- LECHARTIER-ATLAN, C. (1997). "Un traumatisme si banal: Quelques réflexions sur la jalousie fraternelle". *RFP*, T. 61, v.1.
- LEJARRAGA, A. L. (1998). "Paixão e Desamparo" in *Desamparo – Cadernos de Psicanálise – CPRJ*. Rio de Janeiro, ano 20, pp.161-172.
- \_\_\_\_\_. (1999). "Paixão amorosa e linguagem" in *Cadernos de Psicanálise – SPCRJ (Soc. Psic. da Cidade. Rio de Janeiro)*. Rio de Janeiro, v.14, nº. 17, pp. 228-247.
- MANFRONI, A.C. (1993). *O campo narcísico do amor: mais além do imaginário*. Dissertação de Mestrado; Departamento de Psicologia, PUC-Rio, Rio de Janeiro.
- MANNONI, O. (1987). "A desidentificação" in *As identificações na teoria e na clínica psicanalíticas* (Org.: Mannoni et al.). Rio de Janeiro: Résume-Darumá, 1994.
- McDOUGALL, J. (1982). *Théâtre du Je*. Paris: Gallimard, cap. 2, pp. 51-93.
- MELO CAVALHO, M. T.(1996). *Paul Federn: Une autre voie pour la théorie du moi*. Paris: PUF, parte II, cap. 1.
- \_\_\_\_\_. & RIBEIRO, P.C. (1999). "O entrelaçamento da metapsicologia com a clínica nas abordagens de Jean Laplanche e Piera Aulagnier". *Cadernos de Psicologia*, UFMG, Belo Horizonte, v. 8, nº1, pp. 123-133.
- MENDLOWICZ, E. (1999). "A dor da solidão". *Tempo Psicanalítico – Amor*. Rio de Janeiro: Revista da Sociedade Psicanalítica Iracy Doyle, nº. 31.
- NAGEL, T. (1974). "What is like to be a bat? *The Philosophical Review* LXXXIII, 4, october, pp. 435-450.
- NEHAMAS, A. (1985). *Nietzsche: life as literature*. Cambridge: Harvard University Press, cap.6, pp. 170-199.
- NASIO, J.D. (1988). *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1995.
- PAO, P.-N. (1969). "Pathological Jealousy". *Psychoanalytical Quarterly*, 38:616-638.
- QUINET, A. L. de A. (1990). *Clínica das Psicoses*. Salvador: Editora Fator, cap. 10, pp. 109-118.
- RACAMIER, P.-C. (1968). "Agression et jalousie: deux siguliers visages de la dépression". *L'évolution psychiatrique*. Paris: Privat, t. XXXIII, fasc. II, pp. 291-307.

- RIBEIRO, P. C. C. (1987). "O pequeno Hans e o complexo de castração: uma inversão". *Cadernos de Psicologia - Revista do Departamento de Psicologia da FAFICH - UFMG*. Belo Horizonte: v.4, nº 2, junho.
- \_\_\_\_\_. (2000). *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. Belo Horizonte, Escuta.
- RIVIERE, J. (1937). "La haine, le désir et l'agressivité" in *L'amour et la haine* (Org.: M. Klein & J. Riviere). Paris: s/d.
- RINNE, O. (1998). *Medéia: o direito à ira e ao ciúme*. São Paulo: Cultrix.
- ROCHA, Z. (s/d). *Para uma leitura dos textos de Freud sobre o narcisismo*. Apostila do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.
- ROSENFELD, D. (1973). "Clínica psicoanalítica en la obra de Lagache: acting out y acción, fantasía, cambio individual, celos y homosexualidad, duelo patológico". *Rev. Psicoanálisis*, v. 30, nº.1.
- ROSENFELD, H. (1971). "A clinical approach to the psychoanalytic theory of the life and death instincts: an investigation into the aggressive aspects of narcissism". Londres: *International Journal of Psycho-Analysis*, nº. 52, pp. 169-178.
- ROUDINESCO, E. (1999). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- RUBIN, G. (1997). "Nudité édénique et jalousie pathologique.". *RFP*, T.61, v. 1.
- SANTA ROZA, E. (1997). "Narcisismo, ideal do eu, criança e televisão" in *Da análise da infância ao infantil na análise* (Orgs.: E. Santa Roza & E. Schueler). Rio de Janeiro: Contracapa.
- SANTIAGO, J. (1998). *Síntomas contemporâneos no masculino*. EBP-MG (Escola Brasileira de Psicanálise / Seção Minas Gerais). Barcelona: Relatório do I Congresso da Associação Mundial de Psicanálise.
- SEARLES, H. (1982). "Acerca de la simbiosis terapéutica; el paciente como terapeuta simbiótico, la fase de simbiosis ambivalente y papel de los celos en el yo fragmentado". *Psicoanálisis*, v. IV, nº.2, pp. 247-267.
- SIMMEL, G. (s/d). *Philosophie de la modernité*. Paris: Payot, pp. 281-303, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1892) "Algumas reflexões sobre a prostituição no presente e no futuro" in *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- \_\_\_\_\_. (1902) "A metrópole e a vida mental" in *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- SOARES, G. B. (1997). *Refúgio no mundo do coração: um estudo sobre o amor na obra de Rousseau*. Dissertação de Mestrado: IMS - UERJ, Rio de Janeiro.

- SOUZA, O. de (1991). "Reflexão sobre a extensão dos conceitos e da prática" in *Clínica do social: ensaios* (Orgs.: Aragão et al.). São Paulo: Escuta.
- \_\_\_\_\_. "O ego no Projeto e o problema da ligação". *Cem anos de Projeto freudiano*. Letra Freudiana. Rio de Janeiro: Revinter, pp. 27-36.
- STOLER, (1973). "Faits et hypothèses: un examen du concept freudien de bisexualité" in *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 7, pp. 135-155.
- URTUBEY, L. (1984). "La jalousie, porte d'entrée de la jalousie inconsciente dans la Cure". *RFP*, 3, pp. 769-774.
- \_\_\_\_\_. (1997). "La jalousie, porte d'entrée de la passion dans la cure". *RFP*, T. 61, v. 1.
- VILHENA, J. de (1999). "Até que o amor nos separe... Algumas reflexões acerca da família contemporânea". *Tempo psicanalítico*. Rio de Janeiro: Revista da Sociedade. Psicanalítica. Iracy Doyle, v.31, pp. 129-142.
- VASSE, D. (1995). *Inceste et jalousie*. Paris: Seuil.
- VIDAL, M. C. V. (1995). "O Outro Primordial no Projeto Freudiano". *Cem anos de Projeto freudiano*. Letra Freudiana. Rio de Janeiro: Revinter, pp. 13-18.
- WEBER, M. (1904-5). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Nova Fronteira, 1989, Int. & caps. 2,3,5.
- WINNICOTT, D. W. (1999). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed..
- ZIZEK, S. (1999). "Sociedade autocrítica, submissão, prazer e gozo". *Pulsional – Revista de Psicanálise*. São Paulo: Livraria Pulsional, Ano XII, nº. 127, novembro.

### Bibliografia Literária

- ALMEIDA SANTOS, W. de (1997). "Dom Casmurro e os farrapos de textos" in *Machado de Assis: uma revisão* (Orgs.: Secchin, A.C.; Gomes, M.A.; Souza, R. M.). Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998.
- AMADO, J. (s/d). "História verdadeira do casamento do Cabo Martim, com todos os seus detalhes, rica de acontecimentos e surpresas – ou – Curió, o romântico, e as desilusões do amor perjuro" in *Pastores da Noite*, v. XVI. São Paulo: Livraria Martins Editora, 17ª ed..
- ASSIS, M. (1881). *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1991.
- \_\_\_\_\_. (1899). *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_. (1998). *Machado de Assis – Contos: uma antologia*. São Paulo: Companhia

das Letras.

- BARTHES, R. (1977). *Fragmentos de um discurso amoroso*. Lisboa: Edições 70.
- BOSI, A. (1994). *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 37<sup>a</sup> ed..
- \_\_\_\_\_. (1999). *Machado de Assis: O enigma do olhar*. São Paulo: Editora Ática, cap. 1, pp. 7-72.
- CAMPOS, H. de (1933). *O monstro e outros contos*. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1962.
- CHALOUB, S. (1998). "Diálogos políticos em Machado de Assis" in *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil* (Org.: S. Chaloub). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CONY, C. H. (1999). *Romance sem palavras*. São Paulo: Cia. das Letras.
- CORÇÃO, G. (1966). *Machado de Assis: Romance*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1969.
- COUTINHO & COUTINHO. (1997a). "Era Romântica" in *A literatura no Brasil*. São Paulo: Global.
- \_\_\_\_\_. (1997b). "O pós-modernismo no Brasil" in *A literatura no Brasil*. São Paulo: Global.
- DOSTOIÉVSKY. (1995). *Os irmãos karamázovi*. São Paulo: Editora Nova Cultural.
- EURÍPIDES. (1995). *Medéia* (trad. Mário da Gama Kury). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FONSECA, R. (1985). *Bufo & Spallanzani*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1994). *Contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1997). *E do meio do meu mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1997a). *Histórias de amor*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GOMES, E. (1967). *O enigma de Capitu*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- \_\_\_\_\_. (1982). "O microrealismo de Machado de Assis" in *Machado de Assis* (Org.: Bosi et al.). São Paulo: Ática.
- GREEN, H. (1964). *Nunca lhe prometi um jardim de rosas*. RJ: Imago, 1974.
- KELLY et al. (2000). *2 Pares Figurados*. Rio de Janeiro: Razão Cultural.
- LISPECTOR, C. (1979). *A paixão segundo G.H.*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- MARQUEZ, G. G. (1985). *O amor nos tempos do cólera* (trad. Antônio Callado). Rio de Janeiro: Record, 2<sup>a</sup> ed..
- NOVO, E. J. R. P. (1985). *Rubem Fonseca: a cordialidade violentada*. Dissertação de Mestrado: Departamento de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro.
- PEDROSA, C. de M. R. (1977). *O discurso hiperrealista (Rubem Fonseca e André*

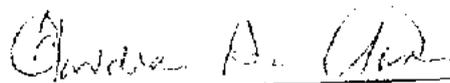
- Gide*). Dissertação de Mestrado: Departamento de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro.
- PROENÇA FILHO, D. (1998). *Capitu memórias póstumas*. Rio de Janeiro: Artium.
- RAMOS, G. (1934). *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Livraria Martins, 11<sup>a</sup> ed., 1969.
- ROBBE-GRILLET, A. (1957). *O ciúme* (trad. Waltensir Dutra). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SANTIAGO, S. (1969). "Retórica da verossimilhança". *Cadernos da PUC – Rio de Janeiro – Série Letras e Artes*, n.º. 11, CTCH, outubro, 1972.
- SCHWARZ, R. (1977). *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades / Ed. 34, 5<sup>a</sup>. ed., cap. 1, 2000.
- SHAKESPEARE, W. (1999). *Otelo – o mouro de veneza* (trad. Barbara Heliodora). Rio de Janeiro: Lacerda Editores.
- SECCHIN, A. C. (1998). "Em torno da traição" in *Machado de Assis: uma revisão* (Orgs.: Secchin, A. C. et al.). Rio de Janeiro: In-Fólio.
- SENNA, M. de (1998) *O olhar oblíquo do bruxo: ensaios em torno de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- SOUZA, R. M. (1998). "O estilo narrativo de Machado de Assis" in *Machado de Assis: uma revisão* (Orgs.: Secchin, A. C. et al.). Rio de Janeiro: In-Fólio.
- SÓFOCLES (1998). *A trilogia tebana* (trad. Mário da Gama Kury). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 8<sup>a</sup> edição.
- TREVISAN, D. (1968). *Desastres do amor*. Rio de Janeiro: Record, 6<sup>a</sup> edição.
- \_\_\_\_\_. (1969). *Guerra conjugal*. Rio de Janeiro: Record, 10<sup>a</sup> edição.
- \_\_\_\_\_. (1998). *O vampiro de Curitiba*. Rio de Janeiro: Record, 20<sup>a</sup> edição.
- VENTURA, Z. (1998). *Inveja: mal secreto*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- VERÍSSIMO, E. (1967). "O tempo e o vento" in *Ficção Completa de Érico Veríssimo em Cinco Volumes*. vols. III, IV e V. São Paulo: Editora Globo, 1<sup>a</sup> ed..
- YUNES, M. J. (1979). *A ideologia do ciúme*. Dissertação de mestrado: Departamento de Letras e Artes, PUC-Rio, Rio de Janeiro.

#### **Reportagens:**

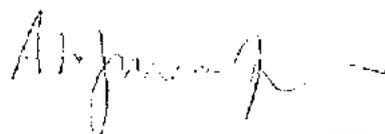
- CÓRTEZ, C. (2000). "O jogo da traição." *Revista Istoé* (Capa), 1/03, pp. 96-101.
- GARÇONI, I. & VILAS, J. (2000). "A flecha preta do ciúme: mistério e paixão nas mortes da mecânica que sonhava em ser modelo e do seu namorado sedutor".

- Revista Istoé* (Brasil / Polícia), 6/12, pp. 40-41.
- GOLDIN, A. (2000). "Marcas do passado podem afetar o presente: Rosana ama Luís, mas teme que ele a troque por outra mulher". *O Globo* (Jornal da Família / Coluna), 26/03, p. 2.
- \_\_\_\_\_. (2000). "Lembranças do passado que ainda machucam: Paula não se livra das imagens de infância, em que seu pai preferia revistas eróticas a mulheres reais". *O Globo* (Jornal da Família / Coluna), 23/04, p. 2.
- GRANATO, A. (1999). "Traição e Ciúme". *Revista Veja* (Capa), 14/06, pp. 120-126.
- GULLO, C. & PEREIRA, C. (2000). "Paixão é doença". *Revista Istoé* (Entrevista com o psiquiatra Rubens Coura), 26/04, pp. 7-11.
- LOPES, M. A. & GODOY, F. (1999). "Swing na nossa cama ou na de vocês? Playboy percorre os pontos de partida da troca de casais e desvenda as peripécias desse universo". *Revista Playboy* (Comportamento), julho, pp.152-158.
- MARINHO, A. & CEZIMBRA, M. (2000). "Fronteiras do amor: pesquisa compara como jovens suíços e brasileiros vivem a paixão". *O Globo* (Jornal da Família / Capa), Domingo, 23/04, pp. 1-2.
- MAZZARO, M. (2000). "Ciúme: quando o barraco é a solução". *Revista Sui Generis* (Comportamento / capa), 22/03, pp.46-49.
- MEIRELLES, C. & CLAUDIO, I. (2000). "Tiro na noite: o ótimo *Bufo & Spallanzani* inaugura nova safra de filmes policiais baseados em famosos romances brasileiros do gênero". *Revista Istoé* (Artes & Espetáculos), 25/10, pp. 132-133.
- NOGUEIRA, K. (1999). "Sexo não é tudo: o especialista em relacionamento amoroso fala sobre casamento, ciúme e uma preferência masculina: a infidelidade". *Revista Veja* (Entrevista com prof. Ailton Amélio da Silva [USP]), 21/07, pp. 11-13.
- PAIXÃO, R. (1999). "Capitu de verdade: teria a mulher de José de Alencar traído seu marido com Machado de Assis?". *Revista Veja* (Livros), 11/08, pp. 138-139.
- PARCIAS, C. (2000). "Isso é ciúme... Bem dosado, o sentimento dá até um tempero na relação. Em excesso, pode ser considerado o oitavo pecado capital". *Jornal do Brasil* (Capa e contracapa Suplemento Vida), Domingo, 1/10, pp. 1-2.
- TOLEDO, R. P. (1999). "Kennedys, realismo e romantismo: o modo como se percebe esta famosa família é ambíguo e esquivo como um vôo numa noite de névoa". *Revista Veja* (Coluna), 28/07, p. 158.
- VEIGA, A. & GRANATO, A. (1999). "Casamento: a hora de investir e a hora de desistir". *Revista Veja* (Capa), 11/08, pp. 98-106.

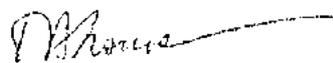
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Marília Etienne Arreguy, intitulada "Entre o excesso e a ausência: O ciúme amoroso nas narrativas psicanalítica e literária", e aprovada pelo Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



Profa. Claudia Amorim Garcia  
PUC-Rio (Orientadora)



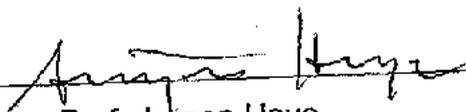
Prof. Benilton Carlos Bezerra Junior  
UERJ



Prof. Octavio de Souza  
PUC-Rio

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, ..19..107..2001.



Prof. Jurgen Heye

Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas